



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Campus I – Rodovia BR 285, Km 292

Bairro São José – Passo Fundo, RS

CEP: 99.052-900

E-mail: ppgletras@upf.br

Web: www.ppgl.upf.br

Fone: (54) 3316-8341

Rubiamara Pasinatto

**O PODER SIMBÓLICO DO LIXO:
A (RE)-EMERGÊNCIA DO SUJEITO EXCLUÍDO
PELO URBANO**

Passo Fundo
2014

Rubiamara Pasinato

**O PODER SIMBÓLICO DO LIXO:
A (RE)-EMERGÊNCIA DO SUJEITO EXCLUÍDO
PELO URBANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Letras do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial à obtenção ao título de Mestre em Letras, linha de pesquisa em Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso.

Orientadora: Dra. Carme Regina Schons

Passo Fundo
2014

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha
família, apoio incondicional.

AGRADECIMENTOS

Poderia ficar em silêncio, não falar, não dizer, já que em Análise do Discurso o silenciar também significa. Contudo, mesmo sabendo que não posso controlar os sentidos daquilo que estou escrevendo não posso me furtar de dizer, de marcar aqui alguns agradecimentos.

Primeiro quero agradecer a Deus, o criador do universo e de todas as oportunidades que me trouxeram até aqui. Àquele a quem chamei muitas vezes durante a construção deste trabalho, quando fraquejei e os conceitos e categorias da AD pareciam indecifráveis.

Agradeço também...

à minha família. Aos meus pais, por acreditarem sempre nos meus ideais, me incentivarem, fazendo, muitas vezes, dos meus sonhos seus também. Enfim, pelo amor incondicional. À minha irmã Lia e meu cunhado Jacir, que, cada um à sua forma, sempre estiveram presentes me incentivando, acompanhando e torcendo por mim.

aos amigos que conquistei nesses dois anos de mestrado, que foram companheiros de jornada, em especial, a Lisiane e a Neuzer. Certamente, gurias, junto aos conhecimentos que adquiri, a amizade de vocês é uma das heranças mais preciosas desse período. Obrigada por terem partilhado comigo os momentos de angústia, de incertezas e, de muitas alegrias, sim, alegrias, porque houve oportunidades em que os sorrisos tomaram conta de nossas faces: jamais esquecerei disso!

às professoras Gizele Zanotto e Elizabeth Fontoura Dorneles pelas contribuições feitas no momento de qualificação. A esta quero registrar meu agradecimento especial por ter permitido meu primeiro contato com a análise de discurso, lá em 2008, na especialização, bem como pelos preciosos anos de convivência profissional na Unicruz. Guardo no coração todos esses momentos.

Ah, sim, o que dizer da professora Carme, minha orientadora, incentivadora, que durante esses dois anos me ensinou muito mais do que teoria e conhecimentos para a vida acadêmica. Mostrou-se uma guerreira, uma lutadora e fez com que eu pudesse entender que a vida precisa ser vivida a cada minuto e que amar aquilo que se faz é “meio caminho andado” para a realização dos sonhos. Muito obrigada!

Em tempo, ainda quero agradecer aos catadores do projeto Profissão Catador de Cruz Alta, pela receptividade e por aceitarem participar de minha pesquisa. Vocês têm muito a ensinar para o mundo...

Alguma consciência emergiu. Passei a ver coisas que não via. Passei a ouvir coisas que não ouvia. Passei a sofrer pelas coisas pelas quais não sofria. Pano de fundo tornou-se figura. O drama da luta de classes, já tão enraizado socialmente, contaminando a seiva que vitaliza nossas relações com o outro, transformando nossa visão em cegueira, escancarou-se.
COSTA (2008, contracapa).

RESUMO

As ruas e avenidas das pequenas e grandes cidades são palco de diferentes formas de estar sujeito, que tanto transita (circula livremente por diferentes espaços) como parte em busca desesperada pela sobrevivência: vendendo, trabalhando, divertindo. Tudo de maneira (im)previsível. Nesse contexto, surge então um sujeito que anda pelas ruas das cidades e que encontra seu sustento a partir daquilo que o outro descarta: o catador de lixo, também chamado de lixeiro e, mais recentemente, catador de materiais recicláveis. Em específico, o interesse desta dissertação é pelo discurso dos sujeitos que integram o projeto Profissão catador: entre o viver o sobreviver do lixo, realizado na cidade de Cruz Alta - RS. A materialidade analisada consta de 55 sequências discursivas, recortadas de dez cartas produzidas pelos catadores nos meses de março e julho de 2013, como parte de um sistema de avaliação do projeto, bem como de dez entrevistas realizadas em julho de 2014. Do arquivo documental (cartas) e do construído (entrevistas) foram organizadas 12 famílias parafrásticas. A disciplina utilizada para a interpretação do *corpora* é a Análise de Discurso com filiação em Michel Pêcheux (AD). Estabelecida como uma crítica às teorias idealistas, a AD concebe a linguagem de uma maneira ímpar, observando a movimentação de sentidos não na língua, mas no discurso e levando em conta o encontro desta língua com a história. Desse modo, a língua na AD é aquela que admite o equívoco, que é incompleta e, portanto, passível de falha. Tomamos como efeito inicial para as análises, a FD coletor (FDC), cuja forma-sujeito está relacionada à condição inicial do ofício de catação, na qual os catadores andavam pelas ruas sozinhos revirando o lixo em busca de alimento e de materiais que podiam ser revendidos. A FDC se mostra bastante heterogênea, isto é, há nela espaço para a entrada e circulação de diferentes saberes, que refletem em contradição no interior da FD. Os motivadores dessa heterogeneidade são os saberes ligados ao processo auto-organizativo, ao meio ambiente e à cidadania, os quais representam diretamente o modo como os sujeitos passaram a se relacionar simbolicamente com a catação, bem como com a sociedade, após a inserção no projeto. É justamente este “desarranjo” na FDC, que assinala as diferentes posições que o sujeito assume em seu discurso, pois, conforme Pêcheux (1995, p. 160), as palavras e as expressões deste mudam de sentido conforme as posições ocupadas por ele, sempre em referência às formações ideológicas. Verificamos que a partir do ingresso no projeto Profissão catador, portanto, na condição de associado, o discurso do catador passou a ser enunciado de diferentes posições, isso pela condição de heterogeneidade da FDC, na qual acompanhamos a presença de saberes com raízes anarquistas, como a solidariedade e a autogestão. Além disso, as análises também evidenciaram que esta nova condição de associado modifica não somente o modo como os sujeitos se relacionam simbolicamente com o seu trabalho e com o lixo, mas interfere no imaginário desses sujeitos a respeito desses dois aspectos.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Catador de materiais recicláveis. Formação discursiva catador. Político. Posições-sujeito.

RESUMÉ

Les rues et avenues de les petites et grandes villes sont le théâtre pour différents façons d'être sujet, qui transite (en circulant librement dans différents espaces) et part à la recherche désespérée pour survie : en vendant, en travaillant, en s'amusant, en fouillant dans les ordures. Tout à fait (im)prévisible. Dans ce contexte, un sujet qui marche dans les rues de la ville apparaît, donc, et il gagne sa vie avec ce que l'autre jette aux ordures : les ramasseurs de résidus, ou, récemment, les ramasseurs de matériaux recyclables. L'intérêt de cette dissertation, spécifiquement, est pour le discours des sujets qui font partie du projet « Profession ramasseur de résidus : entre le vivre et le survivre des ordures », réalisé à Cruz Alta – ville dans Rio Grande do Sul, au Brésil. La matérialité analysée est formée par 55 séquences discursives, coupées à partir de 10 lettres écrites par les ramasseurs de résidus, entre les mois de mars et juillet de 2013, comme partie d'un système d'évaluation du Projet et, aussi, à partir de 10 interviews réalisés en juillet de 2014. À partir des lettres et des interviews, 12 familles paraphrastiques ont été organisées. La discipline utilisée pour interpréter le *corpus* c'est l'Analyse du Discours, de Michel Pêcheux (AD). Ayant été établie comme une critique des théories idéalistes, L'AD conçoit la langue de une façon unique, en regardant le mouvement de sens pas dans la langue, mais dans le discours et en considérant le rencontre de la langue avec l'histoire. Ainsi, la langue qui est travaillé par la discipline n'est pas la grammaticale, mais cela qui admet l'équivoque, qui est incomplète et, donc, qui peut être faillible. Nous avons pris comme effet initial pour les analyses la FD Coletor (FDC – ou Formation Discursive Ramasseur FDR), dont la forme-sujet est liée à la condition initiale de la profession de ramasseur, qui marche dans les rues seule, en fouillant les ordures à la recherche d'aliments et de matériaux que peut être vendus. La FDC est vraiment hétérogène, il y a space pour que différents savoirs, qui reflètent en contradiction dans la FD, entrent et circulent. Les motivateurs de cette hétérogénéité sont les savoirs liés au processus auto-organisationnelle, à l'environnement et à la citoyenneté, qui représentent directement comme les sujets sont liés symboliquement à l'action de ramasser, et aussi à la société, après le Projet. C'est justement ce « dérangement » dans la FDC qui indique les différents positions que le sujet pose dans son discours, car selon Pêcheux (1995, p. 60), les mots et les expressions du sujet changent le sens selon les positions occupées par lui, toujours en référence aux formations idéologiques. Nous avons vérifié que à partir de l'entrée dans le projet Profession Ramasseur de résidus, donc, dans la condition d'associé, le discours du ramasseur a été énoncé de différents positions, en raison de la condition d'hétérogénéité de la FDC, où on peut voir la présence de savoirs avec caractéristiques anarchistes, comme la solidarité et l'autogestion. En outre, les analyses indiquent aussi que cette nouvelle condition d'associé ne change seulement la façon dont les sujets sont liés symboliquement au travail et aux ordures, mais interfère avec l'imaginaire de ces sujets quant à des deux aspects.

Mots Clés: Analyse du Discours. Ramasseur de matériaux recyclable. Formation discursive ramasseur. Politique. Positions-sujet.

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1: Representação das formações imaginárias das imagens dos interlocutores sobre os referentes.....	58
Quadro 2: Representação das formações imaginárias - antecipações do receptor	61
Quadro 3: Proposta de representação das formações imaginárias das imagens dos interlocutores sobre os referentes.....	62
Quadro 4: Síntese da distribuição das sequências discursivas e famílias parafrásticas.....	79
Quadro 5: Família Parafrástica 1: Entre a discriminação e o reconhecimento: o direito à consideração.....	82
Quadro 6: Síntese das posições assumidas pelo catador na FP 1.....	85
Quadro 7: Família Parafrástica 2: Discurso da transformação: passado-presente.....	87
Quadro 8: Síntese das posições assumidas pelo catador na FP 2.....	93
Quadro 9: Funcionamento discursivo das expressões “antes e antigamente”	93
Quadro 10: Família Parafrástica 3: Reciclagem e sustentabilidade.....	95
Quadro 11: Síntese das posições assumidas pelo catador na FP 3.....	97
Quadro 12: Família Parafrástica 4: Dignidade do trabalho de catador.....	100
Quadro 13: Síntese das posições assumidas pelo catador na FP 4.....	104
Quadro 14: Família Parafrástica 5: Preservação do meio ambiente	105
Quadro 15: Funcionamento discursivo do verbo ajudar.....	108
Quadro 16: Família Parafrástica 6: Aprendizado.....	110
Quadro 17: Funcionamento discursivo do verbo aprender ou enunciados referentes.....	113
Quadro 18: Família Parafrástica 7: O reconhecimento do ensino formal para a autonomia do sujeito.....	114
Quadro 19: Família Parafrástica 8: Insegurança/medo de assumir responsabilidades.....	117
Quadro 20: Família Parafrástica 9: A presença da Petrobrás e da Unicruz.....	119
Quadro 21: Funcionamento discursivo de nossa/nosso.....	121
Quadro 22: Família Parafrástica 10: Capacitação para a reciclagem	125
Quadro 23: Família Parafrástica 11: União como potencial de força da categoria	129
Quadro 24: Funcionamento discursivo de nossa/nosso	130
Quadro 25: Família Parafrástica 12: Realização pessoal	134
Quadro 26: Funcionamento discursivo do sintagma verbal	138
Quadro 27: Retomada dos gestos interpretativos das famílias parafrásticas.....	144

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Movimentação do sujeito na PSP na SD 23.....	101
Figura 2: Projeção que o sujeito faz de si sem as Instituições.....	122
Figura 3: Projeção que o sujeito faz de si com as Instituições.....	123
Figura 4: Processo de consumo e reciclagem.....	124
Figura 5: Movimentação do sujeito na PSA na SD 49.....	131
Figura 6: Movimentação do sujeito na PSRP na SD 51.....	135

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AD - Análise do Discurso
- AIE - Aparelhos Ideológicos de Estado
- AIT - Primeiro Congresso da Associação Internacional de Trabalhadores
- CBO - Classificação Brasileira de Ocupações
- CLT - Consolidação das Leis do Trabalho
- CP - Condições de Produção
- FD - Formação Discursiva
- FDs - Formações Discursivas
- FP - Família Parafrástica
- FS - Forma-sujeito
- SD - Sequência Discursiva
- FDC - Formação Discursiva Coletor
- FDM - Formação Discursiva Mendigo
- PNRS - Política Nacional de Resíduos Sólidos
- PS - Posição-Sujeito
- PSAMB - Posição-sujeito Ambientalista
- PSAA - Posição-sujeito Associado Aprendiz
- PSA - Posição-sujeito Associado
- PSCF - Posição-sujeito Chefe de Família
- PSC - Posição-sujeito Cidadão
- PSL - Posição-sujeito Lixeiro
- PSPT - Posição-sujeito Pedinte
- PSP - Posição-sujeito Profissional
- PSRP – Posição-sujeito Realizado-Pessoalmente
- PSR - Posição-sujeito Reciclador
- PSSA- Posição-sujeito Subautônomo
- PST - Posição-sujeito Trabalhador

SUMÁRIO

SAINDO À RUA	12
1 CIDADE, SUJEITOS E SENTIDOS	16
1.1 Espaço urbano: território de múltiplos sujeitos e sentidos.....	19
1.2 Da palavra manifesta à dominação do capital	23
1.3 Do lixo à constituição de sentidos para a informalidade.....	26
1.4 As associações e o (re)surgimento do catador.....	30
1.5 O papel do catador na cadeia da reciclagem.....	35
1.5.1 De lixeiro a catador de materiais recicláveis	37
1.6 Profissão Catador: entre o viver e sobreviver do lixo.....	39
.	
2 AS RUAS E AVENIDAS DA (NA) ANÁLISE DE DISCURSO.....	42
2.1 Língua, discurso e ideologia.....	45
2.2 Formação discursiva e formação ideológica.....	48
2.3 Sujeito: em busca de uma definição	50
2.3.1 O sujeito e seus desdobramentos a partir da tomada de posições	53
2.4 Língua e história: a materialização no interdiscurso.....	55
2.5 Imaginário: projeções do sujeito no discurso.....	57
3 CORPORA E GESTOS INTERPRETATIVOS.....	64
3.1 Arquivo: o documental e o construído.....	66
3.2 Condições de Produção.....	69
3.3 As sequências discursivas e a sintaxe.....	72
3.4 Os sentidos na repetibilidade: a paráfrase.....	76
3.5 As matrizes do sentido no dizer do sujeito catador.....	78
3.5.1 Do não pertencimento ao direito à consideração.....	81
3.5.2 Vidas transformadas: o retorno ao passado para dizer sobre o presente.....	86
3.5.3 Eu não trabalho com lixo. Eu trabalho com reciclagem!.....	94
3.5.4 A dignidade e o respeito a partir da minha profissão.....	98
3.5.5 Entre catar e preservar.....	104
3.5.6 A Associação enquanto local de aprendizagem.....	109

3.5.7 A língua que cala.....	113
3.5.8 Tenho medo de “caminhar” sozinho.....	117
3.5.9 O institucional no discurso do catador.....	118
3.5.10 Constituição de sentidos no processo da reciclagem.....	124
3.5.11 União, poder de decisão e legitimação.....	128
3.5.12 Representação da e na (sobre)vida.....	133
3.6 (Re)Significando o lixo.....	139
FIM DO TRAJETO, MAS NÃO DOS SENTIDOS.....	148
REFERÊNCIAS.....	152
ANEXOS.....	158
ANEXO 1 - Cartas.....	159
ANEXO 2 - Entrevistas.....	162
ANEXO 3 - Detalhamento de Ações do Projeto Profissão Catador II.....	165

SAINDO À RUA¹

Um mesmo *corpus* pode ser contemplado por diferentes perspectivas teóricas, ou por distintos pontos de vista. Diante disso, a partir do que postula Saussure (2003, p. 15), em *Curso de Linguística Geral*, o que modifica o objeto é a perspectiva pela qual estamos observando.

Assim, se permanecermos em casa, confortáveis, olhando a rua e aquilo que se passa nela pela porta ou janela, teremos um ponto de vista do que estamos observando. Logo, se sairmos do lugar comum, ganhando a cidade, teremos outra “paisagem”, e conseqüentemente outra leitura, já que o urbano é um campo diverso não apenas de construções, com suas cores e modelos arquitetônicos, mas também de sujeitos que simbolizam ao se relacionarem entre si e com o espaço em que estão.

É nesse sentido que vamos encaminhar este estudo, concebendo a rua como espaço público, atravessado de conflitos, de desordens, de encontro, de convivência e, às vezes, de permanência, de diferentes formas de estar sujeito, que tanto transita quanto busca a sobrevivência, vendendo, trabalhando, divertindo, catando lixo, portanto, serve para usos pluralizados. Tudo de maneira (im)previsível.

Diante disso, é nesse universo de (im)previsibilidade que encontramos os sujeitos, cujos discursos iremos analisar nesta dissertação: os catadores de lixo, também chamados de “lixeiros” e, mais recentemente, diante das políticas de gestão dos resíduos sólidos e de sustentabilidade, de catadores de materiais recicláveis.

O surgimento desses sujeitos tem relação direta com as questões que envolvem o consumismo, que toma forma como um dos principais determinantes do crescimento de produção dos resíduos. Outro fator que incidiu no aparecimento dos catadores é que a catação se apresentou como uma alternativa de trabalho para aqueles que, em virtude de diferentes motivos, entre os quais figura a baixa escolaridade, acabaram encontrando na rua um espaço de trabalho, que garanta o sustento para si e os seus. Além disso, contribui para esse efeito de evidência dos catadores, o próprio discurso da sustentabilidade diante do contexto de mundo globalizado.

¹ Sair à rua pode ser indicativo de marcha, de protesto, contudo, neste estudo o entendimento que temos da expressão é no sentido de movimentação em prol da sustentabilidade,

Em específico neste estudo, nosso interesse é pelos sentidos do discurso dos catadores que integram o projeto Profissão Catador: entre o viver o sobreviver do lixo, sediado na cidade de Cruz Alta - RS.

Mas como adentrar em um espaço de múltiplos discursos cujos sentidos, já sabemos, são intermináveis? Nossos gestos de interpretação serão amparados pela Análise de Discurso (AD) filiada em Michel Pêcheux. A disciplina trabalha com a língua em funcionamento, ou seja, com as palavras em movimento perpassadas sempre pela ideologia e, assim, a partir do discurso, observa o homem falando. É diante dessa perspectiva que pretendemos “olhar” o discurso dos catadores de materiais recicláveis que participam do projeto Profissão Catador.

Nosso *corpora* é composto de 55 sequências discursivas, organizadas a partir de dez cartas produzidas pelos catadores nos meses de março e julho de 2013, como parte de um sistema de avaliação do Projeto, bem como de dez entrevistas realizadas em julho de 2014. Do arquivo documental (cartas) e do construído (entrevistas), foram organizadas 12 famílias parafrásticas em torno dos seguintes temas: discriminação e reconhecimento, discurso de transformação: passado-presente, reciclagem e sustentabilidade, a dignidade do trabalho de catador, preservação do meio ambiente, aprendizado, o reconhecimento do ensino formal para a autonomia do sujeito, insegurança/medo de assumir responsabilidades, a presença da Petrobras e da Unicruz, capacitação para a reciclagem e união como potencial de força da categoria.

Amparados na AD, temos como objetivo central identificar e analisar as marcas linguísticas apreendidas no discurso do catador que apontam para a (re)emergência desse sujeito, que, num primeiro momento, andava isoladamente pelas ruas em busca de sustento e de uma situação digna de vida, e que, a partir do momento em que passa a integrar o projeto, se vê em um novo contexto.² Em outras palavras, queremos entender como a organização do catador em associação interfere no seu discurso. Ainda pretendemos verificar as diferentes posições assumidas pelo sujeito no discurso, tendo em vista a circulação de novos saberes (trazidos pelo projeto) na formação discursiva coletor (FDC). Outro objetivo, secundário, é apontar e refletir sobre os deslizamentos de sentidos em diferentes expressões que envolvem o universo da pesquisa, como reciclagem, lixeiro, catador de lixo e de materiais recicláveis.

² Explicaremos mais especificamente o panorama encontrado pelo catador ao ingressar no projeto Profissão Catador: entre o viver e sobreviver do lixo nos itens 1.6 (capítulo 1) e 3.2 (capítulo 3).

A dissertação³ está inscrita na linha de pesquisa de Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. O despertar acadêmico para o estudo partiu da perspectiva de que, ao usar a língua, materialidade específica do discurso, e identificar-se com determinados saberes, o sujeito catador se inscreve em uma dada formação discursiva heterogênea, passando de um lugar empírico social para o discursivo, podendo ocupar diferentes posições. Diante disso, o estudo se justifica na perspectiva acadêmica, tendo em vista que o sujeito é uma das categorias essenciais dentro da análise de discurso de linha francesa. A disciplina tem se mostrado frutífera não somente para analisar aquilo que está restrito aos contextos acadêmicos, mas também para trabalhar outras formas de ler/ver o sujeito nos espaços em que habita e o modo como é visto pela sociedade, produzindo, dessa forma, inovação de tecnologia social. Em outras palavras, são técnicas, materiais e procedimentos metodológicos com impacto social comprovado, criados a partir de necessidades sociais, com o fim de discutir e/ou solucionar um problema social.

O trabalho também se mostra importante no âmbito social, tendo em vista que não vivemos em uma ilha, assim, a questão do lixo, seu destino e os envolvidos nesse contexto despertaram-nos o interesse tempos antes de iniciarmos este estudo, pois tivemos a oportunidade, a partir da atuação profissional enquanto jornalista, de acompanhar de perto o dia a dia desses sujeitos. Em sua rotina sofrida, de andar pelas ruas no frio, sob o sol forte, chuva, buscando entre lixeiras, *containers* e amontoados de sacolas dispensadas pelos outros, materiais recicláveis, como papel, plástico e alumínio, que possam ser revendidos.

O estudo está organizado em três capítulos. O primeiro, “Cidade, sentidos e sujeitos”, apresenta a cidade, mais especificamente as ruas e avenidas, como um espaço de continuidades e descontinuidades e que abriga diferentes formas de estar sujeito, que tanto circula livremente por diferentes locais para acessar outros, quanto elege, forçadamente, a rua como local de trabalho e de busca pela subsistência. Além dessa contextualização, o capítulo abriga ponderações em torno das raízes do capitalismo, sobre as perspectivas sociológicas e antropológicas de nominar a rua, enquanto não-lugar e entre-lugar, e o político manifestado pela palavra em sinal de resistência à dominação pelo capital. Também tratamos a respeito da fluidez da sociedade, a partir da qual as pessoas passam a consumir mais, do surgimento das

³ Outros estudos que abordam a temática: “Liminaridade e Exclusão: os catadores de materiais recicláveis e suas relações com a sociedade brasileira” disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD92MLVK/texto_final_para_cd.pdf?squence=1>, “Catadores de materiais recicláveis, consumo e valoração social” disponível em <https://www.ufmg.br/revistaufmg/downloads/20/12-catadores_de_materiais_recicl_veis_beatriz_judice.pdf>.

associações de catadores, nas quais circulam princípios anarquistas de solidariedade e autogestão, e refletimos, a partir de documentos, sobre as designações usadas para referência ao sujeito que vive da catação.

No segundo capítulo, “As ruas e avenidas da análise de discurso”, dissertamos sobre os conceitos basilares da análise de discurso. Dessa forma, abordamos a relação entre língua-discurso-ideologia, diante da perspectiva de que, para a AD, não há discurso sem sujeito, tampouco sujeito sem ideologia, já que esta o chama à existência. Além disso, tratamos sobre as relações entre formação discursiva e formação imaginária, traçamos uma linha em torno da definição da categoria de sujeito, pensando desde as contribuições da filosofia, da psicanálise, até chegar na AD e de seus desdobramentos a partir da tomada de posições. E fechamos o embasamento teórico pensando na memória no eixo do discurso, isto é, o interdiscurso.

O capítulo de fechamento desta dissertação tem como ponto alto as análises do *corpora*. Contudo, antes da análise das SDs, refletimos sobre a organização do arquivo, pontuando o arquivo documental e construído, as condições de produção da materialidade, a sintaxe como constitutiva de um observatório dos discursos. Além disso, trazemos a paráfrase, enquanto processos parafrásticos, a partir da qual há sempre algo que se mantém, isto é, a memória entre os discursos. A parcela analítica na qual mobilizamos os conceitos tratados nos capítulos 1 e 2 foi organizada em 12 subseções, a partir de famílias parafrásticas, das quais já explicitamos os temas nesta introdução.

Por fim, as considerações finais designadas “Fim do trajeto, mas não dos sentidos”, mais as referências e os anexos.

1 CIDADE, SUJEITOS E SENTIDOS

*O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.*

(Fragmento do poema “O bicho”, de Manoel Bandeira, 2003).

Na cidade vê-se em toda parte a grandiosidade do progresso. Nos muros, nas calçadas, às margens dos rios, no centro ou na periferia, há muita vida e sujeitos significados na e pela cidade. A própria cidade respira e vive como ser grandioso e insondável, estreitando-se num abraço amigo e acolhedor das pessoas que nela habitam. A convivência (des)harmoniosa transforma a vida, deixa muitos ressentidos, feridos, recuados às margens de seus próprios contornos geométricos. As dificuldades levam andarilhos, pedintes, desempregados a partilharem proximidades de sonhos, buscas constantes de subsistência.

Certamente, a principal busca está na saciedade da fome, de algo que nos parece simples, mas que não se resume em desejo e escolha, e sim em disponibilidade de ter o que comer. Além do que, “o que comer”, para alguns, deve ser retirado da rua, dependendo da sorte de ser o primeiro a encontrar os “restos” que alguém tenha descartado do almoço ou janta. E se o “dia” for realmente de sorte, em meio ou próximo à comida, poderá encontrar um material ou outro que possa ser vendido para lhe render um “trocado”.

A existência de pessoas que perambulam pelas ruas, remexendo aquilo que é depositado na porta de casa ou dispensado em lixeiras, *containers* ou propriamente que disputam com os animais, é recorrente, por exemplo, em 1947, foram descritas por Manoel Bandeira em seu poema “O bicho” e, mais recentemente, no documentário produzido por Jorge Furtado, *Ilha das Flores*⁴.

A cidade dá a essas pessoas a inesperada chance de se acolherem dentro de suas dificuldades, tornando suficiente o que já não é mais do outro. Muitos passaram a procurar-recolher, transformando o cenário de suas vidas e da cidade. É impossível crescer/transformar sem tropeçar em sonhos. Viver ou morrer, quando se é a própria vida que “desagua” em restos de ambições, pressas e incompreensões de quem transforma o outro sem

⁴ A produção audiovisual está disponível na internet no seguinte endereço: www.downloadcult.com/2011/08/06/0796-ilha-das-flores-1988.

valor, dizer passa ser um ato de coragem. Assim, catar comida entre os detritos, (des)assemelhar-se da própria espécie e chegar à condição de animal, de certa maneira, é consequência da urbanização e, porque não dizer, da “vida moderna”.

A urbanização intensa e o estilo de vida das pessoas alteraram significativamente a quantidade de resíduos gerados, cuja produção é tão antiga quanto o processo de ocupação da terra pelo homem.

Segundo Dias (2004, p. 24), já em 2000 a.C. a Terra era habitada por aproximadamente 27 milhões de seres humanos, cuja quantidade era incapaz de causar sensíveis impactos ambientais. Com a circulação da espécie humana por territórios até então não explorados, houve a modificação dos ecossistemas, inicialmente em aspectos como a caça e a coleta de alimentos.

Logo, conforme Dias (2004, p. 24), a ocupação territorial e o aumento da população geraram a necessidade do aumento da produção. O homem, na tentativa de saciar necessidades e, até muitas vezes, seus desejos, passou a interferir naquilo que estava à sua volta.

Quase tão antiga quanto à ocupação territorial pelo homem, é a luta de classes, configurada por explorados e exploradores, num litígio que se articula em torno do capital⁵, sem o qual não é possível prosseguir o regime que oprimiu escravos, patrícios, servos e que tem continuidade hoje na sociedade capitalista demarcada no proletariado.

Não há como abordarmos as questões de aumento da produtividade sem mencionar a Revolução Industrial. De acordo com Marx (1996a, p. 11), a Revolução foi o grande marco para o capitalismo moderno, que trouxe, inicialmente para a Inglaterra, intensas transformações das forças produtivas. Houve a substituição das manufaturas pelas indústrias têxteis, do trabalho artesanal pelo da máquina, assim, a ascensão do modo capitalista de produção.

A partir da revolução, a máquina substituiu o homem e deu vazão às questões do aumento de produtividade.

⁵ Na perspectiva marxista (1996b, p. 269), o capital é o processo de expansão do valor, o qual assume um desenvolvimento, um movimento próprio, em que mercadoria e dinheiro são formas transitórias. Já o dinheiro é um meio de troca particular do modo de produção burguês, ou seja, é a forma material de existência da riqueza abstrata. Numa sociedade baseada na troca de mercadorias, o dinheiro não é um mero instrumento, mas sim, um meio de socialização econômica.

A máquina, da qual parte a Revolução Industrial, substitui o trabalhador, que maneja uma única ferramenta, por um mecanismo, que opera com uma massa de ferramentas iguais ou semelhantes de uma só vez, e que é movimentada por uma única força motriz, qualquer que seja sua força [...]. O aumento do tamanho da máquina de trabalho e do número de suas ferramentas operantes simultaneamente exige um mecanismo motor mais volumoso, e esse mecanismo, para superar sua própria resistência, precisa de uma força motriz mais possante do que a força humana; *isso sem considerar que o homem é um instrumento muito imperfeito de produção de movimento uniforme e contínuo.* (MARX, 1996a, p. 11, grifo nosso).

Nesse contexto, o trabalhador tornou-se um apêndice da máquina, subordinando-se aos movimentos dela. Além do aumento da produção, a substituição da mão de obra pela maquinaria elimina os erros e garante uniformidade nos processos, que antes estavam sujeitos a falhas e inconstâncias dos seres humanos.

Na perspectiva marxista, as mudanças no meio de produção não atingiram somente os trabalhadores, houve também novos comportamentos sociais e a reconfiguração das formas de acumulação de capital, que contribuíram decisivamente para que a sociedade passasse a se dividir em duas classes sociais opostas, antagônicas: a burguesia e o proletariado.

É importante assinalarmos nesse ponto que todo o modo de produção também é um modo de reprodução, o que nos leva a recorrer à obra *Aparelhos ideológicos de estado* (AIE), de Althusser (1985), a qual retoma as discussões de Marx a respeito do capitalismo e aborda os meios de produção e de reprodução da força de trabalho.

[...] a reprodução da força de trabalho não existe somente uma reprodução de sua qualificação mas ao mesmo tempo uma reprodução de sua submissão às normas da ordem vigente, isto é, uma reprodução da submissão dos operários à ideologia dominante por parte dos operários e uma reprodução da capacidade de perfeito domínio da ideologia dominante por parte dos agentes de exploração e repressão, de modo a que eles assegurem também “pela palavra” o predomínio da classe dominante. (ALTHUSSER, 1985, p. 58).

Nesse sentido, é a presença do Estado como uma “máquina” de repressão que permite à classe dominante assegurar a dominação sobre a classe operária, submetendo-a ao processo de extorsão da mais-valia. O Estado, na perspectiva de Althusser, assim como a religião, a família, o jurídico, o sindical, entre outros, é um legítimo AIE a serviço da classe dominante, que por meio da ideologia reproduz as relações de produção do capitalismo. “Os mecanismos que produzem esse resultado vital para o regime capitalista são naturalmente encobertos e dissimulados por uma ideologia da Escola universalmente aceita, que é uma das formas essenciais da ideologia dominante [...]” (ALTHUSSER, 1985, p. 80).

A escola, então, substituiu a Igreja e passou a ocupar papel fundamental como aparelho ideológico de estado dominante, desempenhando função importante na reprodução das relações de produção ameaçada em sua existência pela luta mundial de classes.

Diante disso, neste capítulo faremos um percurso teórico que abordará a cidade, mais especificamente o urbano, e os sujeitos que circulam pelas ruas e avenidas, discutindo-os como seres e espaços simbólicos. Além disso, também dedicaremos a atenção ao político expresso pela palavra que manifesta as injustiças; o lixo como resultado de um sistema capitalista de bens descartáveis; o processo organizativo dos catadores em associações, fato que também interfere na designação desses sujeitos; ainda, uma contextualização do projeto Profissão Catador: entre o viver e o sobreviver do lixo, do qual participam os sujeitos, que analisaremos a materialidade linguística.⁶

1.1 Espaço urbano: território de múltiplos sujeitos e sentidos

O sujeito tem seu espaço discursivo⁷ na sociedade pautado no urbano e no rural e dessa maneira, ao circular por esses locais constituídos no campo e na cidade, produz sentidos.

Neste estudo em específico, interessamo-nos pelo domínio discursivo⁸ urbano, uma vez que o sujeito de nossa pesquisa é o catador de materiais recicláveis. São as ruas e as avenidas os lugares que servem para o trânsito diário de pessoas e carros, espaço geograficamente delimitado para esse sujeito, que não apenas circula no ambiente de uma cidade, mas o utiliza, muitas vezes, para moradia e local de trabalho.

⁶ O capítulo analítico deste estudo é o 3.

⁷ Segundo Maingueneau (1997, p. 117), são recortes que o analista isola no interior de um campo discursivo, considerando os propósitos de análise. O campo discursivo abriga formações discursivas concorrentes/antagônicas, se constituindo em um ambiente de heterogeneidade discursiva.

⁸ Compreende, conforme Maingueneau (1997, p. 117), uma esfera da vida social ou institucional, tal como a religiosa, na qual se dão práticas que organizam formas de comunicação e suas estratégias de compreensão. Assim, a partir dos domínios discursivos são produzidos modelos de ação comunicativa que se transmitem de geração para geração com propósitos e efeitos definidos. Em meio a vários domínios discursivos, como o jornalístico, o comercial, o industrial, também está o religioso. A análise de discurso entende que o domínio discursivo também pode ser observado como um ponto de articulação e de confronto entre discursos dispostos em dois grandes eixos: domínio de memória (constituída pelo esquecimento/interdiscurso – vertical) e domínio de atualidade (intradiscurso – horizontal).

Tratar dessa temática exige que discutamos algumas designações concernentes a esse contexto, para que possamos construir da melhor maneira um caminho conceitual para as análises e discussões que pretendemos realizar nos capítulos seguintes deste estudo.

Diante disso, antes de nos focarmos diretamente na cidade, discutindo-a como palco de sujeitos e sentidos, trazemos as palavras de Haroche (2008, p. 123). A autora afirma que com o impacto da globalização as sociedades contemporâneas estão se transformando de maneira contínua, tornando-se flexíveis, sem fronteiras e sem limites. Daí o termo “sociedades fluídas”. Em outras palavras, sociedade líquida e, porque não dizer, volátil.

Especificamente sobre o espaço físico urbano, Haroche (2008, p. 95) chama a atenção que, assim como tem sido palco de modificações profundas e aceleradas, também os sujeitos que estão nele são atingidos, pois as individualidades tendem a diminuir, dando lugar a um tipo de subjetividade que se choca com a ideia de uma construção relacional, histórica e coletiva do “Eu”.

[...] questões hoje cruciais: o *papel* do espaço como elemento decisivo de solidez na construção e na formação da *identidade*, e na valorização e aspiração à estabilidade. O recuo contemporâneo da função do espaço parece, portanto, suscetível de acarretar uma transformação mais ampla dos modos de *subjetivação*, dos próprios tipos de subjetividade e, além destes, talvez dos funcionamentos psíquicos: uma incerteza ampliada, um desarvoramento profundo, uma angústia difusa, um sentimento de despossessão de si, uma confissão de impotência e de desconfiança em relação a si mesmo e aos outros. (HAROCHE, 2008, p. 20, grifo da autora).

Na concepção da autora, o espaço é determinante para a formação das individualidades. É uma influência que está ligada à subjetivação, podendo resultar no afloramento de sentimentos e sensações de confusão, desorientação e perda de controle, da confiança nos indivíduos e nas relações com os outros.

A cidade, propriamente o espaço urbano, tem servido como campo para diferentes pesquisas, ancoradas nas mais diversas áreas, como a antropologia, o urbanismo e, inclusive, a análise de discurso. No campo discursivo, os trabalhos têm se voltado à convergência de dois movimentos: questões ligadas à linguagem na e da cidade e simbolização do espaço urbano. Inclusive, nos últimos anos, publicações já vêm sendo dedicadas especificamente ao tema.⁹

Segundo Orlandi, a cidade compreende uma relação discursiva entre espaço, sujeito e acontecimento, “[...] sendo que este último consiste na produção de sentidos urbanos, da

⁹ Referimo-nos às obras: ORLANDI, E. (Org.). *Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano*. Campinas: Pontes, 2001. ORLANDI, E. (Org.). *Para uma enciclopédia da cidade*. Campinas: Pontes, 2003. ORLANDI, E. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.

cidade como lugar simbólico, pensando o espaço em que esses sujeitos se significam, em condições de produção¹⁰ e em uma relação de memória particular [...] no espaço público urbano.” (ORLANDI, 2003a, p. 21).

Em específico sobre a cidade, um dos elementos da tríade, Orlandi (2003a, p. 21) afirma ser esse termo o acontecimento social da atualidade e o que não está compreendido nela é significado por ela. Um exemplo disso é o campo.

Ainda sobre isso, Fedatto comenta que o “[...] urbano é a materialidade que sustenta os sentidos possíveis para a relação entre sujeito e cidade, a natureza dessa relação é função do modo como, na cidade, significamos os espaços comuns: ruas, calçadas, cruzamentos, esquinas, guias. Espaços de entre-meio.” (FEDATTO, 2007, p. 11-12).

Numa interpretação preliminar, entendemos que as ruas e as avenidas são espaços de entre-meio, porque são circulados por esses que os indivíduos chegam até seus destinos. Por exemplo, se uma pessoa sai de casa para se dirigir ao trabalho, de carro ou caminhando, circula entre espaços urbanos que levam de um destino ao outro.

Seguindo a designação de Fedatto (2007, p. 26), os espaços de entre-meio são lugares de subjetivação, de encontros e desencontros de vários sujeitos que utilizam as ruas e as avenidas pelos mais diversos motivos, numa circulação infundável de simbolismos e sentidos passíveis de interpretação.

Noutra perspectiva, mais especificamente nos estudos do crítico indo-britânico Bhabha, é proposto o termo entre-lugares, ou seja, momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais no contexto pós-colonial.

O afastamento das singularidades de “classe” ou “gênero” como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno. O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade. (BHABHA, 2003, p. 19-20).

Os entre-lugares são campos de mudanças, de embates culturais, nos quais há a articulação social das diferenças, da perspectiva da minoria. É um processo de negociação complexo, inacabado, que confere autoridade aos hibridismos culturais, ou seja, a união de culturas diferentes que surgem nos momentos de transformação histórica.

¹⁰ Trataremos desse conceito no capítulo 3.

De outro ponto de vista, o antropólogo francês Augé cunha o conceito de não-lugar, isto é, um espaço que não pode se definir como identitário e relacional, nem histórico. É, diante dos estudos antropológicos, uma proposta de defesa da supermodernidade como produtora de não-lugares.

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a “lugares de memória”, ocupam aí um lugar circunscrito e específico. (AUGÉ, 2005, p. 73).

Os não-lugares tratados por Augé (2005, p. 73) estão localizados nos contextos de movimentação, deslocamento, os meios de transporte, como vias aéreas, ferrovias, rodovias, e os domicílios móveis, hotéis, parques.

O autor salienta que ao mencionar o não-lugar Certeau denota uma espécie de qualidade negativa do lugar. Em outras palavras, seria uma espécie de ausência de lugar em si mesmo, o que o designa como não-lugar. Contudo, o não-lugar não existe como uma forma pura e nunca se realiza por completo.

[...] existe evidentemente o não-lugar como o lugar: ele nunca existe sob uma forma pura; lugares se recompõem nele [...] lugar e não-lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente [...] não-lugares, contudo, são a medida da época; medida quantificável e que se poderia tomar somando, mediante algumas conversões entre superfícies, volume e distância, as vias aéreas, ferrovias, rodovias [...]. (AUGÉ, 2005, p. 74).

O autor ainda vai além, ressaltando que a diferença entre lugar e não-lugar passa pela oposição do lugar ao espaço. Amparado novamente em Certeau, acrescenta que o espaço é um lugar praticado, um cruzamento de forças e quem transforma em espaço a rua, entendida pelo urbanismo como lugar, são os sujeitos.

De acordo com o que afirma Augé (2005, p. 88), o não-lugar é designado por duas realidades que se complementam, contudo distintas: os espaços usados para determinados objetivos ou fins e a relação que os sujeitos têm com esses espaços, cujo ponto de encontro se dá pela palavra e até por textos.

A proposta de Augé de não-lugar é a que nos parece mais aproximada daquela em que está localizado o catador de materiais recicláveis. Entendemos isso porque as ruas e as

avenidas são locais de encontro de diferentes sujeitos, muitos não apenas circulam nas ruas, mas estão nelas diariamente, utilizando-as como moradia e local de trabalho, como vendedores ambulantes, cuidadores de carros, garis, catadores de materiais recicláveis. Esses indivíduos usam os espaços urbanos com um determinado fim: a busca do sustento. Dessa forma, acabam por ter certa relação com esses locais que, apesar de serem sinônimos de pouca afetividade, preconceito, mundanidade, representam uma chance de buscarem o subsídio para as necessidades básicas do ser humano.

A rua é, portanto, em nosso entendimento, a partir daquilo que trouxeram os autores, espaço de informalidade, local onde estão aqueles com pouca “expressão”, também por aquilo que fazem, mas, sobretudo, porque não têm oportunidade, pelo local onde se encontram, de “fala” e, portanto, do exercício do político.

Ao apontarmos a questão da fala ou, mais especificamente, da oportunidade da palavra, que também é elo entre as realidades de não-lugar, retomamos Aristóteles (1998, p. 5). Ele observa que apenas um único entre todos os animais possui a palavra: o homem. A palavra está ligada ao manifestar, ao político. Item que vamos desenvolver na sequência.

1.2 Da palavra manifesta à dominação do capital

Abrimos esta seção trazendo Arendt (2007, p. 15), a qual postula que o labor, o trabalho e a ação estão entre as atividades humanas fundamentais à vida do homem na terra. Ambos estão relacionados intimamente com as condições mais gerais da existência humana: o nascimento e a morte, a natalidade e a mortalidade.

Contudo, se o labor, o trabalho e a ação representam condições essenciais à vida humana, de acordo com Aristóteles (1998, p. 5), é pela palavra que o homem se difere dos animais. O autor postula ainda que a palavra abre a possibilidade não apenas de comunicar, mas de manifestação do útil e do nocivo e daquilo que é justo e injusto, determinando a natureza política do homem enquanto indivíduo que vive em sociedade.

Na mesma perspectiva, Rancière ratifica que o político do homem é atestado pela posse do *logos*, isto é, da palavra, ao contrário da voz que apenas indica.

[...] a palavra manifesta, o que ela torna evidente para uma comunidade de sujeitos que a ouvem, é o útil e o nocivo [...]. A posse desse órgão de manifestação marca a separação entre duas espécies de animais como diferença de duas maneiras de se participar do sensível: a do prazer e do sofrimento, comum a todos os animais dotados de voz; e a do bem e do mal, própria somente aos homens e já presente na percepção do útil e do nocivo [...]. Funda-se, por aí, [...] uma politicidade de nível superior, que se perfaz na família e na pólis. (RANCIÈRE, 1996, p. 17-18).

Dessa maneira, o ato de emitir sons é apenas indicativo de algo, não manifesta como a palavra que advém de um processo político no homem ligado ao seu grupo familiar, à organização social e, porque não, à *pólis*, as chamadas “cidades-estados” em que os gregos se organizavam.

Cabe-nos, nesse ponto, uma reflexão a respeito do que vem a ser o político, já que é determinante para que a palavra seja concebida com sentido de manifestar.

Rancière ressalta que a política está diretamente ligada à luta de classes, portanto, circula nos contextos em que a dominação pelo capital é interrompida pela “[...] instituição de uma parcela dos sem-parcela. [...] a política existe ali onde a contagem das parcelas da sociedade é perturbada pela inscrição de uma parcela dos sem-parcela.” (RANCIÈRE, 1996, p. 26-123).

Em outras palavras, a política está em momentos e ocasiões em que a ordem natural, que seria de dominação pelo capital, está “ameaçada” pela união dos “sem-parcela”, ou seja, aqueles que estão à margem, que não são burgueses, nem proletários: são indivíduos que compõem uma massa humana, excluída por diferentes processos de cunho capitalista, mas que se unem e se articulam em torno da questão da igualdade.

A obra *Manifesto comunista*, de Marx e Engels, assinala que a luta de classes é histórica. Nesse sentido, mesmo com o passar dos anos, em que houve apenas a mudança da designação, há uma batalha entre “pobres” e “ricos”.

Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, o opressor e o oprimido permaneceram em constante oposição um ao outro, levada a efeito numa guerra ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou, cada vez, ou pela reconstituição revolucionária de toda a sociedade ou pela destruição das classes em conflito. Desde as épocas mais remotas da história, encontramos, em praticamente toda parte, uma complexa divisão da sociedade em classes diferentes, uma gradação múltipla das condições sociais [...]. No entanto, a nossa época, a época da burguesia, possui uma característica: simplificou os antagonismos de classes. A sociedade global divide-se cada vez mais em dois campos hostis, em duas grandes classes que se defrontam – a burguesia e o proletariado. (MARX; ENGELS, 2003, p. 26-27).

Em diferentes momentos históricos, os protagonistas dessas lutas de classes receberam denominações distintas, contudo, o motivo pelo qual esse confronto nunca cessou ainda segue o mesmo: o capital, seja na época da escravatura, na qual o senhor, homem livre, comprava o escravo, seja na contemporaneidade.

De encontro aos ideais marxistas que propunham uma sociedade de classes, Arendt em suas obras *Origem do totalitarismo* (1998) e *A condição humana* (2007) designa uma sociedade de massa num contexto chamado de “era moderna”. Enfatiza que “[...] os padrões do homem de massa são determinados não apenas pela classe específica à qual antes pertenceu, mas acima de tudo por influências e convicções gerais que são tácita e silenciosamente compartilhadas por todas as classes da sociedade.” (ARENDR, 1998, p. 364).

A autora explica que o colapso das classes também ocasionou a queda do sistema partidário, já que os partidos tinham como propósito defender os interesses das classes. Dessa forma, houve a “(des)acomodação” de uma maioria que estava encoberta pelo partidarismo, provocando instabilidade a uma massa de indivíduos desorganizada e desestruturada.

Arendt (1998, p. 365) registra ainda que foi nessa atmosfera que se desenvolveu a psicologia do homem-de-massa da Europa, o qual trouxe intrínseca a “amargura egocêntrica”, marcada por uma sensação de fracasso e de solidão. O totalitarismo foi um grande incentivador dessa condição de isolamento dos trabalhadores, pois os argumentos totalitários baseados na repressão ideológica levaram a organização das massas de uma forma em que foi perdida a sensibilidade das causas coletivas e mundanas.

É nesse contexto de automação, tendo o homem sido superado pela maquinaria e isolado, que se estabelece a sociedade de consumidores, uma vez que a única coisa concreta que restaria para o homem solitário e “fracassado” seria minimizar as penas do trabalho, buscando obter o prazer através do consumo, num processo facilitado de aparecimento e desaparecimento de coisas não avaliadas pela durabilidade.

Desse modo, ao contrário do que postulou Marx, Arendt destaca que as horas vagas não emancipam os homens.

Cem anos depois de Marx sabemos quão falaz é este raciocínio: as horas vagas do *animal laborans* jamais são gastas em outra coisa senão em consumir; e, quanto maior é o tempo de que ele dispõe, mais ávidos e insaciáveis são os seus apetites. O fato de que estes apetites se tornam mais refinados, de modo que o consumo já não se restringe às necessidades da vida mas ao contrário visa principalmente as superfluidades da vida [...]. (ARENDR, 2007, p. 146).

Diante do que nos traz a autora em sua análise do mundo pós-Segunda Guerra Mundial, há, na premissa de Marx, de que seriam necessárias mais horas entre as jornadas de trabalho para a emancipação dos homens, uma inconsistência, pois o tempo fora do *labor* não seria usado para o divertimento, e sim para o consumo, reduzindo a relação do ser humano com a vida a simples produção-consumação.

É um panorama onde cada vez mais os homens seriam reduzidos à impaciência, à ansiedade pelo ter; contudo, sem saber ao certo sobre que bem, já que se mostram insaciáveis, ou seja, a todo tempo renovam-se os desejos. O mais agravante é que esse desejo de consumir nem sempre se manifesta em bens e objetos necessários para a vida, muitas vezes dá vazão ao supérfluo, àquilo que não é extremamente necessário para a sobrevivência, mas que se apresenta como algo capaz de garantir ao indivíduo, ainda que na atualidade, um “lugar de destaque” ou ser “notado” na sociedade de massa.

Como podemos constatar pelo panorama traçado, o consumismo toma forma superestimando o progresso e as condições desumanas de exploração que reinavam nos primeiros estágios do capitalismo e que, apesar de novas configurações, como a sociedade de massas, perduram na atualidade. O consumismo é, dessa forma, um dos principais determinantes do crescimento de produção dos resíduos. Na seção a seguir, será abordado com mais profundidade esse tema.

1.3 Do lixo à constituição de sentidos para a informalidade

Um dos grandes problemas da contemporaneidade é a destinação dos resíduos produzidos pelo homem, o qual, em razão das mudanças em seu modo de vida, passou a consumir mais e, conseqüentemente, gerar um volume maior de lixo.

É um modelo que tem raiz no capitalismo e se manifesta no aquecimento do consumo, numa sociedade que é cada vez mais exigente e que busca tecnologias avançadas e conforto. Como trouxemos na seção 1.2, Arendt (2007, p. 146) pontua que as horas vagas do homem, ou seja, fora do trabalho, não são gastas em outra coisa senão consumir.

A respeito do consumo, Bauman referenda:

O consumo é uma condição, e um aspecto, permanente e irremovível, sem limites temporais ou históricos; um elemento inseparável da sobrevivência biológica que nós humanos compartilhamos com todos os outros organismos vivos. Visto dessa maneira, o fenômeno do consumo tem raízes tão antigas quanto os seres vivos – e com toda certeza é parte permanente e integral de todas as formas de vida conhecidas a partir de narrativas históricas e relatos etnográficos. (BAUMAN, 2008, p. 38).

Dessa maneira, o consumo¹¹ é uma atividade humana que existiu desde os tempos mais remotos, indissociável da vida biológica, bem como do capitalismo. Na mesma perspectiva de Arendt, mencionada na seção anterior, Bauman postula que na era moderna o consumo não está mais ligado restritamente ao consumo de objetos de primeira necessidade, ou seja, à satisfação das necessidades básicas, e sim ao prazer imediato. É um consumir que não está ligado “[...] à *satisfação* de necessidades (como suas ‘versões oficiais’ tendem a deixar implícito), mas a um *volume e uma intensidade de desejos sempre crescentes*, [...]. Novas necessidades exigem novas mercadorias, que por sua vez exigem novas necessidades e desejos [...]” (BAUMAN, 2008, p. 43, grifo do autor).

As afirmações de Bauman fazem-nos retornar a Marx (1996b, p. 165), tempos antes já asseverou que a riqueza das sociedades onde há predominância do modo de produção capitalista surge uma “imensa coleção de mercadorias”, isto é, as necessidades que foram criadas para satisfazer desejos humanos de qualquer espécie. O filósofo alemão complementa ainda que o desejo inclui necessidade, funcionando como apetite do espírito, e tão natural como a fome para o corpo.

Sobre esse aspecto trazemos também ao palco da discussão Haroche, que, na mesma perspectiva de Bauman e Marx, destaca que provocado e intimidado a consumir de maneira contínua, pois há excesso de solicitações, o indivíduo vê-se tentado pela abundância, fato que o reduz a mero espectador. Nesse processo são “tomadas” do homem a imaginação e a capacidade de representação, o qual passa a ver simplesmente como observador, sem enxergar. Dito de outro modo, “[...] ele vê sem ter a capacidade de fixar sua atenção, de parar, analisar, entender, assimilar e a *fortiori* de discernir, criticar e rejeitar com toda a liberdade.” (HAROCHE, 2011, p. 360-361, grifo da autora).

Nesse sentido, se o consumismo acarreta ao homem quase um “vendar” de olhos, “impossibilitando-o” de resistir aos apelos, como nos trouxe Haroche, e se o desejo é algo

¹¹ No entendimento de Bauman (2008, p. 41), o consumo é uma característica e ocupação dos seres humanos enquanto indivíduos, já o consumismo é atributivo da sociedade. O autor explica que o consumismo chega quando o consumo assume o papel-chave que era, na sociedade de produtores, exercido pelo trabalho. Assim, enquanto o consumismo está ligado aos anseios, desejos e à reciclagem de vontades, o consumo tem relação com necessidades, a sobrevivência.

quase fisiológico como a fome, de acordo com Marx, o que fazer com aquilo que resta dessa ação desenfreada: o descarte ou aquilo que tradicionalmente chamamos de “lixo”? Antes de prosseguirmos com o texto, precisamos assinalar aqui a proposta de Haroche (2011, p. 168) a respeito da partilha do sensível. Aproximando de nosso contexto de estudo, o sensível trabalhado pela autora pode ser tomado como “dar-se conta” de que aquilo que se descarta, joga fora como comida, por exemplo, poderia alimentar muitas pessoas; por outro lado, quando nos desfazemos de algo que pode ser reciclado, que seja feito de maneira adequada, como, por exemplo, no caso de uma caixa de leite, que para ganhar o destino da reciclagem, gerando renda aos catadores e protegendo o meio ambiente, precisa ser lavada e secada pelo consumidor. Assim, o sensível é pensar no outro, tanto em relação à comida quanto os recicláveis, mesmo que existam políticas públicas de destinação dos resíduos¹², mas cabe a cada um fazer a sua parte.

Retomando nosso percurso, precisamos dizer ainda que, além do estilo de vida consumista e do projeto de urbanização intensa, o aumento do nível de desemprego¹³ em razão das exigências para o acesso ao mercado de trabalho, que restringiu a maneira de sobrevivência de importantes contingentes sociais, também contribuiu para o surgimento dos catadores.

Sobre o estabelecimento do ofício de catação,¹⁴ veremos em Gorbán e Bosí, que há discussões nos campos das ciências humanas e sociais, as quais atingem a relevância e a validade teórica da distinção entre trabalho formal e informal, bem como as questões ligadas à inclusão e exclusão que o próprio trabalho pode trazer.

Uma das vertentes propõe que a catação enquanto ofício é resultado da construção de uma nova identidade ligada principalmente ao espaço, como uma espécie de invenção de oportunidade em meio às mudanças no mundo do trabalho. Segundo Gorbán,

¹² Referimo-nos à lei nº 12.305/10 que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), a qual responsabiliza, de maneira compartilhada, os geradores de resíduos: os fabricantes, importadores, distribuidores, comerciantes, o cidadão e titulares de serviços de manejo dos resíduos sólidos urbanos na logística reversa dos resíduos e embalagens pós-consumo. A íntegra da lei pode ser consultada no seguinte endereço: < <http://www.mma.gov.br/pol%C3%ADtica-de-res%C3%ADduos-s%C3%B3lidos>>.

¹³ Além da urbanização, também apontamos como motivadores do desemprego o capitalismo/neoliberalismo, bem como a industrialização.

¹⁴ Desde 2002, o catador de materiais recicláveis teve seu ofício registrado junto ao Ministério do Trabalho e Emprego, a partir do qual possui o número 5192-05 como código.

[...] um número cada vez maior de pessoas perdeu suas fontes tradicionais de remuneração, encontrando-se diante da necessidade de buscar alternativas. Neste contexto, a rua constituiu-se como um espaço dentro do mercado de trabalho que parecia abrir suas portas aos trabalhadores desempregados. Assim, o trabalho dos catadores aparece como uma das diversas formas que hoje fazem da rua seu lugar de trabalho. (2004, p. 10-11).

Desse ponto de vista, o catar surgiu como uma alternativa de trabalho para aqueles que em razão de diferentes motivos, entre os quais figura como principal a baixa escolaridade, encontram na rua um espaço de trabalho, por mais simples e insignificante que seja na concepção da sociedade. Esse raciocínio leva-nos a entender que a catação não é um trabalho explorado, nem um gerador de mais-valia e muito menos de acumulação de capital.

Numa outra ótica, Bosi traz a perspectiva de que enxerga o catador como parte da cadeia de acúmulo de capital, ou seja, o lixo reciclável como mercadoria. Uma força de trabalho que se tornou expressiva a partir de 1980, “[...] quando encontrou numeroso contingente de trabalhadores, desocupados ou semi-ocupados, convertível em catadores.” (BOSI, 2008, p. 103).

Esse panorama se encaixa nas críticas marxistas, que vê esse contingente de indivíduos sem ocupação fixa como parte integrante do funcionamento do capitalismo. “Não foram catadores desde sempre, e esta ocupação não foi resultado de uma livre escolha. A maioria dos catadores teve uma profissão [...] a qual não pôde mais ser exercida [...] pela determinação do mercado [...] por incapacidade física em função de seu envelhecimento como força de trabalho.” (BOSI, 2008, p. 106).

Bosi (2008, p. 106) ainda reafirma que a organização do setor de reciclagem no Brasil, a partir do aproveitamento de uma numerosa população trabalhadora que extravasa a disponibilidade de trabalho ou que é recusada pelo mercado, é um traço constitutivo das atuais relações de trabalho baseadas no capitalismo em relações de forças historicamente estabelecidas em torno da organização do trabalho em troca de dinheiro.

Retomamos nossa localização cronológica quanto ao surgimento do ofício de catação no começo do século XX, quando, de acordo com Pinhel (2013, p. 18), houve um incremento da indústria gráfica, começando do papel a ser reciclado. Contudo, não é somente da catação de papel que esses sujeitos passaram a sobreviver, mas também de outros materiais, como sucatas¹⁵ e plásticos, já que nas últimas décadas o Brasil mudou seu tipo de lixo em

¹⁵ Nome genérico de toda a espécie de artefatos metálicos, fora de uso, que podem ser refundidos e entregues à indústria. Nome também utilizado para designar o local de depósito desses materiais. Disponível em: <<http://www.dicionarioaurelio.com/sucata>>.

quantidade e qualidade, em volume e em composição, sendo muito diferente daquele produzido há quarenta anos.

Os sujeitos que passam a circular pelas ruas em busca de lixo são excluídos dos ambientes de trabalho formal. Os motivos geralmente são a baixa escolaridade e a idade avançada, acabando por ficarem à margem, na escuridão da sociedade e à mercê de todas as formas de violência psicológica e física.

Por fim, há um grupo de homens e mulheres com histórias de vida muitas vezes assinaladas pela violência, pelo sofrimento e pelo preconceito [...]. O crescimento da atividade de catação tem fortes vínculos com níveis extremos de pobreza. Parte dessas pessoas busca materiais recicláveis em sacos de lixo na rua ou marca presença nos lixões à procura desses resíduos. Entretanto, a maioria coleta resíduos recicláveis para vender, o que lhes permite sustentar suas famílias, cuja qualidade de vida é péssima, em especial para as crianças, sujeitas aos riscos de viver no lixo e do lixo. (PINHEL, 2013, p. 18-19).

A atuação dos catadores em sua luta pela sobrevivência não esteve ligada, no geral, à limpeza urbana. Ao contrário, no século XIX, eles eram controlados ou combatidos por buscarem de forma desordenada seus materiais, revirando o lixo deixado nas calçadas, comprometendo a limpeza das cidades.

É na união de forças entre os sujeitos e as instituições preocupadas com esse contingente de pessoas que está se desenhando um novo universo para os catadores, bem como a gestão dos resíduos sólidos. É esse o caminho que vamos percorrer na seção seguinte.

1.4 As associações e o (re)surgimento do catador

Uma das saídas encontradas, na atualidade, para fortalecer o ofício da catação, bem como valorizar o sujeito catador, tirando-o da informalidade, é a organização de cooperativas e associações. Entretanto, antes de passarmos a discutir sobre este assunto, precisamos trazer ao debate, mesmo que de maneira breve, de onde surgiu a ideia da sindicalização dos homens, com “pensamentos” e ideais afins em associações ou cooperativas.

Encontramos embriões desse panorama atrelados às correntes de esquerda que se consolidaram no século XIX na Europa, sobretudo ligadas aos saberes socialistas, marxistas e anarquistas, que tinham como ponto em comum a transformação social a partir de mudanças e reconfigurações no trabalho e entre os trabalhadores.

Rego e Moreira (2013, p. 63) relatam que os princípios cooperativistas estão presentes no socialismo utópico através da abordagem de representantes, como Robert Owen e Charles Fourier, passando pelos teóricos do socialismo marxista, com aporte em Karl Marx, Rosa de Luxemburgo e Karl Kautsky, chegando à discussão travada pelos anarquistas, a partir dos teóricos Proudhon, Elisée Reclus e Piotr Kropotkin.

Do ponto de vista do socialismo marxista, verificamos que já no *Manifesto comunista*, lançado em 1848, Marx e Engels ressaltam a luta da classe operária contra a burguesia, bem como conclamam os proletários à união.

A princípio, empenham-se na luta operários isolados, mais tarde, operários de uma mesma fábrica, finalmente, operários do mesmo ramo da indústria [...] o operário e o burguês tomam cada vez mais o caráter de choque entre duas classes. Os operários começam a formar uniões contra os burgueses atuam em comum na defesa de seus salários [...] chegam a fundar associações [...]. Aqui e ali a luta se transforma em motim [...]. O verdadeiro resultado de suas lutas não é o êxito imediato, mas a união mais ampla dos trabalhadores. [...] Que as classes dominantes tremam diante da revolução comunista! Os proletários nada têm a perder senão os seus grilhões. Têm um mundo a ganhar. *Proletários de todos os países, uni-vos!* (MARX; ENGELS; 2003, p. 21- 59, grifo nosso).

Como nos trouxeram os autores, os primeiros registros em que presenciamos a luta de operários começa tímida, iniciada por trabalhadores isolados, posteriormente com difusão nas mesmas fábricas e indústrias do mesmo setor. O principal motivo era a questão salarial, que no decorrer da história também dividiu espaço com aspectos ligados à jornada de trabalho no movimento operário.

Outra marca dos princípios cooperativistas está presente nas resoluções do Primeiro Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT),¹⁶ também chamado de Primeira Internacional ocorrido em Genebra em 1866. O texto aponta o movimento cooperativo “[...] como uma das forças transformadoras da sociedade atual, baseada no antagonismo de classes. O seu grande mérito é o de demonstrar na prática que o sistema despótico e empobrecedor, de subordinação do trabalho ao capital, pode ser suplantado pelo sistema republicano da associação de produtores livres e iguais.” (MARTINS, 2000, p. 16).

¹⁶ Em 1876, a AIT foi definitivamente extinta. Outras Internacionais foram criadas posteriormente, como a II Internacional, também conhecida como Internacional Socialista (1889), na Europa; III Internacional, a Internacional Comunista (IC), março de 1919; em 3 de setembro de 1938, a IV Internacional foi fundada numa conferência em Paris. Ver mais em: Dicionário de Política.

Conforme nos traz o autor, o movimento cooperativo foi indicado no documento como uma entidade que poderia atuar na transformação social, modificando o sistema da época e trazendo uma nova realidade aos proletários, com um projeto baseado na liberdade e igualdade.

De acordo com Schons, também no AIT tem origem um saber próprio da formação discursiva anarquista:

[...] consiste na *solidariedade* na organização dos operários em ligas, em associações e em confederações. Nesse espaço, os anarquistas debateriam propostas e estratégias de luta e, dessa maneira, criariam base para a sustentação de formação de uma sociedade livre. Entretanto, para chegar a esse estágio, o proletário deveria receber educação política. A união dos trabalhadores na luta contra o capitalismo e todas as suas formas de exploração seria uma forma pressão e sustentação para a criação de estratégias como: a) a ação de luta direta como forma de auto-representação, pela classe proletária, de seus próprios interesses; b) a execução de práticas políticas não-pacíficas; c) a excelência da unidade na diversidade em defesa dos proletários. (SCHONS, 2006, p. 106, grifo da autora).

A Primeira Internacional foi o berço de saberes anarquistas com base na solidariedade, os quais fortaleceram, sem sombra de dúvidas, a organização e a sustentação dos operários em ligas, associações e confederações, numa sociedade livre e igualitária. Contudo, para isso foi preciso trabalhar a educação política com os operários.

O político referido é o inaugurado por Aristóteles e também trabalhado por Rancière (1996, p. 17-18), o qual prega que o homem político é aquele que tem posse da palavra como manifesto, como meio para diferir sobre o útil e o nocivo. Não é a possibilidade da voz, do falar de prazer e sofrimento, mas aquela que tem percepção do útil e do nocivo.

Outro princípio anarquista ao qual Schons (2006, p. 107) refere é a *autogestão*, isto é, o controle da produção e da distribuição de mercadorias sem a presença do Estado, levando em consideração a coletividade.

A autora afirma que para Kropotkin, um dos líderes do anarquismo russo, o trabalho dos anarquistas é de orientar e alertar os proletários sobre a exploração dos governos e os perigos das leis, principalmente em relação aos aparelhos ideológicos de estado. Assim, “[...] para os anarquistas, a *solidariedade* existe à medida que os trabalhadores, num amplo espaço educativo e formativo, promovem um processo de conscientização da importância do papel do indivíduo no coletivo e passam a questionar a realidade atual na direção de uma sociedade baseada na *autogestão*.” (SCHONS, 2006, p. 107, grifo da autora).

A busca dos anarquistas não contemplava apenas as questões do trabalho, mas perpassava a vida do homem como um todo. Diante disso, o ser humano, além de trabalhar, devia “viver”, ou seja, dar vez ao amor, pautando sua vivência na comunhão e na justiça.

A vida humana só atinge sua plenitude quando inclui amor, trabalho e “comunhão social” ou justiça. Preenchidos essas condições, declara Proudhon, a vida é plena: ela é uma festa, uma canção de amor, um perpétuo entusiasmo, um infinito hino de felicidade. E não importa o momento em qual sinal possa ser dado, o homem estará pronto, pois ele estará sempre morrendo, o que significa que está sempre vivendo. (WOODCOCK, 1975, p. 25).

Conforme acompanhamos, o anarquismo não trouxe apenas princípios ligados ao trabalho, como a solidariedade e a autogestão, também vislumbrou o homem numa perspectiva que ultrapassa a atividade laboral, de um ser que não tinha apenas como fim o *labor*, o capital, mas que “merecia” uma vida completa, com direito à felicidade, vivendo a comunhão e a justiça.

A contextualização que realizamos permite-nos propor uma “ponte” dos saberes anarquistas com o modo pelo qual estão organizados os sujeitos de nossa pesquisa a partir de associações, que têm influenciado, entre tantos aspectos, no desenvolvimento de direitos de cidadania e emancipação política, econômica e social dos envolvidos.

Sobre esse modelo organizativo de catadores, Pinhel (2013, p. 19) comenta que foi alavancado a partir da década de 1990, com as campanhas de coleta seletiva, que começaram a se multiplicar, sobretudo em razão de políticas e ações no gerenciamento de resíduos, contando com o apoio dos governos, das organizações não governamentais, instituições sociais, incubadoras etc.

Consequentemente, começam a surgir alternativas para fortalecer os catadores e deixá-los mais independentes [...]. Nesse contexto, a possibilidade de organização aparece como uma saída da situação de exploração. Assim, a estruturação de cooperativas busca romper algumas das amarras existentes no circuito de separação e comercialização de resíduos, com intuito de melhorar as condições de vida e de trabalho dos catadores. (PINHEL, 2013, p. 19-20).

O fortalecimento dos catadores, que a partir desse modelo cooperativo de organização passam a unir forças, traz à classe uma série de aspectos positivos. Podemos elencar melhorias nas questões econômicas, com a negociação dos resíduos catados sem a presença

dos atravessadores e a organização do trabalho de maneira coletiva, com divisão de tarefas, lucros e decisões tomadas em grupos.

A respeito da organização de trabalhadores, independentemente de qual setor, em cooperativas ou associações, podemos afirmar:

[...] o associativismo melhora a convivência entre os indivíduos, pois faz com que eles tenham entre si uma relação mútua, que possibilitará a criação de hábitos de colaboração e de solidariedade, e, por consequência, o crescimento e desenvolvimento como cidadão. Além disso, a junção de forças em forma de associação fortalece a produção individual e coletiva, dando uma melhor oportunidade de abertura de mercado e, por conseguinte, retorno de renda, propiciando uma melhor força de interesses e favorecendo, portanto, a emancipação da cooperação. Assim, [...] a ampliação das relações de associativismo contribui para o avanço da democracia e para a conquista e efetivação dos direitos civis, políticos e sociais. (DUTRA, FREITAS et al., 2011, p. 125-126).

Dessa maneira, organizar os trabalhadores em associações ou cooperativas, além da união para a melhoria das condições de trabalho e renda, significa um espaço de democracia no sentido mais amplo da palavra. É a construção de espaços democráticos de vez e voz às minorias que passam a contar com um lugar onde sua individualidade é ouvida.

Ainda sobre a importância do associativismo, Leonello (2010, p. 18) ressalta que, quando o contexto é o mundo do trabalho, este modo de organização desempenha papel fundamental nas transformações que estão em curso na atualidade. Constitui-se numa das principais referências que determinam não somente os direitos e deveres nas relações de trabalho, mas padrões de identidade e sociabilidade, interesses e comportamentos políticos, modelos de famílias e estilos de vida.

Mesmo que diferentes teorias se dediquem a estudar questões de ação coletiva expressa no associativismo, Leonello (2010, p. 19) observa que o princípio embutido é o mesmo: a proposição de um modelo de sociedade que luta por igualdade, sem perder de vista aspectos como sustentabilidade e consagração de indivíduos livres, emancipados, verdadeiros donos de seus destinos.

A título de ilustração, trazemos a SD 01, na qual o catador cita aspectos positivos da união dos catadores nas cooperativas ou associações:¹⁷

¹⁷ Temos conhecimento de que os termos “associação” e “cooperativa” têm compreensões diferenciadas, entretanto, neste estudo, iremos utilizá-los como uma designação alinhada aos princípios anarquistas da autogestão.

SD 01 – [...] hoje com a Petrobrás nos semo respeitado por todos, semos tratados como trabalhadores. Mas também somos gratos ao projeto que nos **ensinam a trabalha** nas maquinas e **somo unido** por uma razão de **podermo nos orgulhar** de nós mesmo. Oje gostaria de poder que se nós foce mais unido nós conseguiria mais do que nós imaginamos, **nós não podemos parar porque o sonho continua**.

Catador 11, jul. 2013, grifo nosso.

Verificamos, no dizer do catador, que o trabalho nas associações presentifica os saberes anarquistas de solidariedade e autogestão, marcados pela união e pela possibilidade de aprender, os quais oportunizam o resgate da dignidade humana desse sujeito, favorecendo o princípio de ajuda mútua. Além do que, temos marcadores como *orgulhar* e *sonho*, índices que ultrapassam a questão do trabalho e remetem às questões de satisfação pessoal, de se orgulhar daquilo que faz e de permitir que isso lhe possibilite sonhar, indo, dessa forma, além do campo do *labor*.

Prosseguimos o estudo com a questão da inserção do catador na cadeia de reciclagem a partir do reconhecimento de sua importância na política de resíduos sólidos, bem como o fortalecimento da “classe” que tem ocorrido na união em associações e cooperativas, como é o caso dos sujeitos que são fonte da materialidade linguística, que pretendemos analisar a seguir.

1.5 O papel do catador na cadeia da reciclagem

A política nacional de resíduos sólidos, criada pela lei nº 12.305/2010¹⁸, representou um marco histórico nas políticas públicas de saneamento e meio ambiente. O texto do inciso XII prevê a integração dos catadores à gestão dos resíduos, como podemos acompanhar: “[...] XII - integração dos catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis nas ações que envolvam a responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos; [...]” Além do que, o documento contempla, no inciso IV do artigo 8º, o incentivo à criação e ao desenvolvimento de cooperativas ou de outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis.

Ao dividir a responsabilidade da gestão dos resíduos com os municípios, a lei propõe administração integrada desses materiais, responsabilizando-os a criarem programas e ações para a participação dos grupos interessados, em especial, das cooperativas, ou outras formas

¹⁸ A íntegra da lei pode ser consultada no seguinte endereço: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato_2007-2010/2010/lei/l12305.htm>.

de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis formadas por pessoas físicas de baixa renda.

Diante desse contexto, oficialmente, os catadores passam integrar políticas públicas de destinação do lixo, bem como agentes essenciais na cadeia produtiva da reciclagem e no cuidado com o meio ambiente.

Pinhel (2013, p. 23-24) define reciclagem como “[...] conjunto de operações interligadas cuja finalidade é a reintrodução dos materiais recicláveis nos processos produtivos. Uma vez submetidos a elas, passam a ser insumos para a produção de novos produtos.”

Segundo o autor, há cinco elos na cadeia de reciclagem:

[...] o primeiro elo corresponde à operação de segregação dos resíduos, em geral realizada pelos mesmos agentes que os produziram [...]. O segundo elo é o da coleta seletiva. Os resíduos são recolhidos nos locais, total ou parcialmente separados, e enviados às operações de triagem e classificação ou às unidades de beneficiamento [...]. O terceiro elo, triagem e classificação, corresponde às operações de separação, classificação mais fina, prensagem e enfardamento dos resíduos [...]. No quarto elo, que envolve as operações de beneficiamento, são aplicados procedimentos específicos para cada material, transformando-os em novos insumos para a indústria. [...] o último elo é o da reciclagem propriamente dita [...]. (PINHEL, 2013, p. 24-25).

Grande parte desses processos conta com a participação efetiva dos catadores, tornando-os responsáveis e, ao mesmo tempo, elos verdadeiramente indispensáveis na reciclagem. Observa-se isso na seguinte sequência discursiva:

SD 02 – [...] somos **ambientalistas** ao mesmo tempo trabalhando pois cuidamos da nossa **natureza que não é só dos catadores**.

Catador 01, março de 2013, grifo nosso.

A partir das designações *ambientalistas* e *natureza*, observamos que o catador reconhece sua importância pelos documentos que mencionamos, além do uso da relativa¹⁹ *que não é só dos catadores*. Ele evidencia na enunciação seu trabalho e sua relevância para o meio ambiente e, conseqüentemente, para a sociedade. Por outro lado, a relativa também não deixa de representar uma espécie de chamada, ou convocação, às outras pessoas, aos que não são catadores, para que também assumam o compromisso de cuidar do meio ambiente. Ainda podemos depreender nesse enunciado que o sujeito constrói um imaginário a respeito de seu

¹⁹ Abordaremos as relativas no capítulo 3.

trabalho e sobre os demais cidadãos que não são catadores. Assim, quem é x (catador de materiais recicláveis), enquanto trabalha é um ambientalista, logo, quem é y (outras pessoas que não catam), não é.

Na sequência, pelo aprofundamento das questões ligadas à designação, abordaremos sobre a mudança do nome catador de lixo para catador de materiais recicláveis. Faremos isso tendo em vista dois contextos: o lixo como resto e material que precisa de um destino correto, com políticas públicas específicas, e que pode ser reciclado, e gerar renda, e emancipação aos sujeitos que trabalham com esse material.

1.5.1 De lixeiro a catador de materiais recicláveis

Há, como já dissemos, muitos sujeitos que circulam e simbolizam diariamente pelas ruas e avenidas das cidades. Parte desses indivíduos são transeuntes,²⁰ de acordo com a definição do dicionário, são passageiros, não perduram e, portanto, estão ligados ao transitório. Contudo, há os que usam esses espaços públicos para outras atividades, como, por exemplo, para o trabalho, aumentando, dessa maneira, a massa daqueles que vivem na informalidade, entre os quais estão os ambulantes ou camelôs, e os sujeitos desta pesquisa: os catadores de lixo ou de materiais recicláveis.

Zoppi-Fontana (1999, p. 202) ressalta que diversos saberes especializados interferem na cidade, modificando não apenas o espaço físico e jurídico urbano, mas também influenciando no senso comum quanto ao espaço e ao indivíduo que está nele. Por isso, há diversas maneiras de “[...] designações pelas quais se nomeiam: os espaços públicos, as diversas modalidades de ocupação e uso desses espaços e os atores sociais que neles desenvolvem sua prática.” (ZOPPI-FONTANA, 1999, p. 202).

A respeito das designações, Guimarães (1995, p. 74) explica que são relações semânticas instáveis produzidas pelo cruzamento de posições-sujeito²¹ distintas a partir das quais se instala um sentido, apagando-se outros possíveis/dizíveis. As designações são próprias de uma relação linguística construída pelo real, tomada pela história, ou seja, “[...] uma relação instável entre a linguagem e o objeto, pois o cruzamento de discursos não é estável, é ao contrário, exposto à diferença.” (GUIMARÃES, 1995, p. 74).

²⁰ Conforme o dicionário Aurélio. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Transeunte.html>>.

²¹ Abordaremos a posição-sujeito, bem como a conceituação do próprio sujeito e suas relações, esclarecimentos indispensáveis para este estudo no capítulo 2.

O mesmo autor salienta que a designação é “[...] a significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato. [...] mas enquanto uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história.” (GUIMARÃES, 1995, p. 9).

Sobre a abordagem de Guimarães em relação à designação, Rasia (2006, p. 180) observa que o acontecimento não pode ser separado do político. Tema esse já discutido anteriormente, mas que convém aqui retomá-lo como fundamento das relações sociais e que determina a materialidade das divisões manifestadas na linguagem. “À desigualdade das divisões normativas do real contrapõem-se as afirmações de pertencimento dos desiguais. Esse espaço de contradição encontra-se instalado no centro do dizer, materializado por processos de designação, os quais incluem os silenciamentos.” (RASIA, 2006, p. 180).

Desse modo, a designação está ligada à historicidade que os nomes evocam. Cabe-nos destacar que não é a lembrança dos acontecimentos, e sim a concretização do simbólico na linguagem. Não queremos compreender o sentido gerado no relacionamento entre o objeto e a palavra, mas pretendemos, a partir da AD, visualizar como as palavras produzem sentidos na história.

Com base nessas reflexões, retomamos as expressões utilizadas no início desta seção a respeito das diferentes denominações do sujeito catador: de lixo ou de materiais recicláveis?

Ao trazer esse debate, queremos “preparar o terreno” para as análises pretendidas no capítulo 3, por esse motivo faremos apenas uma ilustração dos diferentes nomes em referência ao sujeito.

Pinhel (2013, p. 17), ao realizar um histórico do surgimento do ofício do catador, menciona o termo “garrafeiro”. O autor explica ser uma figura respeitada nos bairros e vilas das cidades e que desapareceu ao longo do tempo, dando lugar ao catador, que, por sua vez, recolhe os resíduos recicláveis de diferentes locais. A lei nº 12.305 de 2010 institui a Política nacional de resíduos sólidos, e refere os indivíduos como catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis.

Na Classificação brasileira de ocupações,²² documento que reconhece, nomeia, codifica os títulos e descreve as características das ocupações do mercado de trabalho brasileiro, é nomeado como catador de material reciclável. O termo é englobante para catador de ferro-velho, catador de papel e papelão, catador de sucata, catador de vasilhame,

²² Disponível em: < <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/regulamentacao.jsf>>.

enfardador de sucata (cooperativa), separador de sucata (cooperativa), triador de sucata (cooperativa).

Para qualificar essa designação, trazemos as constatações de Dorneles, que nas considerações sobre lixo e resíduo afirma:

A ação da política terá de atuar para fazer aparecer essas e outras contradições que estão na base da desigualdade de interesses no jogo da catação de resíduos ou de lixo. A designação já faz uma diferença enorme. Resíduos para as políticas de Estado, mas que não deixam de ser lixo para aqueles que nele chafurdam. É um resto que sobra e alguém tem de limpar. O interessante é que diferenças apareçam, começando mesmo pela voz já conquistada. (DORNELES, 2011, p. 45).

Conforme salienta a autora, as designações que envolvem o catador mostram uma dupla realidade de significação e sentido. De um lado, para uns o lixo significa resto, algo que não serve mais e que é colocado fora; de outro, alguém que precisa desse material jogado fora, que, de acordo com as políticas de resíduos sólidos e a Classificação brasileira de ocupações, o denomina de “catador” de resíduos ou de materiais recicláveis, o lixeiro, o que subsiste com o que é descartado de outros.

A seguir, será contextualizado o projeto “Profissão catador: entre o viver e o sobreviver do lixo”, do qual participam os sujeitos enunciativos do *corpus* deste trabalho.

1.6 Profissão Catador: entre o viver e o sobreviver do lixo

A cidade de Cruz Alta, assim como outras tantas do Rio Grande do Sul e do país, já tem demarcado, em sua história, a presença de pessoas que circulam pelas ruas em busca de materiais descartados, que podem servir para reciclagem e gerar renda.

A história do Profissão Catador: entre o viver e o sobreviver do lixo não começa apenas em 2010, quando o projeto foi contemplado no Programa da Petrobras Desenvolvimento e Cidadania. A caminhada iniciou em 2006, a partir de atividades com os catadores por meio, primeiramente de Projetos de Extensão (Pibex) universitária, os quais visavam construir alternativas para a organização de uma coleta seletiva solidária na cidade. O trabalho de conscientização também envolveu²³ as dependências do campus universitário da Universidade de Cruz Alta, com campanhas para a separação correta dos resíduos produzidos pela comunidade acadêmica.

²³ O projeto realizado no campus universitário chama-se de “Coleta seletiva solidária”. Para saber mais acesse o blog no endereço: < <http://cssunicruz.blogspot.com.br/> > .

Depois da aprovação do Projeto pelo programa “Desenvolvimento e cidadania” da Petrobras, o funcionamento do Profissão Catador²⁴ começou, efetivamente, em março de 2011, numa parceria com a administração municipal de Cruz Alta. As primeiras ações foram no sentido de cadastro e organização dos catadores da cidade em associações, conforme a região em que residiam, sendo que as duas primeiras constituídas foram a do Bairro dos Funcionários e do Acelino Flores. Com o tempo, outras duas associações foram formalizadas: Jardim Primavera 2 (sede concluída) e Bairro Planalto (em organização). Hoje (2014), o Projeto tem 130 catadores cadastrados. Também foi criada a Central Regional de Comercialização de Recicláveis (Cencor), com a finalidade de fomentar esta comercialização através da negociação com as indústrias que reciclam materiais coletados pelos catadores, eliminando, dessa forma, a presença dos atravessadores do processo de comercialização.

Nas sedes das associações, os catadores têm à disposição espaços para acondicionar o material catado, esteiras para separação e enfardadeiras, bem como podem se encontrar para discutir o andamento dos trabalhos.

Desde que o Projeto iniciou, os principais objetivos são: organização coletiva dos catadores; fortalecimento da infraestrutura das associações existentes e das novas associações; promoção da capacitação dos catadores; intensificação de campanhas de sensibilização da população quanto à importância da reciclagem para a sustentabilidade; garantia de melhoria das condições de trabalho e de vida dos catadores. Desse modo, as atividades compreendem ações de formação política, capacitação para o trabalho, acompanhamento do processo auto-organizativo e campanhas de educação ambiental. As capacitações para o trabalho ocorrem por meio da realização de oficinas sobre gestão, produção, cidadania e comunicação. Os catadores também são acompanhados diariamente nas associações, no sentido de garantir o andamento do Projeto e de encaminhar da melhor maneira a negociação do material coletado e separado por eles.

Cabe-nos registrar que, atualmente (2014), o Projeto²⁵ foi ampliado para outros três municípios, Júlio de Castilhos, Tupanciretã e Salto do Jacuí. Com a denominação de Profissão Catador II²⁶, segue subsidiado pela Petrobras, a partir do Programa Petrobras Socioambiental e, assim como realiza nas quatro associações de catadores organizadas em Cruz Alta, deve trabalhar nesses novos municípios.

²⁴ O projeto tem um *blog*. O endereço é: <http://profissao-catador.blogspot.com.br/>.

²⁵ Mais informações estão disponíveis no seguinte endereço: < <http://www.unicruz.edu.br/unicruz-oficializa-ampliacao-do-projeto-profissao-catador-para-municipios-da-regiao-n8867.html>>.

²⁶ Detalhamento de ações do Profissão Catador está no Anexo 3.

O primeiro passo será a criação e organização das associações nos novos municípios, a construção de espaços de trabalho em terrenos cedidos pelo poder público e aquisição de equipamento. Também está previsto, nesta segunda fase do Projeto, a criação de uma cooperativa de materiais recicláveis com abrangência regional (catadores de Cruz Alta, Júlio de Castilhos, Tupanciretã e Salto do Jacuí).

2 AS RUAS E AVENIDAS DA (NA) ANÁLISE DE DISCURSO

[...] análise de discurso nos coloca em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem. (ORLANDI, 2001, p. 9).

Ao propormos o título deste segundo capítulo, houve recorrência da obra de Orlandi (2001a) – *Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano*. Nessa direção, estamos entendendo o discurso filiado a Pêcheux, que não deixa de ser uma “cidade” (sítio, cidadela) e que vem atravessada por ruas e avenidas. Dizendo de outro modo, algumas noções, como ideologia, sujeito, formação discursiva, fazem parte do quadro epistemológico da análise do discurso (as avenidas), mas outras, como estrutura, memória, esquecimento, inconsciente, equívoco, condições de produção, de outros campos (as ruas) da área das ciências humanas, são fundamentais em um movimento analítico. Assim, a Análise de Discurso existe no espaço de injunção com essas categorias e noções.

No âmbito da cidade, como designação de conjunto urbano, ao trazermos os termos “avenidas” e “ruas”, estamos também acompanhando a linha de Orlandi (2001a, p. 107), a qual propõe ver a rua como espaço público, atravessada de conflitos, de desordens e como lugar de encontro, convivência e, porque não dizer, de permanência de diferentes grupos sociais.

Tomando a expressão “abrigar a diferença”, a cidade, aqui vista como espaço público, pode deixar de ser um lugar “organizado” para ser um palco de confrontos, que podem levá-la à desorganização. Um desorganizar que, necessariamente, não tem o sentido de *arruaça*,²⁷ mas que pode indicar conflitos, pois, como referimos nas palavras iniciais do primeiro capítulo, o urbano é palco de diferentes formas de estar de sujeito, que tanto transita como busca a sobrevivência, vendendo, trabalhando, divertindo, catando lixo e até roubando. Tudo de maneira (im)previsível.

As noções contempladas neste estudo contribuem significativamente para tratar o discurso de um sujeito que faz parte do imaginário urbano. Nosso objetivo, então, amparados em Orlandi (2001, p. 8), é realizar gestos de interpretação não sobre a cidade, mas da cidade, o que implica não somente olhar de fora, como um observador, os sentidos que circulam, mas

²⁷ Termo usado por Orlandi (2001, p. 107) em *Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano* para referir-se a “motim de arruadores”.

“adentrar” no espaço urbano com dispositivos teóricos e analíticos enquanto lugar público no qual há “prismas” convivendo em quantidade concentrada num mesmo espaço simbólico.

Ao dizer que na cidade existem “prismas”, Orlandi (2001a, p. 8) quer entender que há diversas faces, ou seja, diferentes discursos circulando, serão sempre espaços para a constituição de sujeitos e de sentidos.

Por esse motivo, neste capítulo daremos ênfase aos conceitos basilares da análise do discurso de linha francesa, teoria que escolhemos para “munir” nossas análises que contemplam o discurso como palavra em movimento, ou seja, a língua fazendo sentido e levando em conta o encontro desta com a história. É um modo peculiar de olhar a linguagem, que não é neutra, e encara o discurso não como um ponto final, mas, ao contrário, admite sua incompletude e seu funcionamento num jogo que articula sujeito e ideologia.

A análise de discurso é uma perspectiva analítica que surgiu na França na década de 1960 com Michael Pêcheux a partir da publicação de *Análise automática do discurso*. Nessa época, de acordo com Orlandi, teóricos como Althusser, Foucault, Lacan e Barthes, entre outros pensadores, dirigiram suas reflexões sobre o ato da leitura como interpretação. “Em todos eles a preocupação com a leitura desemboca no reconhecimento de que a leitura deve se sustentar em um dispositivo teórico.” (ORLANDI, 2006, p. 13).

Esse debate interfere diretamente nas reflexões sobre o texto, que não é o objeto da análise de discurso, porém o caminho que constitui o discurso, ou seja, a materialidade enquanto produtora de sentido.

A partir da contextualização da AD, é importante também destacar a evolução do termo no decorrer das épocas. Inicialmente foi denominada de “análise automática do discurso” (AAD), posteriormente denominada de “análise de discurso” (AD), tendo momentos distintos (AD1, AD2 e AD3) que motivaram algumas renovações na disciplina.

Para a AAD 69/AD1 na fase inicial, também denominada de “exploração metodológica da noção de maquinaria discursivo-estrutural”, o sentido das palavras não era levado em conta. O mesmo acontecia com a subjetividade do sujeito no momento de enunciação do discurso. Segundo Pêcheux (1997a, p. 311-318), a AD1 visualizava a análise em etapas, com ordem canônica, portanto, fixa em termos de teoria e metodologia. Fato que impedia as interpretações e não admitia a interferência de outros discursos. Nessa época foram postos em voga conceitos importantes para a disciplina, como os de ideologia, formação ideológica, formação discursiva. Conceitos que serão aprofundados em subseções neste capítulo.

Por volta de 1975, iniciou a segunda fase, a AD 75/AD2, momento em que houve transformações sociais e políticas na França, berço da disciplina. Pêcheux e Fuchs (1997, p. 168) retomam o conceito de formação discursiva (FD) propondo que não seria fechada, logo, seria heterogênea. A FD é componente das formações imaginárias (FIs) e, assim, as FDs materializam o ideológico das formações sociais nas relações dos sujeitos com o externo, com o mundo.

Na AD3 foram revistas as noções especialmente nos aspectos de incompletude e não transparência do sujeito. Isso implica admitir, segundo Pêcheux (1995, p. 215) que diante de uma FD o sujeito pode ocupar diferentes posições,²⁸ dependendo dos desdobramentos entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal.

Orlandi (2006, p. 13) explica que a análise de discurso, que passaremos a designá-la apenas de AD como a conhecemos no Brasil, toca “os bordos da linguística, do marxismo e da psicanálise”, e está articulada entre três regiões do conhecimento científico: a teoria da ideologia, a teoria da sintaxe e enunciação e a teoria do discurso como determinação histórica dos processos de significação.

Pêcheux e Fuchs (1997) ressaltam como cada um desses campos contribui para a estruturação da AD:

[...] o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias; [...] linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo; [...] a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. [...] estas três regiões são atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica. (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 164).

No entrecruzamento dessas regiões, Orlandi (2006, p. 13) acrescenta ainda que a partir do marxismo tomamos consciência de que a história tem sua materialidade, e com a psicanálise percebemos que o sujeito se desloca com sua opacidade.

É justamente por se articular entre essas áreas do conhecimento que a AD é considerada uma disciplina de entremeio. Não toma o método e o objeto de nenhum desses campos do saber, pois tem seu objeto e método próprios, tocando os bordos da linguística, da psicanálise e do marxismo. São diferentes formas de materialidade que constituem o cerne do conhecimento dessas áreas.

²⁸ Abordaremos na sequência deste estudo.

Orlandi (2006, p. 16) afirma que essa disciplina parte do texto não do ponto de vista da textualidade, mas da premissa de que as palavras estão em movimento, ou seja, busca compreender a língua fazendo sentido. Os sentidos são inesgotáveis quando falamos no discurso, uma vez que para cada monumento discursivo há múltiplas possibilidades de leitura, dependendo do dispositivo de análise proposto e dos objetivos do analista. Assim como os sentidos são incontáveis, o sujeito também é único, subjetivo.

Dessa maneira, a AD não entra no mérito do texto quanto aos seus aspectos formais de construção e de gramática, mas, sim, como discurso. Na seção seguinte, continuaremos com essas reflexões, voltando especificamente o olhar para a relação da língua e do discurso.

2.1 Língua, discurso e ideologia

A premissa da Análise de Discurso de que “não há discurso sem sujeito e sujeito sem ideologia” mostra-se produtiva na relação com os conceitos que vamos trazer nesta seção. Da mesma forma precisamos levar em conta que é por meio da língua que o sujeito interpelado desde sempre pela ideologia enuncia o discurso no qual o ideológico se manifesta.

Não há como abordarmos a língua sem recorrermos ao pai da Linguística Ferdinand De Saussure, que em sua obra *Curso de Lingüística Geral* se dedica a estudá-la. Afirma que a língua é “[...] ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.” (SAUSSURE, 2003, p. 17).

No entanto, mesmo que as dicotomias propostas por Saussure tenham permitido inúmeras possibilidades de estudos, Leandro Ferreira (2005, p. 316) salienta que para a análise do discurso e para os analistas do discurso a língua da linguística não existe mais. Nessa perspectiva, segundo a autora, a língua seria a da falta, do equívoco, da falha, aquela que leva em conta questões de historicidade do sujeito e suas marcas.

No texto *Delimitações, inversões e deslocamentos*, Pêcheux (1990a, p. 9) constrói a relação da língua com a história em três momentos diferenciados: Revolução Francesa (1789), revolução socialista (séc. XIX) e revoluções proletárias (séc. XX).

[...] a eficácia concreta das abstrações, inscrita do exercício de toda a língua, é marcada precisamente nos deslocamentos e disfarces que afetam a representação de um processo revolucionário para seus próprios atores: por exemplo, o disfarce romano da Revolução Francesa, no qual ela encontra suas origens míticas [...]. Portanto, se no espaço revolucionário tem-se a questão da passagem de um mundo a outro, a relação com o invisível e aí inevitavelmente colocada, do mesmo modo como nas formas históricas da contra-revolução: o conjunto constitui um só processo, contraditório, no qual se tramam as relações entre língua e história. (PÊCHEUX, 1990a, p. 9).

Dito de outro modo, num determinado espaço histórico uma palavra tem um sentido “delimitado” às tensões da época, contudo, ao mudar de espaço revolucionário, por exemplo, da revolução socialista para a proletária, pela característica incompleta e que presentifica a ideologia, pode haver um deslizamento ou uma inversão de sentido dessa mesma expressão.

Nessa mesma ótica, Petri (2011, p. 26) acrescenta que não é possível tomar a língua como a que está regulada na e pela gramática normativa, nem concentrar todos os sentidos possíveis de uma palavra no dicionário.

A palavra pode ter significados diferentes, os quais não necessariamente devem estar contidos no dicionário. Isso implica admitir que na língua encontra-se espaço para a interpretação. Resgatando aquilo que mencionamos na introdução deste capítulo, as palavras não são estáticas, se movimentam, participam de diferentes contextos do dizer.

Assim, do ponto de vista da AD, segundo Orlandi (2001b, p. 21), a língua não se trata somente de um código no qual existe uma separação entre emissor e receptor, muito menos uma sequência de fala e decodificação, ou um ato em que há apenas a transmissão da informação. No funcionamento da linguagem onde se relacionam sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, existe um processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos. Nas palavras de Pêcheux (1997b, p. 82, grifo do autor) então, “[...] o termo *discurso* [...] não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B, mas de modo mais geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B.”

É salutar neste momento demarcarmos que, de acordo com Orlandi, um texto possui começo, meio e fim. Já quando olhado na perspectiva discursiva, isso muda.

[...] o texto [...] apresenta início, meio e fim, porém, quando se vê [...] enquanto discurso reinstala-se imediatamente sua incompletude, [...] nem o discurso, nem o sujeito, nem o sentido são completos. Dito de outra forma, o texto, visto na perspectiva do discurso, não é uma unidade fechada – embora, como uma unidade de análise, ele possa ser considerado uma unidade inteira – pois ele tem relações com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições e produção²⁹ (os sujeitos³⁰ e a situação), com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso³¹, a memória do dizer). (ORLANDI, 2006, p. 22).

Dessa maneira, a AD propõe que o texto passe a ser “olhado” do ponto de vista de seu funcionamento, isto é, como um objeto simbólico que gera efeitos de sentidos. Esse processo é resultante da relação dos sujeitos simbólicos que habitam o discurso, e os efeitos dão-se porque são sujeitos dentro de certas circunstâncias (condições de produção) e afetados pelas suas memórias discursivas (histórico-social e ideológico).

De acordo com o exposto, formula-se a questão: Como a ideologia se presentifica no discurso por meio da língua?

Althusser (1985, p. 93) afirma que só existe ideologia pelo sujeito e para os sujeitos concretos, construídos num jogo de dupla constituição, no qual se localiza o funcionamento de toda a ideologia.

O autor explica que os processos de escrita e leitura são naturalmente imbricados pela ideologia, uma vez que “[...] o homem é por natureza um animal ideológico. [...] praticamos interruptamente os rituais do reconhecimento ideológico, que nos garantem que somos de fato sujeitos concretos [...].” (ALTHUSSER, 1985, p. 94).

Althusser (1985, p. 97) acrescenta ainda que a ideologia “age” ou “funciona” recrutando os indivíduos e transformando-os em sujeitos, processo esse que o filósofo chama de “interpelação”. Assim, a “[...] ideologia e a interpelação dos indivíduos enquanto sujeitos são uma única e mesma coisa.” (ALTHUSSER, 1985, p. 97).

Ao abordar as questões de ideologia, Althusser (1985, p. 70) menciona os aparelhos ideológicos de estado (AIE) que se apresentam ao observador na forma de instituições distintas e especializadas, como o AIE religioso, AIE escolar, AIE jurídico, AIE político, entre outros.

²⁹ Trataremos sobre esse aspecto na seção 3.1 do capítulo 3.

³⁰ Abordaremos esse conceito na sequência deste capítulo.

³¹ Abordaremos o interdiscurso ainda neste capítulo, na seção 2.4.

[...] a maior parte dos Aparelhos Ideológicos de Estado (em sua aparente dispersão) remete ao domínio privado. [...] Se os AIE “funcionam” predominantemente através da ideologia, o que unifica a sua diversidade é este funcionamento mesmo, na medida em que a ideologia, na qual funcionam, está de fato sempre unificada, apesar da sua diversidade e contradições, sob a ideologia dominante, que é a ideologia da “classe dominante.” (ALTHUSSER, 1985, p. 70-71).

Diante dessa constatação, como o sujeito e as posições ocupadas por ele no discurso estão diretamente relacionados ao aspecto ideológico e podem ser revelados pelo enunciador ou por quem as analisa, ao adotar certos gestos de leitura também já é, mesmo que sem perceber, ideológico. Assim, não há sentido, nem interpretação, sem ideologia.

Na próxima seção serão abordados em específico o conceito de formação discursiva e o ideológico, indispensáveis para o nosso estudo.

2.2 Formação discursiva e formação ideológica

O conceito de Ideologia, no nosso entender, é fundamental na perspectiva da análise de discurso. Ligados a essa Ideologia estão os conceitos de formação discursiva e formação ideológica.

A noção de formação discursiva, a partir desse momento denominada por FD, foi, inicialmente, formulada por Michel Foucault na obra *Arqueologia do saber*. Em sua definição, Foucault (1997, p. 43) propõe que uma FD se estabelece a partir de determinadas regularidades do tipo ordem, correlação, funcionamento e transformação, sendo que as regras de formação determinam as condições de existência, coexistência, modificações e desaparecimento de uma determinada repartição discursiva.

Desse modo, o autor define como formação discursiva:

Todo esse jogo de relações constitui um princípio de determinação que admite ou exclui, no interior de um dado discurso, um certo número de enunciados: há sistematizações conceituais, encadeamentos enunciativos, grupos e organizações de objetos que teriam sido possíveis (e cuja ausência não pode ser justificada no nível de suas regras próprias de formação), mas que são excluídos por uma constelação discursiva de um nível mais elevado e de maior extensão. Uma formação discursiva não ocupa, assim, todo o volume possível que lhe abrem por direito os sistemas de formação de seus objetos, de suas enunciações, de seus conceitos; ela é essencialmente lacunar, em virtude do sistema de formação de suas escolhas estratégicas. Daí o fato de que, uma vez retomada, situada e interpretada em uma nova constelação, uma dada formação discursiva pode fazer aparecerem possibilidades novas [...]. (FOUCAULT, 1997, p. 74).

Nessa perspectiva, a FD é homogênea, fechada, e não há espaço para a entrada e circulação de novos saberes, os quais poderiam resultar na tomada de posição do sujeito. O autor também não considera a ideologia como um princípio que pode promover a repartição da FD, organizando-a conforme a interpelação do sujeito.

Conforme Indursky (2007, p. 78), já nas primeiras formulações pecheutianas de FD percebemos o entrelaçamento com a ideologia, surgindo então a principal diferença em relação às formulações foucaultianas. É a partir disso que toma forma o conceito da tomada de posição, ou seja, um sujeito que é dividido por ele mesmo diante dos saberes que circulam na formação discursiva em que se inscreve, os quais podem questionar causando tensão.

Para Pêcheux, as palavras e as expressões do sujeito mudam de sentido conforme as posições ocupadas por ele, sempre em referência às formações ideológicas. Diante disso, formação discursiva é “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* [...]” (PÊCHEUX, 1995, p. 160, grifo do autor).

A noção de FD proposta por Pêcheux corresponde a um domínio de saber formado por enunciados que designam uma forma de relacionamento com a ideologia, regulando a enunciação do sujeito, ou seja, o que deve e pode dizer.

A formação discursiva, nessa ótica, implica a possibilidade de as palavras e expressões poderem mudar de sentido ao passar de uma formação discursiva para outra, assim como pode ocorrer o inverso, ou seja, palavras e expressões diferentes no interior de uma formação discursiva passam a ter o mesmo sentido. Isto porque o “[...] sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras [...] da mesma formação discursiva.” (PÊCHEUX, 1995, p. 161).

Na análise de discurso, a noção de sujeito e de formação discursiva está imbricada, pois é por meio da relação de ambas que se chega ao funcionamento do sujeito no discurso. A respeito disso, Pêcheux propõe então que “[...] os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso), pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes.” (PÊCHEUX, 1995, p. 161, grifo do autor).

Nesse contexto, salientamos que um sujeito não escolhe um modo pelo qual será interpelado, ele é afetado pelas determinações históricas e inconscientes. O indivíduo, como já registramos, tem a ilusão de que é a fonte do seu dizer, assim também não escolhe se inscrever numa determinada FD, nem as posições que ocupará no discurso.

Sobre isso, Indursky (2007, p. 83) destaca que uma formação discursiva não pode ser cristalizada, pois há espaço nela para a fragmentação da forma-sujeito e, como um ritual, está sujeita a falhas, que permitem que novos saberes possam inscrever-se no âmbito de uma FD. Isso possibilitará que no interior de uma mesma formação exista espaço para diferentes posições-sujeitos.³²

Assim como o observado, a formação discursiva não pode ser pensada isolada do sujeito e de seus desdobramentos.³³ Por isso, na seção seguinte focaremos a base teórica no estudo dessa categoria, elementar para o tipo de estudo que estamos nos propondo.

2.3 Sujeito: em busca de uma definição

A noção de sujeito perpassa diferentes perspectivas teóricas. Essa categoria não está presente somente nos estudos da análise de discurso, mesmo com abordagem diferenciada, o sujeito encontra espaço nos estudos enunciativos de Benveniste e é reduzido à posição estrutural em Chomsky.

Segundo Indursky (1998a, p. 112), em Saussure, que inaugura a ciência Linguística, o foco é o estudo da língua. Já na linguística textual os estudos são voltados ao texto.

Por esses motivos, parece-nos importante realizar aqui um percurso teórico da categoria de sujeito, partindo de sua formulação inicial, na filosofia, até o modelo teórico de sujeito da AD, a partir da qual vamos submeter à análise o “dizer” do catador de lixo.

Segundo Elia (2010, p. 11), o sujeito encontra sua primeira formulação na filosofia, no século XVII, por meio da angústia e da incerteza em relação ao que se dera até então como um mundo mais ou menos compreensível para o entendimento do homem. Foi somente mais tarde, cerca de três séculos depois, que acompanhamos essa abordagem na psicanálise:

A humanidade precisaria esperar mais três séculos por Freud e pela psicanálise para dispor de elementos que lhe permitissem entender a relação entre essas duas formas de emergência, a do sujeito e a da angústia, a ponto de poder enunciar que essa relação é de equivalência: a emergência da angústia é a emergência do sujeito. (ELIA, 2010, p. 13).

³² A questão específica da tomada de posições do sujeito será aprofundada no item 2.3.1 deste capítulo.

³³ O termo “desdobramentos” é utilizado por Grigoletto no texto *Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito*, para referir ao sujeito e às modalidades da tomada de posições em AD. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/EvandraGrigoletto.pdf>>.

Nesse contexto, Elia aborda a respeito de reflexões feitas por Lacan, nas quais menciona o sujeito da ciência e da psicanálise, “[...] o sujeito não é um *construto* – palavra muitas vezes empregada para substituir a de *conceito* no campo da ciência, indicando sentido de *construção* presente na operação [...] – algo que é concebido, que decorre de uma determinada concepção.” (ELIA, 2010, p. 16, grifo do autor).

O sujeito do inconsciente de Lacan toma o termo “inconsciente” das pesquisas realizadas por Freud. De acordo com Baratto (2012, p. 241), para Lacan “[...] o sujeito do inconsciente é o sujeito submetido ao significante nos seus encadeamentos sucessivos. A articulação dos significantes [...] determina pensamentos inconscientes que se produzem e operam à revelia do eu.”

A articulação de significantes a que se refere Baratto (2012, p. 241) está ligada aos estudos de Lacan, que, a partir da categoria de inconsciente cunhada por Freud, propõe um novo conceito de sujeito do inconsciente. A articulação desses significantes determina pensamentos inconscientes, que são produzidos e operam sem o conhecimento do eu. Sendo assim, não podemos atribuir a esses pensamentos um ser determinado, uma vez que os pensamentos se articulam no inconsciente onde o ser é ausente.

Ainda em relação às concepções de sujeito, Lacan afirma que é duplamente dividido pela sua relação à linguagem, “[...] pelo fato de que o sujeito depende do significante e que o significante está primeiro presente no campo do Outro.” (LACAN, 1998, p. 194-195). O sujeito estaria, então, numa relação de dependência de um campo discursivo simbólico exterior.

O Outro a que se refere Lacan, de acordo com Chaves (2005, p. 72), é aquele que está ligado à fala. O autor explica que, ao falarmos, nos dirigimos a alguém, este é o Outro, o que escuta sem que peçamos. Contudo, chama a atenção de que não se trata do destinatário da fala, pois o verdadeiro destinatário se encontra ausente.

Nas palavras de Lacan então o Outro “[...] é, portanto, o lugar onde se constitui o [eu] que fala com aquele que ouve, o que um diz já sendo a resposta, e o outro decidindo, ao ouvi-lo, se esse um falou ou não.” (LACAN, 1998, p. 432).

Desse modo, o Outro, na perspectiva lacaniana, está sempre presente na linguagem, está junto com a fala, na qual a escuta é essencial. O escutar no momento da fala constitui-se, do ponto de vista lacaniano, como o instante do aparecimento da falta na fala humana cujo sentido está na afirmação da fala do sujeito.

Para dar suporte à teoria do inconsciente, Chaves (2005, p. 54) refere que Lacan recorre ao signo linguístico proposto por Saussure, especificamente às categorias de

significante (imagem sonora, unidade material da fala humana) e de significado (conceito, ideia). Entretanto, subverte a concepção saussuriana dando foco ao significante, pois o entende como material e simbólico (sua articulação em cadeia produz uma ordem capaz de engendrar o significado) ao mesmo tempo.

O significante na ótica lacaniana, segundo Chaves (2005, p. 55), marca tudo o que é da ordem do inconsciente, justamente porque este escapa ao significado, isto é, aquilo que quer significar e não significa, sendo somente significante. Nesse sentido podemos “[...] pensar, assim como Lacan, que essas oposições (homem/mulher; paz/guerra; dia/noite) não advêm do mundo real, mas, ao contrário, fornecem as coordenadas necessárias, fazendo com que seja possível ao homem uma realidade que supõe a estrutura dos significantes.” (CHAVES, 2005, p. 56).

Entendemos, então, que os significantes se constituem por si mesmos sem significações próprias, por isso não se pode saber o sentido completo de tudo. E por fazer parte da linguagem, o significante pode ser pensado como um sinal que remete a outro sinal, estruturado para significar a ausência de outro, opondo-se a ele num par, como, por exemplo, o dia e a noite.

Assim, na concepção psicanalítica, o sujeito é concebido a partir do campo da linguagem, ou seja, pela articulação de elementos materiais simbólicos. Nesse contexto, o inconsciente exige um suporte metodológico em relação a dois estatutos: “[...] ele deve ser material (a psicanálise é um saber materialista) e, ao mesmo tempo, simbólico (a psicanálise não é uma biopsicologia). [...] o campo de referência que oferece a um só tempo essas duas condições metodológicas é o da linguagem, [...]” (ELIA, 2010, p. 36-37).

Com dessas reflexões, podemos dizer que o campo capaz de oferecer o estatuto metodológico para o sujeito psicanalítico, unindo o material ao simbólico, é o da linguagem, pois é nesse que acompanhamos a manifestação desse simbólico, sendo a maneira pela qual o sujeito se constitui, o que não é possível por suportes metafísicos, como a alma, a razão, entre outros.

A linguagem, então, é responsável por garantir a dimensão social do sujeito do inconsciente, sem a qual, segundo Elia (2010, p. 39), o sujeito não se constitui em um ser que pertence à espécie humana.

É justamente este o ponto de encontro com o sujeito da análise de discurso, para a qual,

[...] além de social é histórico, por conseguinte, ideológico, e dotado de inconsciente. Com base nisso, podemos afirmar que a constituição do sujeito da Análise de Discurso articula fortemente o social (a relação com a História) e o inconsciente (a relação com o dizer do outro). Em outras palavras, o sujeito da Análise de Discurso é duplamente afetado: em seu funcionamento psíquico, pelo inconsciente, e em seu funcionamento social, pela ideologia. (INDURSKY, 2000, p. 71).

Na sua obra *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, Pêcheux (1995) afirma que o lugar do sujeito, em sua tese, não é vazio, pois é afetado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia, preenchido por aquilo que ele designa de forma-sujeito³⁴ ou sujeito do saber de uma determinada formação discursiva.

Um sujeito, conforme Indursky (2007, p. 80), pode se relacionar de maneira diferenciada com a forma-sujeito da FD em que está inscrito. Queremos dizer que tanto pode se identificar como também questionar a respeito dos dizeres e sentidos próprios, trazendo tensão no interior da FD, ou ainda um deslocamento. Isso implica uma tomada de posição. No entanto, como será que esse processo acontece? É o que vamos tratar na seção seguinte.

2.3.1 O sujeito e seus desdobramentos a partir da tomada de posições

Já dissemos em itens anteriores deste capítulo que os desdobramentos do sujeito na análise de discurso estão relacionados ao seu funcionamento no discurso enquanto inscrito numa determinada formação discursiva. Também abordamos, neste estudo,³⁵ o fato de que ao propor a reformulação da noção foucaultiana de FD, tratando-a como heterogênea, Pêcheux e Fuchs (1997, p. 166), marcam a entrada da ideologia, especificamente da formação ideológica, caracterizada como um elemento capaz de intervir, a exemplo de uma força, confrontando com outras forças na conjuntura ideológica de uma formação social. Em outras palavras, a formação ideológica corresponde a um conjunto de atitudes e representações ligadas a posições de classes em confronto uma com as outras.

Pensando nessa relação do discurso com a ideologia trabalhada por Pêcheux, Indursky (2008a, p. 17) reafirma que a presença desta última é símbolo de contradição. Então, “[...] se a ideologia não é idêntica a si mesma, a formação discursiva, por razões similares, também é, ao mesmo tempo, idêntica e dividida. [...] as fronteiras de uma formação discursiva são

³⁴ O conceito de forma-sujeito é introduzido por Althusser na obra *Posições I* (1978, p. 178), na qual explica que um indivíduo só pode ser agente de uma prática social se revestir da *forma de sujeito*.

³⁵ Tratamos na seção 2.2.

suficientemente porosas para permitirem que saberes oriundos de outras formações discursivas ai se façam presentes.” (INDURSKY, 2008a, p. 17). Isso significa que o domínio do saber da FD pode ser invadido por saberes de outras formações discursivas.

Segundo a autora, se a FD é espaço de heterogeneidade, a forma-sujeito que a organiza também é heterogênea em relação a si mesma, abrigando, da mesma forma como a FD, a diferença e a ambiguidade. É nesse contexto, em que não podemos ignorar a ideologia, que podemos falar em tomada de posições.

Desse modo, aproximando isto de nossa materialidade discursiva de análise, ou seja, do discurso dos catadores de materiais recicláveis, propomos como FD inicial a formação discursiva coletor (FDC), na qual a forma-sujeito histórica está relacionada à historicidade do ofício da catação, isto é, a um sujeito antes do ingresso no projeto Profissão Catador: entre o viver e o sobreviver do lixo, quando era discriminado, visto como um animal que remexia o lixo, causava desordem na cidade e sofria a exploração dos atravessadores. Contudo, ao pensarmos nessa nova situação apresentada ao catador, teremos a circulação de novos saberes dentro da FDC, isso implica heterogeneidade tanto da FD quanto na forma-sujeito, determinando a tomada de posição ao sujeito.

Pêcheux (1995, p. 215) menciona três tomadas de posição pelas quais, interpelado pela ideologia, um sujeito pode se filiar a uma FD. A primeira modalidade é a superposição entre o sujeito do discurso e o sujeito universal, ou seja, o sujeito do saber da FD. Nessa modalidade há uma identificação do sujeito do discurso com a forma-sujeito da FD, caracterizando o discurso do “bom sujeito”. Indursky (2008a, p. 18) acrescenta ainda que esta posição-sujeito se constitui em um PS dominante em relação às outras posições em que a FS se fragmenta.

A segunda modalidade é a que denomina o indivíduo de “mau sujeito”, pois nessa tomada de posição o sujeito do discurso se contrapõe ao sujeito universal da FD, assinalando a heterogeneidade. Existe certo distanciamento entre o sujeito e os saberes da formação discursiva, o que leva a se contraidentificar. Indursky (2008a, p. 19) explica ainda que, ao se distanciarem dos saberes organizados pela posição-sujeito dominante, as outras posições-sujeito que se constituem no mau sujeito sinalizam diferenças, questionamentos.

A terceira modalidade da tomada de posição, a qual, conforme Pêcheux (1995, p. 217), funciona sob a desidentificação, seria como uma interpelação da ideologia ao contrário, com deslocamento da forma-sujeito que passa a se desidentificar com o sujeito universal dessa FD e se deslocar para uma FD adversa.

As modalidades da tomada de posições podem ser resumidas da seguinte maneira:

[...] *relação de desdobramento entre “sujeito da enunciação” e “sujeito universal”* [...] esse desdobramento pode assumir diferentes modalidades [...] a primeira modalidade consiste numa superposição entre o sujeito da enunciação e os sujeito universal [...] de modo que a “tomada de posição” do sujeito realiza seu assujeitamento sob forma do “*livre consentimento*” [...]. A segunda modalidade [...] o sujeito da enunciação se volta *contra o sujeito universal* por meio de uma “tomada de posição”, que consiste [...] em uma *separação* [...] *com respeito ao que o “sujeito universal” lhe “dá a pensar”* [...] “terceira modalidade” subjetiva e discursiva, paradoxalmente, caracterizada pelo fato de que ela integra o efeito das *ciências e da prática política do proletariado sobre a forma-sujeito*, efeito que toma forma de uma *desidentificação*, isto é, uma *tomada de posição não-subjetiva* [...]. (PÊCHEUX, 1995, p. 215-217, grifo do autor).

Sobre a modalidade de desidentificação, Indursky (2008a, p. 20) acrescenta que pode ocorrer de duas maneiras distintas. Uma por parte do sujeito do discurso, “[...] de uma forma-sujeito e sua identificação com uma outra forma-sujeito já existente.” (INDURSKY, 2008a, p. 20). A outra está relacionada com as discussões de Pêcheux em torno do acontecimento discursivo, “[...] que se institui no exato momento em que o sujeito do discurso, rompe com um domínio de saber já instituído e com o qual estava identificado até então para identificar-se com um domínio de saber, que está em processo de constituição [...] momento exato de uma nova formação discursiva [...]” (INDURSKY, 2008a, p. 20).

Nesse sentido, como vimos pela tomada de posição, o sujeito se relaciona de diferentes formas com a ideologia. Evidentemente que não tem controle sobre essa interpelação e, por isso, não escolhe mudar de posição dentro de uma FD, apenas enuncia e, ao fazer isso, retoma no seu dizer uma memória de sentidos, ou seja, de algo que já foi dito e silenciado, mas que o sujeito retoma tendo a ilusão de que esse dizer partiu dele.

É por esse motivo que em AD dizemos que o sujeito tem a ilusão de que é a fonte do dizer, mas, na verdade, está sempre retomando algo dito no tempo e no espaço, conduzindo ao fio do discurso por meio do interdiscurso. Este aspecto será abordado na sequência.

2.4 Língua e história: a materialização no interdiscurso

A memória, pensada no eixo do discurso, é chamada de “interdiscurso”. É uma espécie de retomada de algo que já foi dito por alguém em algum lugar, que é reconduzida pelo sujeito ao seu discurso com a falsa certeza de que é a fonte desse enunciado.

No jogo de relações entre as palavras, há sempre uma memória de sentidos que se repete, a qual Pêcheux (1995, p. 162) a nominou de “interdiscurso”. Ampliando a definição pecheutiana, Orlandi (2006, p. 17) explica que o interdiscurso determina a formação

discursiva, pois é próprio da FD dissimular, na transparência do sentido, a objetividade material do interdiscurso que a determina. Essa objetividade reside no fato de que algo fala sempre antes em outro lugar. Em outras palavras, seria um dizer já dito, que representa o saber, ou seja, a memória discursiva.

É “[...] pelo funcionamento do interdiscurso que o sujeito não pode reconhecer sua subordinação-assujeitamento ao Outro [...]” (ORLANDI, 2006, p. 18), devido ao fato do efeito da transparência que confere a ele a impressão de autonomia, ou de que ele é a fonte desse dito. Para que uma palavra tenha sentido em determinada formação discursiva, é necessário que essa já faça sentido antes, “[...] isso é que chamamos de historicidade na análise de discurso [...] efeito de pré-construído [...] sustentando todo o dizer.” (ORLANDI, 2006, p. 18).

Nesse sentido, o interdiscurso mobiliza uma relação de sentidos, que não precisam ser mencionados no momento da enunciação para estarem presentes. Isso, segundo aquilo que depreendemos dos estudiosos da análise de discurso, acontece por meio de uma memória, a qual é afetada pelo esquecimento.

Pêcheux (1995, p. 173) postula que há dois tipos de esquecimentos, sem os quais um discurso não é possível, que estão relacionados aos campos da enunciação e da ideologia.

O esquecimento número 2, conforme explica Orlandi (2001b, p. 34), está relacionado à enunciação, o porquê de fazemos de uma maneira e não de outra, implicando em famílias parafrásticas que dão impressão ao sujeito que o dizer não poderia ser enunciado de outra forma. Este esquecimento “[...] produz em nós a impressão da realidade do pensamento. Essa impressão, que é denominada ilusão referencial, nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo [...] pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras [...]” (ORLANDI, 2001b, p. 34).

Já o esquecimento número 1, de acordo com Orlandi (2001b, p. 35), está ligado à ideologia, por isso é chamado de “esquecimento ideológico”. Está relacionado com o inconsciente, com o modo pelo qual o sujeito é afetado pela ideologia, passando a ter, nesse momento, a ilusão de ser a origem do dizer, quando, no entanto, está trazendo algo preexistente. “Esse esquecimento reflete o sonho adâmico: [...] ser o primeiro homem, dizendo as primeiras palavras que significam apenas exatamente o que queremos.” (ORLANDI, 2001b, p. 35).

Esses dois esquecimentos são estruturantes para a existência do discurso. Enquanto, de um lado, o esquecimento número 2 aponta para a certeza de que aquilo que queremos dizer tem apenas uma forma de ser dito, constituindo-se no momento da enunciação; de outro, o

esquecimento número 1 se dá no inconsciente pelo funcionamento da ideologia, levando o sujeito a iludir-se como aquele que usa a linguagem e estabelece sentidos “únicos” aos seus enunciados.

Assim, se o interdiscurso representa o conjunto de formulações ditas e esquecidas e está no eixo vertical, é pertinente lembrarmos também o eixo horizontal do intradiscurso, “[...] que seria o eixo da formulação [...] aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas.” (ORLANDI, 2001b, p. 33).

Em outras palavras, quando trazemos presente o interdiscurso e o intradiscurso, percebemos que estão relacionados. A formulação, ou o intradiscurso, é determinada pela relação com o interdiscurso, pois determina o que dizemos. Todo discurso representa um ponto de encontro entre dois eixos, o vertical, daquilo que já foi dito e esquecido, portanto, da memória, e o horizontal, da atualidade.

Finalizando a breve retomada teórica, na qual buscamos esclarecer conceitos basilares da AD, optando pelos que mais servirão para a parte analítica do estudo, cabe ainda abordarmos o imaginário, que faremos na sequência.

2.5 O imaginário: projeções do sujeito no discurso

O imaginário tem relação direta com as condições de produção, as quais serão abordadas no capítulo 3, assim como os processos discursivos. É um conceito fundamental para entendermos a noção de formação imaginária pensada por Pêcheux. Assim como outras categorias da análise de discurso, como a formação discursiva e, até mesmo, o sujeito, o imaginário também passou por (re)formulações ao longo das fases da AD.

A questão do imaginário, inicialmente, foi trazida a partir da expressão “formações imaginárias”, na AAD-69. Pêcheux (1997b, p. 82-83) afirma que em todo processo discursivo supomos a existência de formações imaginárias, as quais designam o lugar que o sujeito produtor do discurso (A) e o destinatário (B) atribuem a si próprios e um ao outro.

Nesse sentido, “[...] existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as *situações* (objetivamente definíveis) e as *posições* (representações dessas situações).” (PÊCHEUX, 1997b, p. 82, grifos do autor).

Pêcheux (1997b, p. 83) esquematiza as formações imaginárias da seguinte maneira:

Quadro 1: Representação das formações imaginárias das imagens dos interlocutores sobre os referentes

Representação da expressão	Significação da expressão	Questão - formação imaginária correspondente
IA(A)	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	Quem sou eu para lhe falar assim?
IA(B)	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	Quem é ele para que eu lhe fale assim?
IB(B)	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	Quem sou eu para que ele me fale assim?
IB(A)	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B:	Quem é ele para que me fale assim?

Fonte: Adaptado de Pêcheux (1997a, p. 83).

A formação imaginária, então, está ligada à representação que os sujeitos têm dos outros sujeitos. São mecanismos de funcionamento discursivo que não estão relacionados ao físico ou ao lugar empírico, mas às imagens resultantes de suas projeções, por exemplo, entre um sujeito e outro (A e B).

Na proposta de imaginário, Pêcheux (1995, p. 154) postula que existe uma espécie de “teatro da consciência” (eu vejo, eu penso, eu falo, eu te vejo, eu te falo, etc.), lá de onde se pode captar que se fala do sujeito, que se fala ao sujeito, antes que o sujeito possa dizer “Eu falo”.

Aproximando esses conceitos de nosso *corpus*, convém trazermos nesta seção que, historicamente, a sociedade já tem um imaginário constituído a respeito dos catadores, que não é restrita à cidade de Cruz Alta, mas que perpassa o imaginário de quase todas as cidades onde existem catadores. Acreditamos que essa projeção em torno do sujeito catador esteja ligada às condições pelas quais estavam submetidos e ainda hoje muitos estão perambulando sozinhos pelas ruas, muitas vezes, concorrendo com cães e gatos, chafurdam lixeiras, *containers* e sacos de lixo, causando desorganização.

Para nos munir das discussões futuras, trazemos de Haroche (2005, p. 115-139) o termo “deferimento”, o qual teve origem na sociedade da corte. No texto *O comportamento de deferência: do cortesão à personalidade democrática*, a autora recorre a diferentes teóricos para a definição da expressão, e salienta que a deferência é inerente às sociedades, não estando limitada, necessariamente, ao momento de uma cerimônia, e nem sempre é formal, isto é, pode ser atenuada, no entanto essencial.

Haroche (2005, p. 119) contempla duas vertentes que estudaram essa expressão: uma baseada nos textos de Spencer, Tönnies e Simmel, os quais abordam o termo genericamente,

seus conteúdos, origens e modos de exercício; outra Shils aproxima a deferência do prestígio, da honra e do respeito, do renome, da glória e da dignidade.

Diante dessas perspectivas, a autora constrói o seguinte panorama:

O conjunto dessas análises nos leva a reconsiderar a questão do valor social de um indivíduo, tanto a seus próprios olhos como aos olhos dos outros, a questão da auto-estima; a considerar ainda uma vez a relevância da problemática dos sentimentos morais [...]. A honra, a consideração, o reconhecimento, a auto-estima, o respeito, a deferência constituíram-se em objeto das reflexões morais nos séculos XVII e XVIII; hoje, a teoria moral e política faz da deferência um tema central, situado no cerne de reivindicações maiores em matéria de reconhecimento e respeito. [...], a moral e a ética intervindo para lembrar a importância do olhar social: o temor, a baixaza, a covardia que esse olhar estimula e reforça ou sobre os quais ele se cala. (HAROCHE, 2005, p. 119-138).

Assim, para Haroche, a deferência está ligada às questões constitutivas do “eu”. Pode se apresentar como forma de prestígio, respeito, renome, glória e dignidade, entretanto, também faz fronteira com a obscuridade, a vergonha, a desonra, o desrespeito, a infâmia e a indignidade. É um olhar social que pode estimular o medo, a covardia ou pode se calar.

Junto ao deferimento também tomamos outro termo de Haroche, a “consideração”. A autora (2008, p. 76) recorre a Rousseau para explicá-lo, destacando que no momento em que começam a viver juntos, os homens têm o desejo e, mais do que isso, a necessidade de consideração e de estima pública.

Segundo Haroche, ao tratar do tema consideração, Rousseau enfatiza que a expressão não pode ficar distante do termo visibilidade, tendo em vista que é “[...] do olhar, da necessidade de ser olhado, para ser considerado, e mesmo para existir, que nasce de modo inevitável, a desigualdade.” (HAROCHE, 2008, p. 76). A própria origem da desigualdade na natureza e na sociedade está inscrita na essência do homem, no olhar, na necessidade de estima, caracterizando-se como algo que não pede espaço, mas que é evidente.

A autora esclarece que, comparando as sociedades não igualitárias do antigo regime com as democracias das sociedades contemporâneas, o que se apresenta como novo é a insistente necessidade de reconhecimento e da busca de um direito ao reconhecimento. “Nesse contexto, emergem movimentos que, partindo das minorias e do multiculturalismo, procuram promover, de maneira sistemática, o direito a inscrever o reconhecimento e a consideração em novas legislações.” (HAROCHE, 2008, p. 79).

Desse modo, na perspectiva de Haroche, a consideração que traz consigo entrelaçado o respeito é objeto antropológico e político imensurável e, sem dúvida, é importante a qualquer

indivíduo. É signo de civilidade e inalienável, isto é, é inerente ao ser humano e não pode ser transferido.

Propomos, então, uma aproximação entre os termos deferência e consideração com o campo do imaginário. Isso por entendermos que ambos têm ligação com o social e se dirigem ao indivíduo e, dessa maneira, não deixam de se relacionar com o imaginário, pois, de acordo com Pêcheux (1997a, p. 82), nos mecanismos de qualquer formação social existem regras de projeção que não estão ligadas ao empírico do sujeito, ao lugar físico, mas às imagens resultantes dessas projeções.

Há ainda outros pontos que precisamos teorizar sobre o imaginário e sobre o sujeito catador, como, por exemplo, a sua relação com a cidade, bem como a organização do espaço urbano.

Conforme Orlandi, a cidade é um acontecimento por excelência. “Em termos do imaginário, poderia mesmo dizer que a cidade não tem exterioridade, ou seja, o que não é cidade (por exemplo, o campo) também é significado por ela [...]. A cidade é um espaço simbólico com *sujeitos* vivendo dentro [...]” (ORLANDI, 2003, p. 21, grifo da autora).

A relação que a autora constrói entre a cidade e o acontecimento justifica-se tendo em vista que este último consiste na produção de sentidos urbanos, como um lugar simbólico onde os sujeitos significam com suas particularidades. Dessa forma, a cidade não se resume em sujeitos e construções, mas na relação entre esses. É espaço de manifestação e encontro de movimentos sociais, portanto, abriga diferentes discursos.

Orlandi (1994, p. 56) afirma que no discurso o mundo é apreendido, trabalhado pela linguagem. É a ideologia a condição para a mediação entre o discurso, o mundo e a linguagem. Em termos de discursividade, não é somente a noção de linguagem que é diferente, mas também há transformação das noções de social, de histórico e de ideológico.

Quanto ao social, não são os traços sociológicos empíricos – classe social, idade, sexo, profissão – mas as formações imaginárias que se constituem a partir das relações sociais que funcionam no discurso: a imagem que se faz de um pai, de um operário, de um presidente, etc. Há em toda língua mecanismos de projeção que permitem passar da situação sociologicamente [...] para a posição dos sujeitos discursivamente significativa. No que diz respeito ao ideológico, não se trata de procurar "conteúdos" ideológicos [...], mas justamente os processos discursivos em que ideologia e linguagem se constituem de forma a produzir sentidos. Na Análise de Discurso se trabalha com os processos de constituição da linguagem e da ideologia e não com seus "conteúdos". A ideologia não é "x", mas o mecanismo de produzir "x". No espaço que vai da constituição dos sentidos (o interdiscurso) à sua formulação (o intradiscurso) intervêm a ideologia e os efeitos imaginários. (ORLANDI, 1994, p. 56, grifo da autora).

No âmbito do discurso, então, há transformação do social, no sentido de formações imaginárias, constituídas a partir das relações sociais projetadas no discurso. Também se modifica a questão do encontro da ideologia com a linguagem, isto é, não são considerados os conteúdos das palavras, mas o seu funcionamento no discurso na produção dos sentidos. Já do ponto de vista da transformação do histórico, a discursividade não está relacionada com a evolução ou cronologia, mas como filiação, levando em conta os modos como os sentidos são produzidos e circulam.

Assim, não existe relação direta entre linguagem e mundo. Cabe, então, ao imaginário garantir esse efeito, levando a que essa relação “pareça” direta como uma espécie de ilusão, uma vez que, diante de qualquer objeto simbólico, seja “x”, seja “y”, somos chamados a interpretar o que “x” ou “y” querem dizer. Esse é o imaginário agindo.

Ainda resta-nos, diante do que propomos nesta seção, trazer reflexões sobre a organização do espaço urbano. A respeito disso, Venturini (2008, p. 120) afirma que o sujeito e o espaço urbano têm uma relação de dependência, ou seja, “[...] de um lado, a cidade só existe porque os sujeitos a constituem, e, de outro, os sujeitos que são por ela constituídos.” A autora enfatiza que a memória da cidade não se constitui pelo individual do sujeito, mas pelos saberes da formação social, constitutivos daqueles da memória social.

Venturini ressalta ainda que é por meio dos sujeitos urbanos, ideologicamente interpelados e divididos inconscientemente, que o passado retorna não com os mesmos sentidos, mas como forma de memória, de recordações e do conhecimento transformado e deslocado pelo funcionamento discursivo, a historicidade. “Nessa perspectiva, o espaço urbano e os cidadãos são inseparáveis: um não existe sem o outro.” (VENTURINI, 2008, p. 120).

Diante disso, adaptamos um esquema das formações imaginárias de Pêcheux (1997b, p. 83) no seguinte quadro representativo:

Quadro 2: Representação das formações imaginárias – antecipações do receptor

Expressão das formações imaginárias	Significados	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente
A IA(R)	“Ponto de vista” de A sobre R	“De que lhe falo assim?”
B IB(R)	“Ponto de vista” de B sobre R	“De que ele me fala assim?”

Fonte: Elaboração da autora, adaptado de Pêcheux (1997a, p. 84).

Na ilustração temos (A) como destinador que envia uma mensagem a um destinatário (B) e (R) referente.

Tendo em vista a proposição de Pêcheux (1997b, p. 83), organizamos um quadro no qual, a partir de uma sequência discursiva, ilustramos o imaginário que o catador acha que a sociedade urbana tem em relação a ele.

Quadro 3: Proposta de representação das formações imaginárias das imagens dos interlocutores sobre os referentes

Sequência discursiva	Representação	Significados
SD03 – [...] acham que agente que trabalha com reciclagem é lixeira ³⁶ [...]. Catador 1, março 2013, grifo nosso.	IB (A): DA	Imaginário que B (sociedade) tem de A (catador): que se manifesta no discurso do catador (DA).

Fonte: Elaboração da autora.

A marca de tempo presente e a indeterminação do sujeito em *acham* permitem observar duas questões que circulam: primeiro, o entendimento que o sujeito catador tem em relação ao que a sociedade pensa sobre ele; segundo, a negação desse imaginário produzido sobre ele a partir das marcas linguísticas *acham* e *que trabalha reciclagem*. Quem trabalha com material reciclável não é lixeiro, nem lixo (sujeito-animal), mas catador.

A expressão *agente* também merece atenção porque induz à questão: ao usá-la para referir quem trabalha com reciclagem, o enunciador se inclui nesse contingente? Parece-nos aqui que a locução pronominal *agente* não é inclusiva, portanto, não tem o mesmo valor que *nós*, que sintaticamente poderia representar todos os catadores de materiais recicláveis. Outro aspecto que podemos assinalar é: ao afirmar que, quem trabalha com reciclagem não é lixeiro, o catador admite, mesmo sem dizer, que há aqueles que o são, tendo em vista que foi o seu ingresso no projeto “Profissão catador” que o permitiu estar nessa condição de reciclador e passar a ver e designar aquilo que pode ser reaproveitado entre os descartes como material reciclável.

Nosso gesto interpretativo da SD 03 antecipa, em alguns aspectos, o tipo de discussão que nos propomos neste estudo. Assim fizemos também em relação às SDs 01 e 02.

A partir desse momento, após termos iniciado o percurso teórico no capítulo 1, no qual focamos no contexto de surgimento do catador, do seu (não)reconhecimento enquanto sujeito que manifesta, mas que simboliza no meio urbano, e seguirmos pelo capítulo 2, com a

³⁶ O termo “lixeira” nesta sequência discursiva não remete à lixeira objeto, mas, sim, ao antônimo de lixeiro, tendo em vista que a enunciação foi realizada por uma catadora.

apresentação do panorama teórico da análise de discurso, já podemos encaminhar nossos gestos interpretativos. Análises que não representarão o certo e o errado, mas que são apenas um ponto de vista, um gesto de interpretação construído a partir do que nos “incomoda”.

3 CORPORA E GESTOS INTERPRETATIVOS

A distribuição da luz e das sombras sobre objetos, ambientes e corpos, não é uma coisa que deveríamos tomar meramente como coisa física, o corriqueiro espetáculo de como o sol ou a lâmpada faz figurar certos lados, deixando outros sob penumbra, arquitetando o que vai brilhar e o que ficará escuro. A iluminação é coisa também social. O que vemos e o que deixamos de ver, o regime de nossa atenção, é decidido segundo o modo que fomos colocados em companhia dos outros, [...] vem reparar nas coisas e nos seres das margens e de meia-luz. (COSTA, 2008, p.18).

As palavras iniciais deste capítulo não foram escolhidas ao acaso, pois acreditamos que a opção pela Análise de Discurso nos possibilita ver aquilo que está à sombra, ofuscado pela luz dedicada ao que é “belo” e “enche os olhos”. Assim como fizemos com os objetos mais bonitos e vistosos de nossa casa, deixando-os em lugar de destaque, é a sociedade que dirige os holofotes aos seres “belos”, “vistosos” e que não causam estranhamento. Mas esse gesto de evidenciar o “belo” não apaga, nem elimina os objetos e pessoas “não tão belos assim”, apenas os esconde, os deixa na penumbra, constituindo um escurecimento proposital.

“Aquilo” ou aqueles que estão sob pouca ou nenhuma iluminação também significam e têm muito a dizer, “gritam” e, na maioria das vezes, representam apenas um murmúrio ou um barulho que não recebe nossa atenção, porque não diz o que queremos ouvir.

Diante disso, assim como propõe Costa (2008, p. 18), chamando-nos a reparar as coisas e os seres das margens e de meia-luz, nesse espaço analítico queremos utilizar como “fonte de energia” a AD, voltar o foco de trabalho aos catadores de materiais recicláveis. Um caminho incerto, que vem sendo construído na medida em que vem sendo trilhado, mas munidos de uma teoria que possibilita ir além da luz, tocando na “ferida” e, às vezes, provocando até “sangramentos”.

Pensamos isso, apoiados em Orlandi, que afirma: “Daí deriva [...] a riqueza da Análise de Discurso ao permitir explorar de muitas maneiras essa relação trabalhada com o simbólico, sem apagar as diferenças, significando-as [...]” (ORLANDI, 2001b, p. 28).

A significação das diferenças que Orlandi (2010, p. 26) refere está ligada ao jogo que se estabelece na distinção entre o dispositivo teórico e o analítico, que constituem os dois dispositivos de interpretação da AD. O dispositivo teórico é formado pelas noções e conceitos

que constituem os princípios da análise de discurso, orienta o dispositivo analítico, visto que faz o “[...] deslocamento de uma leitura tradicional para uma leitura que chamamos sintomática [...]” (ORLANDI, 2010, p. 26). Já o dispositivo analítico, de acordo com a autora, caracteriza-se por ser a parcela que cada analista constrói para a análise específica do material linguístico.

É necessário demarcarmos, nesse ponto, que a análise de discurso pecheutiana trabalha sobre a premissa de que a materialidade linguística não é transparente, constitui-se de uma superfície porosa. Por esse motivo, há necessidade da construção de dispositivos para acessá-la, no sentido de penetrar no discurso por meio de gestos de leitura, trabalhando a espessura linguístico-histórica, ou seja, a discursividade.

Aprofundando o contexto dos dispositivos de interpretação, Orlandi (2006, p. 26) afirma que é esperado da parcela teórica que produza um deslocamento que permita ao analista trabalhar as fronteiras das formações discursivas, entrando em uma relação crítica com o complexo das formações. Quanto ao dispositivo analítico, o mesmo “[...] deve oferecer procedimentos (paráfrase, substituição, etc.) para que ele possa explicitar isso.” (ORLANDI, 2006, p. 26).

Ainda sobre os dispositivos, é importante compreender que:

[...] a interpretação do nível do analista sendo trabalhada por um dispositivo teórico que permite que ele leve em conta – e não atravesse simplesmente – a materialidade do discurso. Esse dispositivo visa deslocar o olhar leitor do atravessamento pela ideologia (em que os sentidos aparecem como já-lá na transparência da linguagem) para a posição do analista: não onipotente mas deslocada em que o efeito de exterioridade, o da alteridade do sentido, as determinação histórica, seja tomado em conta. Isso redundando em que esta forma de análise visa não interpretar o texto mas *compreender* como ele produz sentidos. E aí intervém o segundo nível em que deve ser considerada a interpretação. (ORLANDI, 2012, p. 170-171, grifos da autora).

Junto a esse dispositivo, constituído de partes teóricas e analíticas, há um aspecto importante a considerar no momento de analisar qualquer *corpus* diante da AD: a ideologia. Já assinalamos no capítulo 2 que é constitutiva do discurso, sendo indispensável quando nos propomos a gestos de interpretação com filiação na AD.

Orlandi (2006, p. 25) observa que a perspectiva de ideologia nas ciências humanas e sociais é diferente da maneira como trabalha a AD. Na primeira, a linguagem transparente e a ideologia como ocultação, já nossa disciplina propõe que a enxerguemos num âmbito discursivo, isto é, “[...] estabelece que [...] a interpretação é sempre regida por condições de produção específicas que, no entanto, aparecem como universais e eternas [...]”. Assim, na

ideologia não há ocultação de sentidos, mas apagamento do processo de sua constituição.” (ORLANDI, 2006, p. 25).

Entretanto, falar em dispositivos de análise implica, antes de qualquer gesto interpretativo, elucidar as questões de constituição do arquivo, bem como as condições apresentadas na hora em que a enunciação é feita, conjunto conhecido como condições de produção. Esses aspectos correspondem a nossas próximas seções. Também neste capítulo, cujos objetivos primordiais são as análises, abordaremos diferentes categorias linguísticas que estão à disposição do analista, como a paráfrase e as relativas, as quais são pistas importantes para acessarmos o discurso.

3.1 Arquivo: o documental e o construído

A palavra arquivo pode remeter a diferentes contextos. Podemos imaginar desde um armário físico que serve para acondicionar pastas até o meio digital, com documentos que se tornam arquivos de um computador. Desse modo, como estamos trabalhando com *corpora* advindos de cartas e de entrevistas, é necessário que discutamos a respeito do entendimento do arquivo em AD.

Uma questão parece-nos já mais fácil de ser elucidada, no caso das cartas, a materialidade se encaixa em arquivo documental. Os motivos de nossa afirmação serão trazidos na sequência do texto. Mas quando tratamos de *corpus* construído por meio de coletas de dados, por exemplo as entrevistas, como devemos tratá-los? Há espaço em nossa disciplina para esse tipo de materialidade? É nesse sentido, o de esclarecer os questionamentos feitos, que organizamos esta seção.

Na própria análise de discurso temos alguns entendimentos diferenciados a respeito do arquivo. Inicialmente, Guilhaumou e Maldidier nos remontam ao princípio da AD, quando ligada estritamente ao discurso político, a disciplina não tinha necessidade de diversificação do arquivo. Contudo, “[...] a partir da busca por aquilo que instala o social no interior do político, não pudemos mais ignorar a multiplicidade de dispositivos textuais disponíveis. [...] a Análise do Discurso ampliou seu campo de investigação [...]” (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 2010, p. 162).

Se no princípio a análise do discurso estava somente ligada ao ambiente político, hoje há uma diversidade ímpar de materialidades em que essa vem sendo usada como dispositivo

de interpretação, das mais diferentes manifestações de textos, de coletas orais até o imagético e o meio digital.

Feita esta contextualização, partimos então para a noção do que vem a ser o arquivo em AD. Na perspectiva pecheutiana (2010, p. 51), a noção de arquivo é entendida de maneira ampla, ou seja, como documentos disponíveis sobre qualquer questão que tenham sido organizados. Já em Foucault (1997, p. 147), temos o que o autor chama de “sistema de enunciabilidade”, ou seja, é o que faz que certos enunciados existam, na prática discursiva, em detrimento de outros.

Orlandi (2003, p. 15) nos traz que o funcionamento do arquivo está relacionado à distinção entre memória e interdiscurso. A memória enquanto interdiscurso diz respeito “[...] ao saber discursivo, ao fato de que todo dizer se produz sobre um já-dito. Todo dizer é já gesto de interpretação, posição face à memória.” (ORLANDI, 2003, p. 15). Ao mesmo tempo, a memória tomada enquanto arquivo é a memória institucionalizada, ou seja,

[...] estabilização de sentidos. No arquivo, o dizer é documento, atestação de sentidos, efeito de relações de forças. Se no interdiscurso há o que se deve dizer mas também o que se pode dizer e mesmo a possibilidade de se dizer o irrealizado, o arquivo repousa sobre o realizado, menos sobre o que pode e muito mais sobre o que deve ser dito. No arquivo há, assim, um efeito de fechamento. (ORLANDI, 2003, p. 15).

Há então uma diferença entre memória institucionalizada, isto é, a memória de arquivo, e a memória enquanto interdiscurso, em relação ao já-dito.

Em *Ler o arquivo hoje*, Pêcheux (2010) aborda os modos do sujeito se relacionar com os textos e, é claro, com os sentidos, tanto daquelas produções literárias quanto científicas, portanto arquivos documentais. O autor (2010, p. 57) postula que os diferentes gestos de leitura, sejam os que o leitor “interpreta”, construindo seu mundo de arquivos, sejam os que o leitor decodifica, apreendendo o sentido “natural” das palavras, são responsáveis pela construção do arquivo e geram a memória coletiva.

Retomando nossa discussão sobre a constituição do arquivo, recorreremos à época em que a materialidade para análise da AD estava apenas nos limites do discurso político e as sequências discursivas integravam somente o *corpus* de arquivos documentais. Entretanto, Courtine (2009, p. 77) nos lembra que a imersão da disciplina em outros campos implica que hoje tenhamos a constituição dos *corpora* em análise do discurso de duas vertentes: “*corpora* de arquivos” e “*corpora* experimentais”.

Os *corpora* de arquivo são “[...] constituídos a partir de materiais preexistentes, como aqueles com os quais, por exemplo, os historiadores são confrontados [...]” (COURTINE, 2009, p. 77). Já “[...] os *corpora* experimentais são constituídos de seqüências discursivas produzidas em situação experimental como respostas a uma questão, a uma instrução, à produção de um curto resumo de texto [...]” (COURTINE, 2009, p. 77).

Portanto, conforme o autor, os *corpora* de arquivos estão aproximados na noção de Pêcheux para arquivo documental. Já os *corpora* experimentais estão ligados, de maneira simplificada, à coleta de dados.

Diante das concepções de Pêcheux e Courtine, Aiub (2012, p. 73) propõe uma nova designação para o arquivo proveniente de coleta de material, o “arquivo construído.”

A meu ver, nesta distinção feita podemos entender o arquivo como aquilo que pode ser dito dentro de uma prática discursiva, seja ela atual ou não. Ressalto que o arquivo formado a partir de um corpus experimental também é, redundantemente falando, material de arquivo. A minha sugestão aqui é chamar esta “coleta” de material para análise de *arquivo construído*. Trata-se de um registro de modos de dizer de um tempo atual. Diferente de um arquivo institucional, este material não pode fornecer práticas discursivas de outros momentos senão daquele no qual estão sendo materializados os dizeres. (AIUB, 2012, p. 73, grifo do autor).

Para sustentar essa proposta de arquivo construído, o autor propõe que, tendo em vista que um arquivo nunca é acessível em sua completude, ou seja, os sentidos são inesgotáveis, para que o tenhamos é preciso um exterior, pois é um registro de práticas discursivas de dado momento histórico. Em vista disso, podemos pensar em um arquivo coletado, isto é, produzido e organizado. Aiub (2012, p. 73) ainda defende que um arquivo, mesmo que seja construído por coleta, não deixa de ser um registro de práticas discursivas e, do mesmo modo que o documental, nunca é totalmente interpretável, estando à disposição do analista.

O arquivo construído então pode ser composto por dizeres que são materializados a partir de entrevistas, escritura de pequenos textos, entre outros, sendo característica desse uma certa regularidade, assim como o documental. Da mesma maneira que o documental, também tem relação com a exterioridade e, segundo ressalta Aiub (2012, p. 74), “[...] clama por um retorno, por idas e vindas do analista. Não é possível que sejam feitos os recortes discursivos para análise apenas em uma primeira leitura.”

Dessa forma, as contribuições trazidas pelos teóricos nos possibilitaram a elucidação a respeito da questão de arquivo. Como dissemos no parágrafo inicial da seção, o *corpora* deste estudo é composto de cartas e entrevistas, ou seja, de um arquivo documental (cartas), que acessamos por meio de documentos disponibilizados pelo projeto Profissão Catador: entre o

viver e o sobreviver do lixo, e de arquivos que organizamos a partir de entrevistas com os sujeitos catadores, cujo material designamos de arquivo construído, como propõe Aiub.

Independentemente do tipo de arquivo, não há como desvinculá-lo de sua relação com o exterior e, dessa forma, o contexto de enunciação, ou seja, a situação enunciativa em que os discursos foram produzidos é indispensável para os gestos interpretativos do analista. Por isso, em nossa próxima seção, daremos ênfase às condições de produção.

3.2 Condições de produção

Diante da perspectiva teórica elegida para esta pesquisa, é preciso descrever o conjunto de características ou mecanismos formais constituintes do contexto para determinado discurso que se quer analisar. Esse contexto expressa as condições de produção (CP).

A origem da noção de condições de produção (CP), segundo Courtine (2009, p. 45-46), parece ser de três ordens. Inicialmente, o termo CP origina-se da análise de conteúdo, em especial nas pesquisas de psicologia social, nos trabalhos de Berelson, dedicados às questões textuais.

O autor (2009, p. 46) pontua que a segunda noção de condições de produção está ligada de maneira indireta à sociolinguística, envolvida com os aspectos de variáveis sociológicas, das quais fazem parte o estado social do emissor, o estado social do destinatário, as condições sociais da situação de comunicação, bem como os objetivos do pesquisador.

O caráter de origem indireta que a sociolinguística tem referente à noção de CP do discurso parece-nos comprovado pelo fato de que a tradição sociolinguística americana, tal como ilustrada em Bright³⁷ (1966) [...] Fishman³⁸ (1968) [...], ou ainda em Pride & Holmes³⁹ (1972), ignora a AD, considerando apenas, [...], os problemas relativos ao bilinguismo ou então à etnografia da comunicação. (COURTINE, 2009, p. 46).

A terceira e última origem da noção de CP, conforme Courtine (2009, p. 46), está proposta no texto de Z. Harris⁴⁰ (1952), *Discourse analysis*, no qual, o termo usado para

³⁷ BRIGHT, W. *Sociolinguistics*. La Haye: Mouton, 1966.

³⁸ FISHMAN, J. A. *Readings in the sociology of language*. La Haye: Mouton, 1968.

³⁹ PRIDE, J. B.; HOLMES. *Sociolinguistics*. London: Penguin Modern Linguistics Readings, 1972.

⁴⁰ HARRIS, Z. S. *Discourse analysis*. *Language*, v. 28, p. 1-30, 1952. Traduction française dans *Langages*, Didier/Larousse, Paris, n. 13, mars 1969.

designar as condições de produção é “situação”, numa correlação com a expressão discurso. Isso, “[...] quando se trata de considerar somente as frases de um único discurso contínuo, ou seja, aquelas que foram pronunciadas ou escritas uma após as outras, por uma ou várias pessoas, em uma única ‘situação’ ou ainda quando se trata de determinar a correlação entre as características individuais de um enunciado [...]” (COURTINE, 2009, p. 47). O autor ressalta esta terceira origem da noção de CP que serviu, na opinião de alguns teóricos, como uma espécie de modelo para o conceito que temos hoje na análise de discurso.

Sobre essas três noções de origem das CP, Schons chama atenção que Courtine as considera insuficientes, tendo em vista que “[...] a primeira [...] por se restringir à análise de conteúdo; a segunda, por admitir as variáveis sociológicas como responsáveis pelas condições de produção do discurso, e a terceira, [...] por se limitar apenas às frases pronunciadas ou escritas [...] em uma só situação.” (SCHONS, 2000, p. 69, grifo da autora).

Essas discussões de Courtine em torno da elucidação das origens das condições de produção se mostraram frutíferas e importantes no sentido do que temos hoje, mas o autor afirma que é em 1969, que Pêcheux traz a primeira definição de CP (estáveis e homogêneas).

Nessa primeira proposta, Pêcheux (1997b, p. 81-83) parte do esquema informacional de Jakobson, a partir do qual postula que o discurso é efeito de sentido e não de transmissão de informação entre interlocutores (A e B). Assim,

[...] A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social [...]. Nossa hipótese é a de que estes lugares estão *representados* nos processos discursivos em que são colocados em jogo [...] o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. (PÊCHEUX, 1997b, p. 82).

Pensar no esquema de projeções imaginárias de Pêcheux é também considerar a questão da exterioridade, que segundo Courtine (2009, p. 51), dentro do quadro epistemológico da AD, significa remeter a um conjunto que é ao mesmo tempo empírico, heterogêneo e instável.

Desse modo, falar em condições de produção no quadro da Análise de Discurso da atualidade é, conforme Orlandi (2001b, p. 30-31), considerar o sujeito e a situação de enunciação, bem como a memória. Desse modo, a autora explica que as CP têm, num sentido estrito (circunstâncias de enunciação), o contexto imediato e, num sentido mais amplo, o contexto sócio-histórico e ideológico.

Sobre as condições de produção, Orlandi (2001b, p. 40) resume que “[...] implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e à historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário.”

Feitas essas considerações a respeito da noção de CP, aproximamos as reflexões do *corpora* deste estudo, constituído pelo discurso dos catadores de materiais recicláveis que integram o projeto Profissão Catador: entre o viver e o sobreviver do lixo, da cidade de Cruz Alta - RS. A iniciativa é financiada pelo programa Desenvolvimento e Cidadania da Petrobras e executada por professores e colaboradores da Universidade de Cruz Alta, numa parceria com a Prefeitura Municipal.

Segundo a coordenação, desde que o projeto iniciou, em 2011, as atividades compreendem ações de formação política, capacitação para o trabalho, acompanhamento do processo auto-organizativo e campanhas de educação ambiental. As atividades de capacitação para o trabalho ocorrem por meio da realização de oficinas sobre gestão, produção, cidadania e comunicação. Também faz parte da situação enunciativa vivenciada pelos catadores um acompanhamento diário da equipe executora nas associações, no sentido de garantir o andamento do projeto e de encaminhar da melhor maneira a negociação do material coletado e separado por esses sujeitos.

A materialidade discursiva é composta de dez cartas,⁴¹ produzidas pelos catadores no ano de 2013, e de dez entrevistas, realizadas em 2014 com outros sujeitos que também integram as associações organizadas pelo projeto. A média de idade desses sujeitos é de 24 a 62 anos, com predominância de mulheres.

No caso das cartas, foram escritas pelos catadores para serem apresentadas para a Petrobras como parte de um sistema de monitoramento e avaliação do projeto, realizado e encaminhado para a subsidiadora a cada três meses.

Quanto às entrevistas, foram realizadas pela pesquisadora com sujeitos de diferentes associações do projeto, a partir dos seguintes questionamentos: “quem é o catador de

⁴¹ No caso de catadores que não sabem escrever, há os mediadores do projeto que transcrevem as cartas, por esse motivo optamos, neste trabalho, por também fazer entrevistas diretamente com os catadores para complementar o *corpora*. Cabe ressaltar que neste estudo não queremos discutir a carta enquanto gênero textual, mas como um elemento que tem função social, que se constitui como um espaço do dizer desses catadores. Sujeitos que em razão da condição miserável, não somente em relação a bens, mas de acesso a oportunidades de expressão, nunca tiveram “vez de fala”, a qual fica ainda mais distante tendo em vista que a maioria dos catadores não domina a escrita, e conseqüentemente a leitura. Tomamos como ilustração a figura do “escrivão de cartas” no filme *Central do Brasil* (1998), de Walter Salles, no qual Dora, uma professora vivida pela atriz Fernanda Montenegro, oferece seus “préstimos” às pessoas que circulam por uma estação ferroviária do Rio de Janeiro. A partir desse pano de fundo, constituído da “escritora de cartas”, Salles denuncia as dores de uma migração forçada (a maioria de nordestinos) pelo analfabetismo e pela miséria.

materiais recicláveis?” Com base nessa pergunta inicial, a segunda variou em: “como a sociedade enxerga vocês?” e “sua vida mudou após o projeto?”

Desse modo, feita a apresentação das CPs, passaremos a abordar alguns dispositivos teóricos, como as relativas do discurso, que nas sequências discursivas permitem a paráfrase e se unem aos gestos interpretativos do analista, que, interpelado pela ideologia, constrói seu ensaio analítico.

3. 3 As sequências discursivas e a sintaxe

Como dissemos na seção anterior, a materialidade na qual realizaremos os gestos interpretativos deste estudo é constituída do dizer do catador de materiais recicláveis, em dois tipos de arquivo: um documental (cartas) e outro construído (entrevistas). Desse *corpora*, foram organizadas 58 sequências discursivas.

Tocamos nesse ponto tomando o texto *Segmentar ou recortar*, de Orlandi (1984, p. 14), no qual, ao refletir sobre os princípios de organização de um recorte, ressalta que esse pode variar conforme o tipo de discurso, a configuração das condições de produção e, ainda, em relação ao objetivo e o alcance da análise. A autora comenta ainda que o recorte é pedaço, fragmento, não é mensurável em sua linearidade.

Penso que a *incompletude* é a condição da linguagem. Não adianta querer estancá-la em compartimentos que se preenchem a cada turno da interlocução [...]. Não vejo essa coisa como algo linear e cronológico [...]. O espaço e o tempo da linguagem são outros [...]. O espaço do texto não é fechado em si mesmo, tem relação com o contexto de situação e com outros textos. É intervalar, assim como o sentido é intervalar [...].” (ORLANDI, 1984, p. 16, grifo da autora).

Desse modo, Orlandi (1998, p. 11) reafirma que em análise de discurso no trabalho de interpretação o que interessa não é o texto inteiro, mas, sim, como esse produz sentidos, enquanto um conjunto de relações significativas individualizadas em uma unidade discursiva. A autora pontua que são os recortes que interessam, pois a partir desses há possibilidade de colocar em relação textos diferentes, os quais podem mostrar propriedades importantes em relação ao tema pesquisado pelo analista de discurso, pois indicam características dos processos de significação.

Ainda sobre os recortes na organização das sequências discursivas, Orlandi (1998, p. 11) ressalta que “[...] não são o fato do analista mas a relação do analista com o material de

análise, na detecção dos processos significativos que nele se inscrevem. Uma vez detectado um processo significativo [...] ele deve ser procurado ao longo do corpus, pelos recortes.”

Em outras palavras, não é pelo texto na sua forma canônica (início, meio e fim) que a AD se interessa, pois para a disciplina os sentidos não estão na textualidade, frase pós-frase, mas nas relações que podem se estabelecer entre SDs de textos diferentes. Isso porque, como a autora nos traz, o sentido é intervalar, e mesmo que tomássemos um texto “completo”, jamais conseguiríamos controlar todos os sentidos possíveis, pois, segundo Pêcheux (1995, p. 173), somos tomados pelo esquecimento número 2, aquele em que o sujeito se esquece de que as palavras já carregam discursividade, sofrendo intervenção histórica e política.

Sobre as sequências discursivas, cumpre registrar que, de acordo com Indursky (2008b, p. 191), uma mesma SD pode, ao mudar de domínio de saber, passar a participar de outra família parafrástica, inserindo-se em uma matriz de sentido diferente e produzindo, por conseguinte, um efeito de sentido necessariamente diverso.

O analista busca por regularidades que tornem possível acessar ao discurso. Nesse terreno, a sintaxe é um importante elemento, já que funciona como uma espécie de abertura, isto é, porta de entrada para os sentidos do discurso, a partir de marcas enunciativas expostas na materialidade linguística.

Marandin (2010, p. 123) ressalta que a sintaxe na perspectiva da AD é constitutiva de um observatório dos discursos, devendo ser compreendida a partir de certos deslocamentos. Um desses faz referência ao movimento da sintaxe que deve sair do campo estritamente linguístico, no qual é transparente, para o campo discursivo, onde produz efeitos de sentido. O outro deslocamento está relacionado à consideração da sintaxe como o dispositivo responsável por fazer aparecer o processo de produção dos sentidos e não mais o produto. Desse modo:

[...] a sintaxe é uma ferramenta essencial que entra na construção de um observatório dos discursos. Esse ponto é central e é o traço distintivo da AD: – podem-se observar os discursos, ou seja, o processo de produção do sentido discursivo das unidades segmentáveis nas sequências discursivas; – o que permite esta observação é uma análise e uma manipulação sintática dos enunciados. (MARANDIN, 2010, p. 123).

Diante dessa proposta, a sintaxe na perspectiva discursiva é vista como um elemento integrante do dispositivo de observação do discurso, já que por meio dela podemos detectar nos enunciados certas regularidades linguísticas, que resultarão em “passaportes” para que o analista realize seus gestos interpretativos.

Não podemos deixar de assinalar nessa perspectiva a questão da autonomia relativa da língua. Quanto a isso, Henry (1990, p. 58-59) explica que um discurso por ser concreto é duplamente determinado, o que significa que de um lado estão as FDs definidas e de outro a língua com sua autonomia relativa. Essa dupla determinação não está demarcada por fronteiras cristalizadas, ao contrário, são linhas tênues.

Desse modo, os gramáticos fixados na autonomia da língua defendiam que a sistematicidade da gramática, com suas regras e estruturas descritas, era capaz de amparar todos os sentidos possíveis de um enunciado. Este posicionamento distanciava totalmente a intervenção de questões históricas e políticas da língua, pois para os gramáticos “a língua se bastava”.

Conforme Pêcheux (2011, p. 132), por exemplo Chomsky, que com sua Gramática gerativo-transformacional, propunha, a partir de regras, que era possível sustentar inclusive as ambiguidades. As articulações ideológicas e a história estavam então distantes dessa perspectiva.

Já em AD, a significação da palavra está ligada à exterioridade, ou seja, leva em conta a língua, o sujeito e a história, por isso Pêcheux assinala o seguinte questionamento, que nos sugere uma crítica ao que ele chama de “logicismo da gramática”: “Este logicismo (que não se deve identificar pura e simplesmente à posição de Chomsky quando à sintaxe) pode conduzir [...] a outra coisa que não um modo de *policimento dos enunciados?*” (PÊCHEUX, 2011, p. 139, grifo do autor).

Do ponto de vista discursivo, é a partir dos dois tipos de determinação do discurso que temos a noção de paráfrase, que é constitutiva dos efeitos de sentido.

A noção de paráfrase discursiva é uma noção “contextual” no sentido de que as paráfrases discursivas dependem das condições de produção e de interpretação, ou seja, das formações discursivas diversas às quais o discurso pode estar relacionado para nelas produzir sentido. Formulações diferentes jamais podem ser tomadas como ligadas por uma relação de paráfrase discursiva a não ser a partir da aproximação entre seqüências nas quais elas aparecem nos mesmos ambientes. Esta comparação não pode ser feita senão com base na autonomia relativa da língua [...]. (HENRY, 1990, p. 59).

Há, contudo, um fenômeno particular de relação entre superfícies discursivas entre si, que se configura quando uma SD se relaciona com a outra. De maneira particular é o que se produz em todos os fenômenos de retomada e de reformulação. A hipótese de pôr uma SD em relação com ela própria está ligada à diferença do funcionamento das relativas.

Nesse contexto, Henry aponta para o aspecto da saturação relacionado à dimensão e à delimitação das formulações, que, conforme as CPs de interpretação, podem entrar em relação de paráfrase discursiva. “Uma formulação [...] será dita saturada se ela pode ser posta globalmente em relação com uma outra formulação seja de uma outra seqüência discursiva [...] seja de mesma seqüência discursiva.” (HENRY, 1990, p. 60).

O mesmo autor propõe ainda que duas formulações distintas no interior de uma mesma SD podem estar ligadas por uma relação de paráfrase discursiva, sem que apareça no contexto das mesmas formulações saturadas.

Colocar em relação específica uma seqüência discursiva com ela mesma designa, de acordo com Henry (1990, p. 60), uma relação intrasseqüência, que está relacionada com a zona de esquecimento 2, a qual tem relação com a enunciação, o porquê a fazemos de uma maneira e não de outra. Há ainda a relação intersseqüência que tem ligação com os dois esquecimentos, 1 e 2.

Sobre as relativas, Henry também ressalta que não é a relativa que assume sua definição como restritiva ou explicativa, mas, sim, seu funcionamento no discurso. A respeito disso resume:

[...] as características dos dois funcionamentos das relativas, pode-se antes dizer que a presença do pronome relativo, enquanto pronome que é, representa a relação entre o antecedente e relativa como uma relação intra-seqüencial ainda que esta relação não seja explicitada em outros lugares no interior da seqüência. Então, o que separa o funcionamento restritivo do funcionamento explicativo é a outra modalidade de pôr em relação duas seqüências, a relação inter-seqüências, que é apagada pela intra-seqüência. Ao contrário, com o funcionamento explicativo, a relação inter-seqüência, não é apagada. De forma resumida, diremos que o funcionamento restritivo da relativa apresenta uma relação inter-seqüência como se se tratasse de uma relação intra-seqüência. [...] este efeito tem sua origem na ilusão de que o sujeito é fonte de seu próprio dizer. (HENRY, 1990, p. 61-62).

Desse modo, a gramática não consegue dar conta de todas as ambiguidades que se apresentam na língua, ao contrário do que postulava Chomsky com sua gramática gerativo-transformacional. Além disso, nem o sujeito consegue dar conta de todos os sentidos de sua enunciação, apenas tem a ilusão, pelo esquecimento número 2, que o seu discurso pode ter apenas um sentido e se esquece de que as palavras já carregam discursividade, sofrendo intervenção histórica e política.

Diante do que já registramos no percurso para adentrarmos nas análises, ainda se faz pertinente focarmos na discussão sobre a paráfrase e suas fontes históricas. Isto porque a

paráfrase é um dos dispositivos que nos possibilita depreender marcas que nos levam ao desvendamento do simbólico na linguagem, por meio da repetição ou da retomada.

3.4 Os sentidos na repetibilidade: a paráfrase

A paráfrase surgiu na literatura linguística por volta de 1960. Desde essa época já era considerada como um terreno difícil de ser definido, já que envolve uma série de caracterizações opostas. Pode ser vista como um dado da consciência linguística dos locutores e um produto das construções teóricas dos linguistas; uma atividade linguística dos sujeitos e o objeto linguístico resultante dessa atividade; uma relação entre um enunciado ou texto-fonte e suas reformulações e a relação entre todos os enunciados equivalentes na língua.

Segundo Serrani, o estudo da paráfrase pertencia inicialmente à retórica, pois na gramática o estudo era voltado à sinonímia de palavras. O retorno e o interesse pela paráfrase deram-se por três aspectos: “a) [...] ampliação das preocupações semânticas dos lingüistas que, deixando de limitá-las ao léxico, passaram a interessar-se pela semântica do enunciado e da enunciação [...]. b) [...] estudo de relação entre sentenças [...]. c) pesquisas em Análise (automática, no começo) de Discurso [...]” (SERRANI, 1993, p. 35).

Nesse sentido, a retomada da paráfrase está ligada às novas preocupações dos estudiosos da linguística, como os que têm raízes na AD, que voltaram suas atenções às perspectivas que vão além daquilo que está expresso literariamente nos enunciados, passando a se interessar em outros aspectos ligados ao discurso, como as condições de produção e ainda os efeitos de sentido provocados por eles. Em outras palavras, começaram a investigar a língua em funcionamento.

Pêcheux afirma que a paráfrase pode ser entendida como uma unidade não contraditória do sistema da língua, ou como uma paráfrase histórico-discursiva “[...] para marcar a inscrição necessária dos funcionamentos parafrásticos em uma formação discursiva historicamente dada [...]” (PÊCHEUX, 1995, p. 266).

Na mesma perspectiva, Orlandi explica que “[...] os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa, assim, o retorno aos mesmos espaços do dizer”. (ORLANDI, 2001, p. 36).

As paráfrases então “[...] ressoam significativamente na verticalidade do discurso e se concretizam na horizontalidade da cadeia, através de diferentes realizações linguísticas.”

(SERRANI, 1993, p. 119). A paráfrase pode ser observada, portanto, numa ótica interdiscursiva, pois para a observação dos seus efeitos devem ser colocados em jogo “discursos-outros”, ou seja, espaços “virtuais” de leitura do enunciado ou SD.

Circunda também no contexto de abordagem da paráfrase a questão da produtividade, tendo em vista que o sujeito retoma constantemente o mesmo espaço do dizível, produzindo uma variedade daquilo que já foi dito.

Segundo Fuchs (1985, p. 130), há três principais fontes históricas que alimentam as discussões a respeito da paráfrase na atualidade: a perspectiva da lógica da equivalência formal, a perspectiva gramatical da sinonímia e a perspectiva retórica da formulação.

Para explicar a paráfrase do ponto de vista da perspectiva da lógica da equivalência formal, Fuchs sugere que partamos da noção de lógica, a partir da qual duas proposições são tidas equivalentes se tiverem o mesmo valor de verdade.

[...] duas paráfrases são formalmente equivalentes na medida em que elas compartilham uma propriedade comum. Trata-se então de estabelecer as famílias de enunciados que, em língua, são equivalentes, isto é, de que o linguista pode descrever o parentesco sintático e que ela postula “terem o mesmo sentido”. Exceção feita à Escola de Harris, a maior parte destes linguistas formais estabelece as famílias de paráfrases sobre a base de uma derivação de enunciados equivalentes [...]. O protótipo de paráfrase linguística é, nesta perspectiva, a relação entre frases ativas e passivas [...] ou a relação entre conversas [...]. (FUCHS, 1985, p. 130).

Nessa abordagem da paráfrase em termos de equivalência ainda precisamos fazer referência a dois tipos de problemas também mencionados por Fuchs (1985, p. 132). O primeiro está relacionado ao léxico e o segundo, ao impacto semântico das operações de derivação.

Já a abordagem da paráfrase na perspectiva de sinonímias entre frases está centrada em duas discussões: uma, a respeito da qualificação das semelhanças e das diferenças semânticas; outra, na presença da ideia intuitiva de identidade de sentido na consciência dos locutores. Nesse sentido, em definitivo, a sinonímia “[...] repousa [...] sobre a possibilidade de pontos de vista diferentes, de conceptualizações múltiplas, a propósito de um mesmo referente [...].” (FUCHS, 1985, p. 132).

A respeito das duas abordagens que já realizamos sobre a equivalência e a sinonímia, é salutar lembrarmos que ambas “[...] têm como ponto comum tratar a paráfrase como uma relação virtual na língua, e não como uma relação atualizada no discurso”. (FUCHS, 1985, p. 133).

Por último, trazemos a paráfrase como reformulação. Tanto a tradição retórica quanto a literária entendem que a paráfrase no plano do discurso é uma atividade efetiva de reformulação, pela qual o locutor restaura o conteúdo de um texto-fonte sob a forma de um texto-segundo.

Há diversas abordagens que envolvem a reformulação na paráfrase. A primeira é de que a reformulação parafrástica repousa sobre uma interpretação prévia do texto-fonte, “[...] ora o trabalho de interpretação é variável, segundo os sujeitos e as situações: cada um ‘percebe’ e, conseqüentemente, restaura de modo diferente.” (FUCHS, 1985, p. 134, grifo do autor). A outra considera que a reformulação está ligada à identificação dos significados do texto-fonte. “A paráfrase oscila, assim, entre a reprodução pura e simples do conteúdo e a sua deformação.” (FUCHS, 1985, p. 134).

É, portanto, diante dessas perspectivas que partem as discussões da paráfrase nos estudos linguísticos, mais especificamente na AD, na contemporaneidade.

A seguir, passaremos a apresentar os grupos de sequências em que organizamos o *corpus* deste estudo.

3.5 As matrizes do sentido no dizer do sujeito catador

A materialidade linguística recortada nas cartas e em entrevistas foi submetida a uma análise inicial, também chamada “dessuperficialização”. Para a seleção das sequências discursivas organizamos o *corpora* por meio de recortes em famílias parafrásticas, tendo em vista que, diante de um olhar inicial no qual houve a marcação de pistas linguístico-discursivas, foi possível perceber dizeres que se repetiam em enunciações dos catadores.

Tomamos como efeito inicial a FD coletor, a partir da perspectiva de que uma formação discursiva é heterogênea e, dessa forma, pode admitir a entrada e a circulação de diferentes saberes em seu interior, possibilitando que o enunciador assumira diferentes posições em seu discurso.

A separação e a organização dos recortes⁴² em repetições afins resultaram em 12 famílias parafrásticas (FPs), conforme podemos observar no quadro-síntese 4. Salientamos que as FPs serão desdobradas em subseções nas quais serão analisados os funcionamentos das categorias de sujeito, sua interpelação pela ideologia que recai nas posições que podem ser

⁴² Em todas as famílias parafrásticas temos sequências discursivas advindas das cartas, bem como das entrevistas cujas condições de produção e de constituição do arquivo estão expressas no item 3.2 deste capítulo.

assumidas por ele no discurso. Tomaremos também outras categorias que são “inseparáveis” dessas duas, como a formação discursiva, o imaginário, o interdiscurso. Além disso, traremos presente os conceitos trabalhados no capítulo 1, sobre o espaço urbano, enquanto território de múltiplos sujeitos e sentidos.

Quadro 4: Síntese da distribuição das sequências discursivas e famílias parafrástica

FAMÍLIAS PARAFRÁSTICAS	SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS (SDs)	NÚMERO DE SEQUÊNCIAS (SDs)
Recorte 01 Tema: Entre a discriminação e o reconhecimento: o direito à consideração Família parafrástica 01	SD 04 a SD 07	04 SDs
Recorte 02 Tema: Discurso da transformação: passado-presente Família parafrástica 02	SD 08 a SD 16	09 SDs
Recorte 03 Tema: Reciclagem e sustentabilidade Família parafrástica 03	SD 17 a SD 22	06 SDs
Recorte 04 Tema: Dignidade do trabalho de catador Família parafrástica 04	SD 23 a SD 27	05 SDs
Recorte 05 Tema: Preservação do meio ambiente Família parafrástica 05	SD 28 a SD 31	04 SDs
Recorte 06 Tema: Aprendizado Família parafrástica 06	SD 32 a SD 36	05 SDs
Recorte 07 Tema: O reconhecimento do ensino formal para a autonomia do sujeito Família parafrástica 07	SD 37 a SD 38	02 SDs
Recorte 08 Tema: Insegurança/medo de assumir responsabilidades Família parafrástica 8	SD 39 a SD 40	02 SDs
Recorte 09 Tema- A presença da Petrobras e da Unicruz Família parafrástica 9	SD 41 a SD 44	04 SDs
Recorte 10 Tema: Capacitação para a reciclagem Família parafrástica 10	SD 45 a SD 46	02 SDs
Recorte 11 Tema: União como potencial de força da categoria Família parafrástica 11	SD 47 a SD 50	04 SDs
Recorte 12 Tema: Realização pessoal Família parafrástica 12	SD 51 a SD 55	05 SDs

Fonte: Elaboração da autora.

Em relação ao quadro, cumpre registrar que na primeira matriz do sentido unimos quatro sequências discursivas, todas relacionadas à temática da discriminação e à busca pelo

reconhecimento (SD 04 a SD 07). Nas enunciações há uma transitoriedade do catador, enquanto um sujeito ainda discriminado pela sociedade e explorado por atravessadores, para um indivíduo que “já conquistou” seu espaço.

No segundo recorte aproximamos as SDs com temática que retrata o passado-presente do catador, ou seja, o antes e o depois do Projeto. Nesse grupo estão nove SDs, de SD 08 a SD 16, nas quais, a partir de marcadores temporais, os sujeitos não expressam somente mudanças em relação ao trabalho, mas na vida como um todo.

Já na FP 03 temos seis SDs que circundaram o tema “reciclagem = sustento”. A materialidade aponta para uma modificação na designação do material catado, que deixa de ser chamado de lixo, passando para reciclado ou reciclagem.

No recorte 04 temos cinco SDs que expressam a catação como um trabalho digno e que merece ser respeitado.

O tema meio ambiente, do ponto de vista das ações do catador como um reciclador preocupado com a natureza, também está presente na enunciação dos sujeitos investigados, por isso as sequências discursivas 28 a 31 estão agrupadas em uma matriz do sentido, num total de quatro SDs.

A enunciação do catador também aponta para um aprendizado de novas formas de fazer o seu trabalho e do conhecimento. Os dizeres em torno disso estão na quinta família parafrástica, da qual fazem parte cinco SDs, de SD 32 a SD 36, que têm relação com o aprender.

Mas, se, de um lado, o catador aponta em sua enunciação que está aprendendo, ou que tem a oportunidade de aprender, de outro, ainda demarca em seu dizer que lhe faltaram oportunidades de estudar. Ligados a essa temática estão quatro SDs, de 37 e 38, nas quais o sujeito expressa o imaginário em torno do reconhecimento que o conhecimento adquirido na escola formal pode garantir.

No oitavo recorte, organizamos duas SDs, de 39 e 40, que evocam para a temática “ainda não posso ficar sozinho”. Os enunciados agrupados nessa matriz do sentido denunciam que, apesar da grande mudança nas condições de produções, a partir da inserção no projeto “Profissão catador”, o sujeito ainda não se sente autônomo o bastante para seguir sozinho.

Da mesma maneira que ainda não se considera autônomo, o catador traz em seu dizer, entre a SD 41 e SD 44, demarcada a presença das duas instituições responsáveis pelo Projeto, a Petrobras e a Unicruz. É evidente que essa menção à mantenedora e à executora, respectivamente, também é uma forma de reconhecimento, contudo, em diversos momentos, como vamos acompanhar nas análises, “suplica” que não o abandone.

Na família parafrástica 10, o recorte expõe o ofício do catador passo a passo, ou seja, da capacitação para a reciclagem, com a descrição da ação desde o recolhimento, a separação até o enfardamento e a venda dos materiais catados. As sequências que retratam discursivamente esse fazer são a 45 e a 46.

A penúltima temática a qual reunimos SDS é a união. Esse recorte é composto de quatro sequências (47 a SD 50), que indicaram, para essa nova maneira de trabalho dos catadores em conjunto, como “associados”. São dizeres que apontam para diferentes sentidos de “estar junto”, assinalando, inclusive, a presença de princípios anarquistas ligados à autogestão e à solidariedade.

O último recorte é composto de cinco SDs, SD 51 a SD 55, as quais remetem a um trabalhador que apesar das dificuldades enfrentadas, de laborar muitas vezes na rua e conviver com uma série de perigos e privações inerentes quase que somente à sua rotina, ainda esboça sua felicidade com o trabalho.

Nas análises, tomaremos como formação discursiva inicial, a FD coletor (FDC), na qual entendemos estarem inscritos os sujeitos de nossa pesquisa. A forma-sujeito da FDC é aquela que remete aos sujeitos na condição de lixeiros, explorados pelos atravessadores que “ditam” as regras de comercialização e na condição extrema de discriminação, a partir da qual são comparados animais que remexem os resíduos em busca de alimento e de materiais que possam ser revendidos. Nessa FD há também outros sujeitos inscritos (catadores, ambientalistas), porém que se relacionam de maneiras diferentes com os saberes que circulam nela.

Feita a apresentação de cada uma das famílias parafrásticas, constituídas dos recortes das cartas e das entrevistas, passamos aos gestos interpretativos das SDs.

3.5.1 Do não pertencimento ao direito à consideração

O primeiro recorte de sequências discursivas (SDs) que vamos analisar apresenta dizeres que remetem à matriz de sentido “entre a discriminação e o reconhecimento: o direito à consideração”.

A temática dessa família parafrástica faz retomar as investigações de Haroche (2005, p. 138; 2011, p. 78-79) sobre os termos “deferência” e “consideração”. As duas expressões estão ligadas às questões de sensibilidade e democracia nas sociedades contemporâneas e são

constitutivas do “eu”. Ambas implicam um olhar do sujeito sobre ele mesmo ou em relação ao outro.

Em específico, aproximando essa discussão aos catadores de materiais recicláveis, damos ênfase à consideração, tendo em vista que, segundo Haroche (2011, p. 76), o homem tem necessidade de reconhecimento. Precisamos referir ainda que a consideração que implica também respeito é objeto e direito político inato do ser humano, portanto, deveria acompanhá-lo em sua vida. Contudo, sabemos que há uma parcela de sujeitos de nossa pesquisa que não tem garantido esses direitos. Mesmo com o advento da sociedade democrática, na qual todos teriam os mesmos direitos, logo, iguais, ainda estão em situação de (des)reconhecimento, e buscam apenas a possibilidade de serem considerados, interrompendo a reprodução de um imaginário que ainda se projeta no discurso da sociedade urbana e os coloca na condição de *animais*.

Para integrar a primeira FP, selecionamos SDs onde se encontra a interpolação de sentidos relacionados aos termos “discriminação” e “reconhecimento”.

Quadro 5: Família Parafrástica 1: Entre a discriminação e o reconhecimento: o direito à consideração

Matriz do sentido	Sequências discursivas que remetem à relação parafrástica “Entre a discriminação e o reconhecimento: o direito à consideração”
ENTRE A DISCRINAÇÃO E O RECONHECIMENTO: DIREITO À CONSIDERAÇÃO	<p>SD 04 - Com o projeto temos condições de termos também bastantes divulgações do nosso trabalho e somos convidados a participar de vários eventos para divulgar o projeto e o nosso trabalho que é bastante discriminado. Catador 1, março 2013.</p> <p>SD 05 - Também não precisamos vender para os atravessadores, que pagam um preço muito abaixo do valor, prejudicando nosso trabalho e desvalorizando nós. Catador 6, março de 2013.</p> <p>SD 06 - Eu gostei muito da viagem que fiz para Soledade. Fomos com o caminhão do projeto Petrobras e com o monitor do projeto o Mario - acompanhei a pesagem dos fardos, o valor da venda, [...]. Foi uma viagem muito interessante que o projeto Petrobras me proporcionou. Catador 10, março de 2013.</p> <p>SD 07 - [...] com a Petrobras nos semo respeitado por todos, semos tratados como trabalhadores. Catador 11, julho de 2013.</p>

Fonte: Elaboração da autora, grifo nosso.

Nesse recorte podemos observar que o emprego de *discriminado*, *abaixo* e *desvalorizado* se relaciona ao contexto de discriminação a que ainda está condicionado o ofício desses sujeitos. Essas pistas linguísticas evidenciam que a partir da FD coletor (FDC), que a tomamos como inicial neste estudo, o enunciador assume posição-sujeito lixeiro (PSL), a qual está ligada à questão histórica que envolve a catação, afetada pela memória discursiva acerca desses sujeitos vistos até pouco tempo como animais remexendo os resíduos na rua, em busca de “restos”.

O sujeito que enuncia a partir da PSL é aquele que remete à primeira modalidade de tomada de posição em uma formação discursiva, na qual, de acordo com Pêcheux (1995, p. 215), há uma superposição do sujeito do discurso com o sujeito universal, indicando uma identificação com a forma-sujeito da FDC.

Entendemos desse modo que o imaginário interfere diretamente nessa tomada de posição, que resulta num assujeitamento consentido desse sujeito que acaba por manifestar em seu discurso somente aquilo que garante a homogeneidade da FDC. A partir disso temos a seguinte projeção: o imaginário que o outro, portanto a sociedade urbana, construiu sobre a sua profissão (a catação) e, conseqüentemente, sobre si e seu trabalho.

Por outro lado, as expressões *divulgações*, *convidados*, *viagem* e *respeito*, remetem ao reconhecimento do trabalho do catador, apontam-nos para outra posição-sujeito, a qual a denominamos de trabalhador (PST). Nela observamos que o dizer do catador se volta para as questões de ser reconhecido pela sociedade, contraidentificando-se com os saberes da FDC, pois passa a questioná-la no sentido de não mais reproduzir a forma-sujeito (FS) histórica dessa FD, a qual remonta à situação vivenciada pelos catadores antes de ingressarem no projeto. Essa é considerada por Pêcheux (1995, p. 215) a segunda modalidade da tomada de posição e representa o discurso do “mau sujeito”, pois contrapõe ao sujeito universal da FDC.

Ajustando o foco para cada uma das SDs, na SD 04 propomos: se o projeto (x) é a condição para que o catador seja convidado para eventos e divulgações e o trabalho (y) é bastante discriminado, então a condição que o torna “reconhecido” é o fato de integrar o “Profissão catador” e não o seu trabalho em si. Dito de outro modo, se x é a condição, isto é, a saída para uma vida melhor, e y é a discriminação, isso significa que y não é valorizado, pois o que garante os convites e o respeito é o projeto e não o trabalho em si. O que nos faz chegar a essa conclusão é o uso da conjunção aditiva *e* para unir dois enunciados: um, em que o catador aborda o projeto, condição que o oportuniza a *participar de vários eventos*; outro, em que fala, por meio da relativa sobre seu trabalho *que é bastante discriminado*. Portanto, o projeto e o trabalho do catador não estão em um mesmo patamar.

Nesse sentido, na SD 04 as expressões *divulgações* e *convidados* apontam para um reconhecimento do projeto e não do trabalho do catador, que, nessa materialidade, segue tendo seu ofício relacionado à discriminação e, por isso, assume PSL.

Diante disso, a visibilidade buscada pelo catador está relacionada ao fato de ser associado, de integrar o projeto. Mesmo sendo reconhecido como copartícipe na gestão dos resíduos sólidos pela lei nº 12.305/10 e na Classificação Brasileira de Ocupações, o fato de não ter direitos trabalhistas não o tira da informalidade, tampouco lhe garante visibilidade e consideração. Apesar de estar no urbano trabalhando e cuidando da cidade e do ambiente, o catador tem um sentimento de não pertencimento a esse espaço.

Na SD 05 registramos um catador que admite diretamente que não é reconhecido como negociador, mas como produtor de mercadoria, já que se estabelece uma relação mercantil entre fornecedor e comprador. O fato de não se reconhecer e nem ser reconhecido como negociador faz com que seja explorado por outras pessoas que integram a cadeia de negociação de materiais recicláveis, entre os quais estão os denominados *atravessadores*,⁴³ aqueles que, pela definição do dicionário, operam com grande margem de lucro, intermediário na distribuição de produto e que onera a mercadoria, encarecendo-a para o consumidor e gerando lucro apenas para ele, último elo antes do destino final. O sujeito novamente assume PSL, pois o fato de ser explorado está ligado plenamente ao histórico inicial do ofício de catação. Temos o projeto (x) que tem vínculo com a Petrobras e a Unicruz, o qual evita a exploração econômica de *atravessadores, que pagam um preço muito baixo do valor*. Desse modo, x não permite prejuízos ao trabalho do catador e evita a não valorização da pessoa. Logo, y (trabalho sem vínculo com projeto) não é bom, pois remete à discriminação e à desvalorização. A presença dos *atravessadores* então, além de prejudicar o trabalho, também desvaloriza os catadores, principalmente na questão da venda dos materiais catados, já *que pagam um preço muito abaixo do valor*. A conjunção *e* no enunciado *prejudicando nosso trabalho e desvalorizando nós* expressa a soma dos aspectos negativos trazidos pelos *atravessadores* aos catadores e ao seu trabalho.

Acompanhamos nas SDs 06 e 07 o dizer de um sujeito que enuncia da posição-sujeito trabalhador (PST). Chegamos a essa constatação tendo em vista que a partir do projeto (x) ele teve a oportunidade de acompanhar a negociação, a entrega, bem como constatar a destinação “final” do material catado, oportunidade que não teria se estivesse em y, ou seja, trabalhando sozinho. Na condição de y, o catador venderia o material para um *atravessador*, que,

⁴³ Dicionário Aurélio. Disponível em: < <http://www.dicionariodoaurelio.com/Atravessador.html> > .

naturalmente, pagaria um valor bem abaixo do que iria receber como associado. Isso porque em y o catador está numa condição de informalidade, pois não tem um local próprio para acondicionar seu material, muito menos para negociar, assim, a venda é feita geralmente na rua mesmo, e o atravessador é quem “dita as leis de mercado”, oferecendo o valor que quiser pelo seu trabalho. Nessa perspectiva, precisamos pontuar que, na urgência de conseguir dinheiro a partir do lixo para (sobre)viver, o catador não tem oportunidade de acompanhar o destino final do seu trabalho, nem de conferir a pesagem e a negociação dos valores, pois é “refém” do atravessador, fortalecendo a cadeia de exploração.

A partir dessas SDs temos implícito que é a condição x que habilita os catadores a viajarem e acompanharem *a pesagem dos fardos e o valor da venda*, assim como serem respeitados e *tratados como trabalhadores*. O ingresso em x tira-os do individualismo no sentido de serem apenas mais um, tornando-os um grupo que também não está só, mas fortalecido pela presença da *Petrobras* e do *monitor do projeto o Mario*, no caso da SD 06.

Assim, se a condição de ser e estar em x garante ao catador o direito de ser tratado como trabalhador e *respeitado por todos*, se estiver em y, que remete ao contexto desses sujeitos antes de ingressarem no projeto, é lixeiro, é explorado. No sentido de recuperar todas as posições ocupadas pelos sujeitos nas SDs dessa família parafrástica, organizamos o quadro a seguir:

Quadro 6: Síntese das posições assumidas pelo catador na FP 1

Posição-sujeito	Sequências discursivas (SD)	Sentido relacionado
Posição-sujeito lixeiro (PSL)	SDs 04 e 05	Discriminação
Posição-sujeito trabalhador (PST)	SDs 06 e 07	Reconhecimento

Fonte: Elaboração da autora.

A partir do quadro verificamos então duas posições-sujeito nesta FP. Enquanto a PSL está relacionada a um contexto de discriminação, a PST é assumida pelo catador nas enunciações que remetem ao reconhecimento.

Diante da materialidade dessa família parafrástica, ainda cabe-nos uma reflexão com base no ponto de vista de Augé (2005, p. 88), que a partir da antropologia denomina a rua, local onde está o catador de materiais recicláveis, como categoria de não-lugar, por ser um espaço de transitoriedade e de consumo, no qual as pessoas circulam sem nenhum investimento afetivo.

Nos não-lugares, segundo o autor, encontram-se duas realidades distintas, uma em relação ao objetivo para o qual o espaço urbano está sendo usado e outra quanto a relações estabelecidas pelos sujeitos com esses espaços. Em outras palavras, o catador teve a rua como

espaço delimitado geograficamente, não escolheu estar lá, contudo, pela imposição dessa condição, estabelece certa relação com a rua. Não se relaciona com essa como se fosse um lugar de passagem, nem de estada, mas de trabalho, de busca pelo sustento. A condição que se constrói então é de sobrevivência.

Ao encontro dessa discussão, Haroche (2008, p. 20) afirma que o espaço é essencial para a construção e a formação da identidade, bem como da estabilidade do ser humano. Entretanto, de acordo com a autora (p. 22), há, na atualidade, uma transformação nas formas de subjetivação, numa sociedade em que essa denomina de fluida, ou seja, onde o descartável prevalece ocupando o lugar do durável. Esse processo, que se constitui no consumismo, havia sido antecipado por Marx (1996a, p. 165) e também abordado por Bauman (2008, p. 43), que ratifica as palavras de Haroche ao enfatizar que na era moderna o consumo não está mais ligado restritamente aos objetos de primeira necessidade, mas, sim, por aquilo que dá prazer imediatamente.

Por fim, tomando a temática dessa família parafrástica “entre discriminação e o reconhecimento: o direito à consideração”, pontuamos ainda que no imaginário do catador o fato de “sair da informalidade”, ou ingressar no projeto como um associado, assegura-lhes o direito à consideração, ao respeito, à segurança, assim como ao sentimento de pertença. Rancière (1996, p. 26-123) refere que nesses momentos e ocasiões em que há quebra da ordem natural seria a exploração e a discriminação dos catadores. Com a dominação pelo capital, temos o verdadeiro sentido do político como manifestação e articulação em torno de questões como a igualdade.

Na subseção seguinte trataremos de discursividades presentes em dois momentos da vida dos catadores, o passado, que marca o antes do sujeito no projeto, e o presente, já na condição de associados.

3.5.2 Vidas transformadas: o retorno ao passado para dizer sobre o presente

Nesse recorte analisaremos as sequências discursivas ligadas à temática que circunda a relação “presente-passado” dos catadores, em relação ao projeto “Profissão catador”. Historicamente, antes da implementação do projeto, esses sujeitos andavam solitários com suas carroças pelas ruas de Cruz Alta, coletando materiais e acondicionando-os em casa para revender. A cena narrada não é restrita à cidade na qual estão nossos sujeitos de análise, mas pode ser vista em grande parte nos centros urbanos do país.

Com a implementação do projeto Profissão Catador pela Universidade de Cruz Alta e custeado com os recursos de programas sociais da Petrobras, a maioria desses sujeitos passou a integrar as associações, com isso ocasionando mudanças não apenas no modo de trabalho agora associativo, mas nos sujeitos, que também passaram a participar de atividades de formação política, com acompanhamento no processo auto-organizativo e nas campanhas de educação ambiental.

O recorte é constituído de nove seqüências discursivas, nas quais o sujeito marca no seu dizer as mudanças observadas no seu dia a dia.

Quadro 7: Família Parafrástica 2: Discurso da transformação: passado-presente (continua)

Matriz do sentido	Seqüências discursivas que remetem à relação parafrástica “Discurso da transformação passado-presente”
DISCURSO DA TRANSFORMAÇÃO: PASSADO-PRESENTE	<p>SD 08 - [...] é difício e se novo mundo para nós catador de rua para catador de projeto [...]. Catador 2, março 2013.</p> <p>SD 09 - [...] antes da Petrobras chegar para nós não era respeitado. [...] Nós se sentia um animal mexendo no lixo. A pessoa virava o rosto para os catadores [...] Antes do galpão vir até nós tínhamos uma vida razoável. Hoje nós temos vários benefícios, como aprendemos a melhorar nossa responsabilidade uns com os outros. Catador 11, julho de 2013.</p> <p>SD 10 - Agora mudou bastante, mas antigamente a gente era tratado como lixeiro, lixeiro mesmo, mexiam com a gente xingava a gente. Faziam horrores. Com o projeto a vida mudou, mudou pra melhor, [...]. Catador 14, junho de 2014.</p> <p>SD 11 - [...] Antigamente não era valorizado, as pessoas não davam valor antigamente [...] Não era valorizado, agora não, o pessoal dá valor, já pra isso já tem o projeto né, então foi dado mais importância, mais valor pro trabalho da gente [...]. Catador 15, junho de 2014.</p> <p>SD 12 - A minha vida modificou porque eu não tinha trabalho, por falta de estudo, daí as assistente social me colocaram aqui [...] Larguei de ficar numa praça sentada, dependendo de pedir dinheiro, pedindo pra sustentar meus netinhos. Catador 16, junho de 2014.</p> <p>SD 13 - Com projeto melhorou, antes a gente vendia pra os picareta né e agora nós tamo aqui trabalhando junto, aumentou o dinheiro pra nóis. Catador 17, junho de 2014.</p> <p>SD 14 - Melhorou bastante depois que entrei no projeto, a gente tem mais renda no caso, [...]. Catador 18, junho de 2014.</p>

Fonte: Elaboração da autora, grifo nosso.

	<p>SD 15 - Depois que entrei no projeto a vida melhorou bastante. Eu trabalhava e era muito explorado. Melhorou cento por cento. Catador 20, junho de 2014.</p> <p>SD 16- Tinham e tem ainda. Ainda tem gente lá no centro que quando veem a gente mexendo no lixo xingam a gente bastante. Catador 21, junho 2014.</p>
--	--

Fonte: Elaboração da autora, grifo nosso

Ligadas ao marcador temporal do *antes* temos as regularidades *catador de rua*, *animal* e *lixeiros*, substantivos que funcionam como designação de catadores. Já *picareta* remete aos atravessadores, que compravam os materiais catados. Temos também o substantivo *horrores*, que se dirige às ações que a sociedade adotava em relação aos catadores na rua, assim como os verbos *sentia*, *xingava* e *explorado*, que também indicam situações que esses sujeitos vivenciavam antes de ingressar no projeto. Ainda há o advérbio *antigamente*, que também aponta para o passado.

Já ao se referir ao presente, o *hoje*, os catadores usam, inicialmente, o substantivo *catador de projeto* como sua designação pós-ingresso na “Profissão catador”, destacando inclusive que esse é um *novo mundo*, o mundo em que ele não é mais lixeiro, nem *catador de rua*, mas, sim, *catador de projeto*. Para se referir ao mesmo contexto temos regularidades demarcadas por verbos, como *aprendemos*, *pagar*, *larguei*; também há os advérbios de intensidade, como *mudou bastante*, *melhor* e *melhorou*; de tempo, marcado por *agora* e *depois*. Esses indícios levam-nos a concluir que já não há uma identificação do sujeito do discurso com a forma-sujeito da FDC, havendo um certo desarranjo, onde o sujeito se contrapõe ao sujeito universal da FD, assinalando a heterogeneidade, a contraidentificação.

Em nossa observação geral, percebemos ainda os marcadores *nós* e *a gente*, do ponto de vista de Benveniste (1995, p. 250) na teoria da enunciação, representam um “eu” que se agrega a um “não-eu”, delimitando um grupo de pessoas não identificado. Referindo àquilo que postula a AD, Indursky (1997, p. 75) destaca que o “nós” pode se constituir como a “não-pessoa” discursiva, representando um grupo não nomeado, indeterminado, e que pode indiciar referentes diversos. Em virtude disso, diferente do “eu”, o “nós” abre espaço para a ambiguidade, podendo ser inclusivo ou exclusivo.

Analisando mais especificamente cada uma das SDs, observamos que na SD 08 o sujeito demarca que a possibilidade de fazer parte do projeto lhe oportunizou um *novo mundo*. Um universo que o catador diz ser *difício*, pois passou de *catador de rua*, portanto de uma

PSL, na qual estava identificado com a forma-sujeito da FDC, constituindo o discurso daquele que Pêcheux (1995, p. 215) denomina de “bom sujeito”, para *catador de projeto*. A partir disso passou a ocupar no discurso a PST, a qual representa uma heterogeneidade na FDC, caracterizando um “mau sujeito”, pois não está mais identificado com a forma-sujeito da formação discursiva e começa a questioná-la. Entendemos que a dificuldade a qual se refere o sujeito está localizada diante da perspectiva de que *antes* andava sozinho, mas *agora* tem novas possibilidades de trabalho e de sobrevivência. Todavia ele precisa se adequar às regras estabelecidas na associação, bem como pensar como coletivo, um trabalhador que tem horários e que participa das decisões de seu local de trabalho.

Na SD 09 acompanhamos novamente um sujeito que assinala no seu dizer pelos marcadores *antes e hoje* as transformações que o ingresso no Projeto lhe proporcionaram. A posição inicial desse enunciador é a PSL, como já assinalamos, do “bom sujeito”. Está ligada a sua uma existência do fora do projeto e determinada pelo desrespeito, pelo desprezo, pela degradação humana, como podemos presenciar em *não era respeitado e animal*. Essas palavras carregam uma rede de sentidos imbricados na historicidade do ofício de catação, que remonta a um passado não muito distante, quando os catadores, designados lixeiros, chafurdavam os detritos depositados na rua, causando desarranjo, assemelhando-se a animais, concorrendo às vezes com cães e gatos.

Em contrapartida, o Profissão Catador apresenta-se-lhe como um presente bastante promissor, de muitos benefícios, como a melhoria da responsabilidade para com os outros. Declarações como *antes da Petrobras chegar até nós, antes do galpão vir até nós* encaminham uma questão ligada à iniciativa do sujeito. O engajamento ao projeto não partiu dele, mas ocorreu pela via institucional, pela sensibilização da equipe do projeto. Nesses enunciados temos ainda a regularidade *galpão*, que remete à sede física das três associações constituídas do projeto. É o local onde os catadores se encontram tanto para decisões relacionadas ao andamento dos trabalhos quanto para a separação e acondicionamento dos materiais catados.

Ao referir o presente nessa SD, o catador assume uma posição-sujeito que a chamaremos de associado (PSA), que se contraidentifica à FDC. Não é mais o “bom sujeito”, e sim o “mau sujeito” que está enunciando, pois está se contrapondo ao sujeito universal da forma-sujeito da formação discursiva. O enunciado *aprendemos a melhorar nossa responsabilidade uns com os outros* aponta para uma nova realidade do catador, de não estar mais sozinho. Passa então a se prospectar como membro da associação, onde cada qual tem sua função e responsabilidades no conjunto e com o conjunto. Ressaltamos que essa posição-

sujeito tem suas raízes nos saberes anarquistas, contexto em que, segundo Schons (2006, p. 107), os trabalhadores estão unidos com base na solidariedade e a caminho de uma sociedade baseada na autogestão. Dentre os princípios anarquistas temos a conscientização da importância do papel do indivíduo no coletivo. A união entre os trabalhadores acontece num espaço formativo e educativo, como no projeto Profissão Catador.

Na SD 10 presenciamos que o sujeito fala a respeito de como era tratado antes de ingressar no projeto. Afetado pela memória, o catador (re)assume PSL reescrevendo um discurso sobre o espaço e o tempo, presentificando no seu dizer como era sua situação *antigamente*, quando *mexiam com a gente xingava a gente, faziam horrores*. Eram chamados de *lixeiro, lixeiro mesmo*. Cabe-nos, nesse ponto, lembrar que a questão da designação está ligada à historicidade que os nomes evocam. Ao serem chamados de *lixeiros*, há a concretização do simbólico e do ideológico na linguagem da sociedade. Diante disso retomamos Guimarães (1995, p. 9), que explica que a designação está ligada à exposição de um nome ao real na sua relação linguística tomada pela história e, assim, exposta como manifestante da diferença. Portanto, não é apenas uma nominalização, ou uma simples forma de nomear, chamar, mas uma demarcação na linguagem da presença da (in)diferença.

De maneira geral, verificamos nessa SD a verbalização de uma melhora significativa na maneira de serem vistos e tratados pela comunidade, oportunidade em que o sujeito está enunciando de uma posição que denominamos de “cidadão” (PSC), aquele que não teve melhorias apenas no trabalho, mas em sua vida como um todo. Presenciamos a intensificação da mudança por meio de enunciados, como *mudou bastante, a vida mudou e mudou pra melhor*. Mais uma vez constatamos a circulação de princípios anarquistas. Na voz de Woodcock (1975, p. 25), no anarquismo a vida humana só atinge sua plenitude quando inclui, além de trabalho, amor, “comunhão social” e justiça. A busca é pela vida plena, em todos os campos. Contudo, precisamos registrar que o sujeito não vive sem a presença do Estado.

Da mesma forma como na anterior, na SD 11 o catador retoma na sua enunciação as experiências do passado, identificando-se, inicialmente, com a FS da FDC e enuncia a partir da PSL. Em contrapartida, num segundo momento dessa enunciação, ele se contraienuncia com a forma-sujeito da FDC, dessa vez fala a partir da posição-sujeito, que o chamaremos de “trabalhador” (PST). *Antigamente* era o *lixeiro*, trabalhava e não era *valorizado*, mas *agora não, o pessoal dá valor*. Ele menciona que a partir do projeto “Profissão catador” seu trabalho passou a receber importância, certamente sentida “na pele” por esse sujeito.

O sujeito que enuncia a SD 12, em específico, não era catador, e passou a trabalhar na catação a partir de seu ingresso no projeto, já que antes vivia de esmolas. Ele estava inscrito

na formação discursiva que a denominamos de “mendigo” (FDM) e enunciava pela posição-sujeito pedinte (PSPT), como temos explícito na materialidade: *não tinha trabalho e deixei de ficar numa praça sentada, dependendo de pedir dinheiro, pedindo pra sustentar meus netinhos*. É um sujeito que está no limiar da pobreza, não somente vítima do desemprego, mas do abandono familiar, da falta de moradia, e que tem pouca expectativa de vida no sentido mais literal da expressão. A partir do momento em que passa integrar o Profissão Catador, desidentifica-se com a FDM, em que sua vida se resumia ficar sentado no banco de uma praça pedindo esmolas, dependendo de doações de transeuntes, e passa a se inscrever na FDC, assumindo a PST. A desidentificação é característica da terceira modalidade da tomada de posição, a qual, de acordo com Pêcheux (1995, p. 217), funciona por uma interpelação da ideologia ao contrário.

Entretanto, apesar de passar para o lugar social de catador, pois agora integra uma associação, o sujeito desse discurso ainda está no lugar discursivo de mendigo, como ele mesmo expressa: *me colocaram aqui*, indicando para a fragilidade de um ser humano que fala de si como um objeto, que os outros “pegam” e podem colocar ali, *aqui* ou acolá. É inerte. Ele não escolheu ir para o projeto, foi *colocado*. A expressão nos remete ainda a mais uma reflexão, essa relacionada ao próprio imaginário que o sujeito tem dele, pois, por ser mendigo, não oferece resistência a essa imposição. Isso porque é pelo próprio imaginário que o sujeito assume posições.

Na SD 13 também verificamos a marcação temporal *antes e agora*. No passado estava na posição-sujeito lixeiro (PSL), portando identificado com os saberes da forma-sujeito da FDC, inclusive quanto às questões exploração da venda dos materiais recolhidos aos denominados *picaretas*. Já no presente enuncia a partir da PST, pois deixa marcas que apontam para o aumento dos ganhos a partir do seu ingresso no projeto. Os materiais catados são negociados pelo melhor preço diretamente com as empresas recicladoras, eliminando desse processo de comercialização os atravessadores, que, em um passado recente, intermediavam as vendas, tirando grande margem de lucro.

Ainda nessa SD temos o enunciado *a gente vendia pra os picareta né e agora nós tamo aqui trabalhando*. A conjunção “e” não está dando ideia de adição, mas, sim, de adversidade, contraponto às orações que unem fazendo a função de “mas”, “entretanto”, “contudo”, da mesma forma enfatizando que *agora* é diferente.

O mesmo ocorre na SD 14, o catador enuncia que a vida *melhorou bastante depois* que ingressou no projeto, assumindo novamente a PST, o que implica contraidentificação com a FS da FDC e aponta para a circulação de novos saberes no interior dessa. Apesar de usar a

palavra *vida*, o que poderia implicar uma posição-sujeito diferente daquela que estamos apontando por indicar questões além do trabalho, entendemos que a relação desta se constrói com a expressão *renda*, evidenciando a vida financeira do catador. Assim, as duas palavras estão abordando o universo de trabalho desse sujeito, que teve mudanças significativas. Nesse sentido, ele próprio explicita quando enuncia sobre a exploração dos atravessadores, que “ditavam” as regras de comercialização dos materiais, sugerindo o valor a ser pago por eles.

Na SD 15 o sujeito já inicia falando a respeito de sua vida pós-ingresso no Profissão Catador e intensifica a mudança por meio de locuções adverbiais, como *a vida melhorou bastante e melhorou cento por cento*. Nessa enunciação, ao contrário do que constatamos na sequência analisada anteriormente, o catador não aborda somente modificações ligadas ao trabalho, embora faça referência à condição de explorado que vivia antes, mas demarca que as novas perspectivas se desenham para outros campos que não se restringem somente ao trabalho, mas à vida. Temos então a posição-sujeito cidadão (PSC), que não deixa de ter relação com os princípios do anarquismo, que de acordo com Woodcock (1975, p. 25) propõe que a vida humana só atinge sua plenitude quando inclui, além do trabalho, amor, “comunhão social”, justiça, ampliados em respeito, valorização, dignidade e, por que não, segundo Haroche (2008, p. 78-79), direito à consideração.

Nesse sentido, quando enuncia da PSC, o sujeito “se volta” novamente contra a forma-sujeito universal da FD, assinalando, desse modo, a heterogeneidade na FDC, que implica, conforme Pêcheux (1995, p. 215), a contraidentificação, ou seja, a segunda modalidade da tomada de posição.

Na enunciação que corresponde à SD 16, temos um catador que assume a posição de lixeiro (PSL), identificado, portanto, com a forma-sujeito da FDC. Apesar de usar marcas temporais fazendo referência ao passado, quando não fazia parte do projeto e era explorado pelos atravessadores, com a expressão *tinham* e se referir ao presente com *tem*, não expressa grandes mudanças em seu discurso. Revela *ainda tem gente que quando vêm a gente mexendo no lixo xingam a gente bastante*, enunciado que remete aos saberes da forma-sujeito da FD em que está inscrito. Mesmo depois de sua inserção no “Profissão catador”, o sujeito *ainda* está afetado pela memória discursiva, o marco inicial da FDC, na qual os catadores eram vistos como animais remexendo os resíduos que eram descartados na rua.

No quadro 8 retomamos as posições assumidas pelo catador nessa família parafrástica:

Quadro 8: Síntese das posições assumidas pelo catador na FP 2

Posição-sujeito	Sequências discursivas (SDs)	Sentido relacionado
Posição-sujeito lixeiro (PSL)	SDs 08, 09, 10, 11, 13, 14 e 16	passado
Posição-sujeito trabalhador (PST)	SDs 08, 11, 12, 13, 14	presente
Posição-sujeito associado (PSA)	SD 09	presente
Posição-sujeito cidadão (PSC)	SDs 10 e 15	presente
Posição-sujeito pedinte (PSPT)	SD 12	passado

Fonte: Elaboração da autora.

O quadro nos permite perceber que, com exceção da SD 12, as SDs ligadas aos sentidos no passado são enunciadas por um sujeito que assume a PSL. Já no que tange ao marcador temporal do presente, temos a interpolação de três posições, PST, PSA e PSC.

Sobre as regularidades desse recorte ainda podemos refletir a respeito da discursividade das palavras antes e antigamente, que apesar de parecem sinônimos, enquanto paráfrase de “lixeiro”, em nosso entendimento, têm funcionamento diferente nessa família parafrástica. Para ilustrar propomos o seguinte quadro:

Quadro 9: Funcionamento discursivo das expressões “antes e antigamente”.

Expressão	Sequências discursivas (SDs)	Enunciados referentes
antes	SD 09	antes da Petrobras chegar
antes	SD 09	antes do galpão vir até nós
antigamente	SD 10	antigamente , a gente era tratado como lixeiro, lixeiro mesmo
antigamente	SD 11	antigamente não era valorizado
antigamente	SD 11	As pessoas não davam valor antigamente
antes	SD 13	antes a gente vendia pra os picareta

Fonte: Elaboração da autora, grifo nosso.

Verificamos, por meio do quadro, que a expressão *antes* está contraposta ao depois, remetendo às questões financeiras e estruturais conquistadas pelos catadores a partir de sua inserção no projeto. Já *antigamente* tem um funcionamento que aponta para a vida do catador, principalmente para o imaginário que a sociedade urbana tinha desses sujeitos. Parece-nos uma tentativa de referir a um passado distante, que não o assola mais, já que agora é valorizado e designado como catador e não mais lixeiro. Pêcheux (1995, p. 161) alerta justamente sobre isso quando esclarece que as palavras e expressões podem mudar de sentido, pois o funcionamento se constrói por meio das relações que essas mantêm com outras palavras, expressões ou proposições, mesmo dentro de uma mesma formação discursiva, assim como presenciamos com *antes* e *antigamente*, que apresentam o mesmo significado,

mas pela relação que estabelece com outras palavras dentro da FD acabam por ter sentidos que não convergem para o mesmo campo semântico.

De maneira geral, o recorte circula em torno de dizeres sobre o passado-presente. Por meio de marcadores temporais, indicativos de passado, o sujeito retornou às condições em que estava submetido quando identificado com a FDC. Recorrendo aos indicativos do presente, expressa aspectos positivos em relação ao trabalho e sua vida após ter passado a integrar o Profissão Catador: entre o viver e o sobreviver do lixo. Ao abordar sua situação de trabalho e de vida na atualidade se contraidentificou com a FDC, pois, segundo Pêcheux (1995, p. 215), as palavras e as expressões do sujeito mudam de sentido conforme as posições ocupadas por ele, sempre em referência às formações ideológicas.

Na sequência das análises trataremos dos sentidos em torno da expressão reciclagem e sua relação com a sustentabilidade dos catadores.

3.5.3 Eu não trabalho com lixo. Eu trabalho com reciclagem!

Neste recorte reunimos seis sequências em que os sujeitos desta pesquisa marcam em seus discursos a importância que a reciclagem tem para sua subsistência, como principal e, na maioria das vezes, única fonte de renda para o sustento da família. Ligadas a essa palavra, temos regularidades como *pagar contas, família, tirar sustento, criei e to criando, sustento sozinha dois filhos*.

Além desses marcadores, presenciamos que os sujeitos usam a palavra “reciclagem” para se referir ao material que catam, separam e vendem, ao contrário da denominação de grande parte da sociedade, que ainda o chama de lixo.

Trazemos nesse ponto novamente a questão da designação, pois entendemos que a partir dos novos saberes a que os catadores foram expostos ao ingressarem no projeto houve um esquecimento da denominação lixo e a instalação de um novo sentido, reciclagem. Pinhel (2013, p. 23-24) define esse processo como as operações que têm como objetivo a reintrodução dos materiais catados, como plástico, vidro, papel, entre outros, nos processos produtivos.

Quanto a esse contexto, reiteramos as palavras de Guimarães (1995, p. 74), as designações são produzidas pelo cruzamento de posições-sujeitos distintas e por relações semânticas instáveis ligadas ao real, entretanto não distantes da história. Presenciamos com os sujeitos enunciadore de nossa materialidade linguística que, quando na posição-sujeito

lixeiro (PSL), aquela que remete à enunciação do “bom sujeito” antes de entrarem no Profissão Catador e em identificação com a FDC chamavam o material que catavam de lixo, um real construído pelo contexto em que estavam e fortalecido ainda pela historicidade do ofício da catação. Contudo, a partir do momento em que eles ingressam no projeto têm acesso a uma série de conhecimentos e passam a conviver em associações, o que determina novas tomadas de posições e uma contraidentificação com a FDC, já que começam a questionar os saberes dentro da formação discursiva em que estão inscritos. Ainda a respeito disso, Rasia (2002, p. 180), ao explicar sobre designação, comenta que a mesma não pode ser separada do político, sendo fundamental nas relações sociais e determinante da materialidade das divisões manifestadas na linguagem. Desse modo, as desigualdades e diferenças são assinaladas no discurso.

Quadro 10: Família Parafrástica 3: Reciclagem e sustentabilidade

Matriz do sentido	Estruturas linguísticas que remetem à relação parafrástica “Reciclagem e sustentabilidade”
RECICLAGEM E SUSTENTABILIDADE	<p>SD 17 - O que tem dado para cada catador nós não reclamamos porque têm dado para pagar as contas e cada família se manter não temos do que nos queixar. Catador 12, julho de 2013.</p> <p>SD 18 - Meu marido faz mais de 20 anos que é catador. A gente consegue tirar o sustento. Catador 14, junho de 2014.</p> <p>SD 19 - É a reciclagem, eu fui criada com a reciclagem, criei e to criando meus filhos com a reciclagem. Catador 15, junho de 2014.</p> <p>SD 20 - Muda muita coisa na cidade e a gente também faz um dinheiro bom [...]. Muita gente fala lixo, mas pra mim é reciclagem. Até às vezes eu brigo com a as gurias, não é lixo é reciclagem. Catador 18, junho de 2014.</p> <p>SD 21 - Sei lá eu, eu sou mãe solteira. Tenho 3 pequenos, então daí eu me sustento da reciclagem. Catador 21, junho de 2014.</p> <p>SD 22 - Com a reciclagem eu consegui um monte de coisa dentro de casa, as minhas coisas são tudo da gaiota. Com aquilo que achei ou ganhei. Sustento sozinha meus dois filhos, meu marido trabalha, mas bota tudo fora com outras coisas, daí eu tenho que sustentar a casa sozinha. Catador 22, junho 2014.</p>

Fonte: Elaboração da autora, grifo nosso.

Voltando nosso olhar para cada um das sequências discursivas, presenciamos na SD 17 um sujeito que se contrapõe à forma-sujeito universal da FDC, pois já parte descrevendo que a inclusão no Profissão Catador lhe proporcionou a oportunidade de honrar os compromissos de sustento da família, assumindo a posição-sujeito de chefe de família (PSCF). Segundo Pêcheux (1995, p. 215), é uma luta contra a evidência ideológica da FD que o domina. Nesse caso, o histórico de lixeiro, quando esses sujeitos eram vistos como “animais” que chafurdavam os resíduos depositados nas ruas, em busca do que comer e de resíduos para vender.

A PSCF está estabelecida num contexto discursivo em que na sociedade pais e mães, como chefes de família, têm como responsabilidade arraigada o trabalho para a garantia de bens básicos, como comida, vestimenta, água e luz. Essa satisfação de poder custear as contas da casa está assinalada em *pagar as contas e cada família se manter*. Além disso, o catador ainda comenta que *não temos do que nos queixar*, pois para quem antes estava numa condição de informalidade total, sem saber ao certo quanto seu trabalho lhe renderia por mês, explorado por atravessadores, *hoje ter uma previsão de seus ganhos é uma grande conquista*.

Na SD 18 o catador novamente assume PSCF, voltando-se contra o sujeito universal da FDC. Percebemos que nesse dizer o lixo não é referido como aquele que apenas lhe rende “trocos”, ou um bico, mas, sim, como ofício que sempre lhe garantiu o *sustento*. Temos inclusive a referência ao *marido* que há *20 anos é catador*, provando que é possível, sim, obter o sustento, uma renda a partir daquilo que é considerado um problema, um resto e que a sociedade descarta e tem a ideia de ser inutilizável.

O sujeito da SD 19 segue contraidentificado com o sujeito universal da FDC, isto é, questionando os saberes que circulam no interior da formação discursiva em que está inscrito. Nessa materialidade também assume PSCF, pois relaciona seu trabalho como aquele que garantiu a sua criação, bem como aquele que está oferecendo a oportunidade de sustento aos filhos. É uma *reciclagem* que remete exclusivamente ao sustento, à busca de dinheiro para a satisfação dos bens básicos de sobrevivência e que, apesar das dificuldades, tem dado certo, pois já é a segunda geração da família que é amparada financeiramente pelos ganhos da catação.

Na SD 20 o sujeito também se contrapõe à forma-sujeito universal da FDC, enunciado da PST. Em seu dizer questiona os saberes da formação em que está inscrito, enunciando que a partir de seu trabalho, a reciclagem, consegue um bom dinheiro, fato que nos remete a entender que antes de sua condição de associado não era possível. Temos uma catadora que diz que *muita gente fala lixo*, no entanto designa o material de trabalho como reciclagem, já

que a partir de sua ação ganha um caminho correto, podendo ser reaproveitado e reintroduzido nos processos produtivos, além de mudar a própria cidade. Outro aspecto é que esse processo de reciclagem representa também renda, ao contrário do que significa lixo, cujo destino é a inutilização. Percebemos na materialidade que a própria catadora chama atenção das colegas de projeto para a designação: *às vezes eu brigo com a as gurias, não é lixo é reciclagem.*

Focamos nossa análise na SD 21, em que o catador se identifica com a forma-sujeito universal da FDC, pois a enunciação de *sei lá*, ou não sei bem ao certo, indica insegurança. A catadora deixa transparecer que não lhe restava outra alternativa para sustentar os filhos senão a catação, *então daí* teve que buscar o *sustento* na reciclagem. É um dizer que está ligado às questões históricas do ofício da catação e que ratifica as reflexões de Bosi (2008, p. 103). Ele afirma que os catadores são um contingente de indivíduos sem trabalho fixo e que essa ocupação não foi resultado de uma livre escolha, foram “colocados” a força, pois passaram a ver-se sem alternativas no mercado de trabalho formal pela baixa escolaridade, idade avançada, passando a buscar espaço na informalidade.

É importante salientar que mesmo usando a expressão *reciclagem* para se referir ao material com o qual trabalha, a enunciação do sujeito nos remete à posição lixeiro (PSL), pois entendemos que o sentido de reciclar nessa SD está diretamente ligado a um dinheiro qualquer que traga a possibilidade de dar alimento aos filhos e não remete às ideias de sustentabilidade trabalhadas no Projeto.

Na SD 22 temos a retomada da PSCF, na qual o discurso do catador está contraposto à FS da FDC. Na materialidade temos uma mãe que sustenta sozinha seus dois filhos e assinala ter conseguido mobiliar sua casa com a catação, *consegui um monte de coisa dentro de casa*, catando pela rua com o tradicional “carrinho”, também chamado de *gaiota*. Com o enunciado *aquilo que achei ou ganhei* temos explícito que a catadora conta com a colaboração de algumas pessoas que doam os materiais, mas que ainda continua dependendo da sorte para encontrar uma parte do material do qual tira o sustento.

Como forma de retomada das posições assumidas pelos sujeitos nessa família parafrástica, organizamos um quadro-síntese onde apresentamos as tomadas de posição, bem como os sentidos envolvidos nessas.

Quadro 11: Síntese das posições assumidas pelo catador na FP 3

Posição-sujeito	Sequências discursivas(SDs)	Sentido relacionado
Posição-sujeito chefe de família (PSCF)	SDs 17, 18, 19 e 22	reciclagem
Posição-sujeito lixeiro (PSL)	SD 20	lixo
Posição-sujeito trabalhador (PST)	SD 21	reciclagem

Fonte: Elaboração da autora.

A partir dessa síntese identificamos que na maior parte das SDs ao enunciar, o catador assume PSCF, num sentido direto com as palavras “reciclagem” e “sustentabilidade”, que serviram para a organização dessa FP. Ainda relacionada à palavra reciclagem, temos a PST, já que o sujeito também a usa para designar o trabalho que realiza. Em contraponto, há uma SD em que acompanhamos a referência ao material de trabalho como lixo, a qual o catador enuncia da PSL.

Nesse recorte é, sem dúvida, o contexto de inserção do catador no Projeto o responsável por um “novo real”, que determina a instalação não apenas de uma nova designação ao material que trabalham (de lixo para reciclagem), mas para o próprio ofício, que também o chamam de reciclagem, apontando para um deslizamento no funcionamento da palavra usada, na maior parte das vezes, para designar o trabalho e não a ação de reciclar ligada ao meio ambiente.

Outro aspecto que também identificamos pelas marcas na enunciação é que cinco das SDs dessa família parafrástica são provenientes de mulheres catadoras. Regularidades como *meu marido* (SD 18), *criada* (SD 19), *mãe solteira* (SD 21) e *sozinha* (SD 23) apontam, pela presença do artigo definido “a”, para um enunciador do sexo feminino. No caso da marca da SD 22 *eu brigo com as gurias*, identificamos que a enunciativa se inclui no grupo dizendo que briga *com as gurias*, isso nos leva a concluir também que se trata de uma mulher. A marcação do feminino aponta para um protagonismo das mulheres no sustento de suas famílias e, às vezes, a única renda.

A seguir, na subseção 3.5.4, serão abordados os sentidos no discurso do catador de materiais recicláveis a partir de SDs organizadas em torno do tema “dignidade do trabalho de catador”.

3.5.4 A dignidade e o respeito a partir da minha profissão

Desde 2010 o catador de materiais recicláveis é considerado um dos agentes essenciais na cadeia produtiva da reciclagem e no cuidado com o meio ambiente. A prerrogativa está prevista na Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), criada pela lei nº 12.305/2010, a qual, do ponto de vista das políticas públicas de saneamento e de meio ambiente, representou um marco para o Brasil. Em específico, acompanhamos no inciso XII, que a PNRS, além da

integração dos catadores à gestão dos resíduos, incentiva, no inciso IV do artigo 8º, a criação de cooperativas ou de associações de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis.

Na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), documento que reconhece, nomeia e descreve as características das ocupações do mercado de trabalho, esses sujeitos também são mencionados, sendo denominados como catadores de materiais recicláveis. A designação engloba não somente esses, mas os catadores de ferro-velho, de papel e papelão, de sucata, de vasilhames, enfardador de sucata (cooperativa), separador de sucata (cooperativa), triador de sucata (cooperativa).

Entretanto, mesmo sendo considerados legalmente como elos importantes na cadeia de gestão dos resíduos sólidos pela PNRS e de terem seu ofício registrado como uma das ocupações brasileiras, não há, em termos trabalhistas no Brasil, uma legislação que ampare esses trabalhadores. Isso significa que apesar de serem contemplados nesses documentos, como o PNRS e a CBO, ainda seguem na informalidade ante o ponto de vista dos direitos trabalhistas. Não recebem amparo na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT),⁴⁴ muito menos numa legislação específica que atenda às particularidades da profissão, já que muitos, como é o caso dos catadores cujo discurso estamos analisando, estão reunidos em associações.

Entendemos essas considerações feitas como essenciais diante da materialidade discursiva dessa família parafrástica, tendo em vista que, como referimos, apesar de serem considerados em diferentes documentos, a perspectiva de uma nova vida a esses sujeitos se torna realidade a partir do ingresso no projeto Profissão Catador: entre o viver e o sobreviver do lixo.⁴⁵ Desse modo, nessa FP, temos um catador que marca em seu discurso o trabalho que realiza como uma profissão, que pode ser comparada às outras e que possibilita que o sujeito se sinta considerado. Ligadas a esses sentidos temos regularidades, como *digna, honesta, mais organizado, esforço, dedicação, talento, cidadão humano, me identifico, respeitado*, conforme verificamos no quadro 12:

⁴⁴ A íntegra da Consolidação das leis do trabalho pode ser consultada no seguinte endereço: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm >.

⁴⁵ Não ignoramos o fato de que o próprio projeto propõe a gestão dos resíduos sólidos com base na legislação (lei nº 12.305/2010), é em parceria com a Administração Municipal, uma das principais encarregadas da gestão dos resíduos. Contudo, o que queremos assinalar é que o “passaporte” para uma nova vida a esses sujeitos se dá a partir de seu ingresso no Profissão Catador.

Quadro 12: Família Parafrástica 4: Dignidade do trabalho de catador

Matriz do sentido	Estruturas linguísticas que remetem à relação parafrástica “Dignidade do trabalho de catador”
DIGNIDADE DO TRABALHO DE CATADOR	<p>SD 23 - [...] catadora é uma profissão digna e honesta como ou melhor do que várias outras [...]. Catador 1, março de 2013.</p> <p>SD 24 - É através da venda que aprendemos a negociar nossos materiais, sentido-nos mais motivados a realizar nosso trabalho mais organizado, porque temos a certeza que no dia da venda, vamos ter uma renda maior e mais digna, e que valeu a pena nosso esforço e dedicação. Catador 6, março de 2013.</p> <p>SD 25 - Aos meus 54 anos de idade descobri que tenho mais um talento dentro de mim. Lidar com material reciclável. Catador 8, março de 2013.</p> <p>SD 26 - É um cidadão como qualquer cidadão humano, como presidente, como médico, como quem quer que seja. Só ao contrário do catador ele não teve tem aquele privilégio de trabalhar mais simples. O catador é uma profissão que cada um tem que respeitar, [...]. Catador 13, junho de 2014.</p> <p>SD 27- Ta melhorando, há anos atrás, eu não faz muito tempo que participo, mas a há anos atrás a profissão era visto meio assim, meio assim, tentando denegri a imagem do catador. Hoje em dia não, se you assume que you é catador, as pessoas te dão confiança. Eu por exemplo não tenho dificuldade nenhuma em entrar num estabelecimento e me identifico. Então a gente a gente é respeitado pela profissão que a gente tem. Catador 13, junho de 2014.</p>

Fonte: Elaboração da autora, grifo nosso.

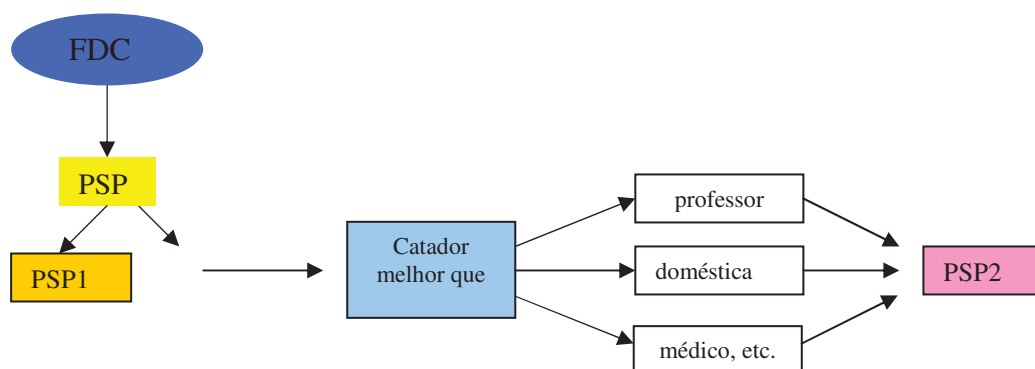
Focando a análise nas unidades discursivas, verificamos na SD 23 um catador que refere seu trabalho como uma *profissão digna e honesta*. Essas marcas na enunciação distanciam o sujeito da forma-sujeito histórica da FDC, o qual passa a contraidentificar-se com a mesma, assumindo a posição-sujeito profissional. Pêcheux (1995, p. 215) nomina aquele que no discurso se contrapõe à formação discursiva de “mau sujeito”.

Ao assumir a posição-sujeito profissional (PSP), o sujeito marca discursivamente que agora já não sobrevive mais de um “bico” ou de restos descartados pelas outras pessoas, mas já está em uma atividade profissionalizada e isso implica diretamente a consideração de profissionais de outras áreas. Conforme Haroche (2008, p. 76), a questão da consideração está

ligada ao olhar, à necessidade que o homem tem de ser olhado para ser chamado à existência e já está inscrita na essência dos humanos. Entretanto, a autora chama atenção que a própria origem da desigualdade está calcada na consideração. As ponderações da autora nos levam a pensar, então, que o mesmo olhar que chama à existência o sujeito profissional, que está no projeto Profissão Catador, é aquele que o coloca na situação de lixeiro, quando ainda estava identificado com a forma-sujeito universal da FDC.

Na mesma SD temos ainda o enunciado *como ou melhor do que várias outras*, o que indica para uma projeção imaginária do catador a respeito de seu ofício. Há de se considerar aqui dois aspectos: a partir do comparativo *como*, o sujeito evidencia ver-se em condição de igualdade com os outros trabalhadores; já em *melhor do que várias outras*, percebemos que ao dizer que *é melhor* que as outras (superlativo) superestima a sua profissão, do mesmo modo que também questiona as demais. Para ilustrar essa movimentação do sujeito dentro da posição, que acontece pelo o que Indursky (2000, p. 16) chama de fragmentação da forma-sujeito, propomos a seguinte ilustração:

Figura 1: Movimentação do sujeito na PSP na SD 23



Quanto à SD 24, verificamos que o catador aborda questões pertinentes ao trabalho, em específico a respeito de como a negociação dos materiais a partir do projeto trouxe benefícios que refletiram em motivação, levando, inclusive, a que o sujeito marque linguisticamente no seu discurso que valeram a pena o *esforço e a dedicação* empreendidos no trabalho. Em outras palavras, é um sujeito que não está somente feliz em razão de ter efetivamente uma renda, ao contrário da situação que enfrentava antes, quando era obrigado a aceitar os preços pagos pelos atravessadores, mas também porque passa a conhecer o sentido da satisfação profissional a partir do exercício do seu trabalho.

Desse modo, nessa SD temos um sujeito que também assume a posição-sujeito profissional (PSP). Esse saber da profissionalização é um dos que permitem que o sujeito se

contraidentifique com a FDC, já que sem se dar conta passa, pelos sentidos do seu discurso, a questionar os saberes da forma-sujeito universal dessa FD. Assim, mesmo fazendo referência às especificidades de negociação dos materiais (trabalho), entendemos que as marcas motivação, esforço e dedicação apontam para a profissionalização, o que representa uma forma de vida publicamente assumida e reconhecida. Haroche (2008, p. 79) afirma que na sociedade contemporânea há uma busca pelo direito ao reconhecimento e por meio dessa têm emergido movimentos que procuram promover, de maneira sistemática, o direito a inscrever o reconhecimento e a consideração em novas legislações.

O sujeito que enuncia a SD 25 segue em PSP, sobretudo a partir da expressão *talento*, que refere-se, nos ambientes corporativos, a uma das características de um bom profissional e esta presente no fragmento *descobri que tenho mais um talento*. Ainda convém assinalar que o *talento* pode remeter ao trabalho com os materiais catados enquanto matéria-prima para o artesanato. A criação de obras de arte, a partir de materiais recicláveis, foi inclusive tema de um documentário lançado em 2010. Na produção cinematográfica, intitulada *Lixo extraordinário*,⁴⁶ de Lucy Walker, temos o relato do trabalho realizado pelo artista plástico brasileiro Vik Muniz com catadores do aterro do Jardim Gramacho⁴⁷ - RJ. A tônica do documentário mostra as transformações que ocorrem na vida, bem como na forma de ver o mundo de sete catadores participantes do projeto de Muniz.

Na SD 26 presenciamos que, ao contrário do que tivemos na SD 23, e o catador compara a profissão de catador a outras profissões, nessa materialidade temos a comparação expressa a partir da palavra *cidadão*, no sentido de ser humano. O sujeito na tentativa de marcar linguisticamente a sua igualdade aos demais seres humanos usa a expressão *cidadão humano*. Isso porque em seu imaginário ainda circulam sentidos trazidos pela projeção desses sujeitos fora do projeto, quando eram comparados a um animal mexendo no lixo pela população urbana, vivendo em condições de desrespeito e desprezados pela sociedade, em verdadeira degradação humana. Além disso, a materialidade discursiva nos faz retomar o poema *O bicho* de Manoel Bandeira, do qual usamos um fragmento como nota de abertura do primeiro capítulo deste estudo. No poema, Bandeira refere a um “bicho” que viu, em um local imundo, chafurdando o lixo em busca de restos de comida, o qual diz não ser gato, nem cão, nem rato, mas um homem.

⁴⁶ O documentário está disponível na internet, no seguinte endereço: <<http://www.youtube.com/watch?v=61eudaWpWb8>>.

⁴⁷ O aterro do Jardim Gramacho - RJ também serviu de cenário para outra produção cinematográfica, Estamira, lançada em 2006, com direção de Marcos Prado.

Percebe-se também que na tentativa de reforçar a sua condição de ser humano, ainda propõe uma comparação com a figura do presidente da república e a do médico, revelando um imaginário que projeta a importância das pessoas pelo cargo ocupado e prestígio social. Propomos, então, que até esse ponto temos a posição-sujeito cidadão (PSC).

Já no restante da SD, o catador assume a PSP, tendo em vista as regularidades *privilegio, profissão e respeitar*. Esses indicativos dirigem para as questões de profissionalização do sujeito, assim como as expressões *motivação, esforço e dedicação*, analisadas na SD 24.

As duas posições identificadas nessa SD, PSC e PSP, contrapõem os saberes da forma-sujeito da FDC e, portanto, se constituem na modalidade de contraidentificação proposta por Pêcheux (1997, p. 215). Desse modo, ao assumirem tais posições estão constituindo o discurso do “mau sujeito”, daquele que questiona, que interpela.

Por fim, tomamos a SD 27, na qual estão as regularidades *ta melhorando, era visto meio assim e denegri a imagem do catador*. Essas marcas indicam que o sujeito inicia seu dizer da posição-sujeito lixo (PSL), aquela em que o sujeito está identificado com a forma-sujeito universal da FD e que remete às condições de exploração e discriminação. Pêcheux (1995, p. 215) a denomina como a primeira modalidade da tomada de posição, que evidencia o bom sujeito e consiste em uma superposição entre o sujeito da enunciação e a forma-sujeito universal da FD.

Na mesma SD também temos os enunciados *Hoje em dia, você assume que você é catador, as pessoas te dão confiança, me identifico, respeitado pela profissão*, que evidenciam o presente do catador após seu ingresso no projeto, apontando para a PSP e uma contraidentificação com a forma-sujeito universal da FDC. Se no passado não se sentia merecedor de receber a confiança das pessoas e nem à vontade para circular pelo comércio, essas marcas nos apresentam uma nova realidade. É um sujeito que, como qualquer outro profissional, se vê merecedor de receber o respeito dos outros e, dessa forma, conquistar o direito da consideração, do olhar da sociedade, como teoriza Haroche (2008, p. 79).

No sentido de resgatar as posições-sujeitos ocupadas pelo catador, bem como os sentidos a que estão atreladas, trazemos o quadro 13.

Quadro 13: Síntese das posições assumidas pelo catador na FP 4

Posição-sujeito	Sequências discursivas (SDs)	Sentido relacionado
Posição-sujeito profissional (PSP)	SDs 23, 24, 25, 26 e 27	profissionalização
Posição-sujeito cidadão (PSC)	SD 26	profissão reconhecida
Posição-sujeito lixeiro (PSL)	SD 27	passado

Fonte: Elaboração da autora.

Nessa família parafrástica identificamos então que a posição-sujeito profissional (PSP) aparece em maior número nas sequências discursivas, sempre relacionada às questões de profissionalização do catador de materiais recicláveis. Junto a essa posição também temos a PSC, ligada ao que qualifica o trabalho do catador, como reconhecimento, cidadania, respeito profissional, sustentabilidade.

Desse modo, como dissemos nas linhas iniciais desta seção e em outros momentos desta análise, apesar de existir uma lei que explicita a importância do catador de materiais recicláveis na gestão dos resíduos sólidos, bem como afirmada sua existência na CBO, não são esses documentos que, como verificamos nas SDs, incidem no sentimento de pertencimento a uma categoria profissional, no entanto são colaborativos. O “divisor de águas” que os permite se projetarem nos discursos como profissionais é a inserção no projeto que, já em sua própria denominação (Profissão Catador), faz referência à catação como uma profissão. O fato de “sair da informalidade” permite, então, ao sujeito projetar-se pelo discurso como profissional. Isso não intervém somente nesse universo do trabalho, mas expande seus sentidos para a vida do catador como um todo.

Na subseção 3.5.5, as análises serão voltadas aos sentidos que circulam nas SDs que remetem ao meio ambiente.

3.5.5 Entre catar e preservar

Na quinta família parafrástica estão organizadas SDs em que o catador refere à “Preservação do meio ambiente”. O artigo 225 da Constituição Federal⁴⁸ confere a todos o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, reconhecendo-o como bem de uso comum e essencial à sadia qualidade de vida. O texto impõe ao poder público, bem como à coletividade, o dever de defendê-lo e preservá-lo para presentes e futuras gerações. Dessa

⁴⁸ Disponível no seguinte endereço:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm>.

forma, a partir do documento fica explícito que qualquer cidadão tem responsabilidade sobre o meio ambiente.

A partir do ingresso dos catadores no Profissão Catador, dentre as várias atividades de formação, esses sujeitos vivenciaram a oportunidade de participar de campanhas de educação ambiental e aprenderam a forma correta de separação dos materiais, bem como passaram a dar mais importância ao trabalho que realizam, o qual traz benefícios para todas as pessoas.

Assinalamos, nesse ponto, que, apesar do grande número de apelos em relação à separação do lixo, uma parcela da população de Cruz Alta ainda não a faz. Essa falta de engajamento às propostas de preservação do meio ambiente pelas demais pessoas, que também habitam o espaço urbano, prejudica o trabalho dos catadores, que no momento da separação de materiais, nos galpões das associações, acabam por ter serviço redobrado, pois muitas pessoas ainda destinam os materiais de valor de venda junto a outros. Outro fato também comum, mas que diminuiu com a entrada dos sujeitos no Projeto, são os ferimentos por objetos cortantes, como o vidro⁴⁹. Isso porque passaram a ter acesso aos equipamentos individuais de proteção, como luvas e uniformes.

Relacionadas à temática da FP, temos as expressões *reciclamos, ajudar a melhorar, ajudar o planeta, consciência, eu ajunto todas, reciclando, viver mais*. Todas indicativas da preocupação do catador quanto ao ambiente em que está.

Quadro 14: Família Parafrástica 5: Preservação do meio ambiente

Matriz do sentido	Estruturas linguísticas que remetem à relação parafrástica “Preservação do meio ambiente”
PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE	<p>SD 28 - Estando no galpão direto eu vejo pelo material que nós reciclamos que tem como ajudar a melhorar o meio ambiente. A garrafa de vidro, eu ajunto todas, e se tem como transformar em copo eu faço. Então alguém vai seguir meu exemplo e assim vamos ajudar o planeta. Catador 8, março de 2013.</p> <p>SD 29 - Assim nos daremos melhores na vida. Os nossos filhos ensinando a trabalhar e a respeitar as pessoas e o meio ambiente. A nossa renda é onesta. Catador 11, julho de 2013.</p> <p>SD 30 - [...] porque se não existisse o catador como seria o lixo no mundo, no Brasil? Catador 13, junho de 2014.</p>

Fonte: Elaboração da autora, grifo nosso.

⁴⁹ Informações da coordenação do projeto Profissão Catador: entre o viver e o sobreviver do lixo.

	<p>SD 31 - O catador é uma pessoa que ajuda o meio ambiente, ajuda as pessoas né, ajuda pra as crianças que vão vim pro meio ambiente ficar melhor e sei lá pra ajudar todo mundo a ter consciência que se tiver ambiente mais limpo vai ter mais... porque com o catador que ta reciclando a gente vai viver mais, nossos filhos vão viver mais, mais capacidade para viver. Catador 18, junho de 2014.</p>
--	---

Fonte: Elaboração da autora, grifo nosso.

Voltando nosso olhar especificamente para cada uma das SDs, verificamos que na SD 28 o sujeito assume posição ambientalista (PSAMB), contraindificando-se com a forma-sujeito universal da FDC, pois passam a circular novos saberes, que não faziam parte do dizer do sujeito enquanto estava em PSL. Para esse sujeito, a importância do trabalho da catação também se justifica pela preservação ambiental.

O sujeito tem noção que seu trabalho ajuda diretamente o meio ambiente, impedindo que materiais como plástico, alumínio, vidro, papelão, cujo tempo de decomposição⁵⁰ vai de 200 a 500 anos, e, no caso do vidro, é indeterminado, sejam depositados no ambiente. Ao enunciar, marca linguisticamente que, além de recolher o material a ser vendido, pode também reciclar outros, sem a necessidade de enviar para as empresas recicladoras, como acompanhamos em *garrafa de vidro, eu ajunto todas, e se tem como transformar em copo eu faço*. Essa atitude não envolve nenhum benefício financeiro ao catador, porém demonstra que está fazendo sua parte enquanto cidadão para a preservação do meio em que vive.

Ainda na mesma SD, a regularidade *seguir meu exemplo* aponta para um sentimento de pertencimento do sujeito ao mundo daqueles que cuidam e são preocupados com o meio ambiente, que valoriza sua ação de transformar garrafas de vidro em copos, inclusive sugerindo que outras pessoas adotem a ideia. Vale ressaltar que, ao referir a *alguém*, o sujeito expressa sua atitude que possa ser seguida por qualquer pessoa, ou seja, não são somente os catadores que podem pensar no reaproveitamento de garrafas.

Outro aspecto pode ser ressaltado em relação a esta SD: na materialidade, o sujeito não fala em sobrevivência, nem em aquisição de bens ou melhorias de vida. Isso tudo indica que seu discurso, neste momento, apesar de sofrer influências da FD Capitalista, não sobrepõem aos saberes ambientalistas, pois o sujeito enuncia que a importância do trabalho da catação também se justifica pela preservação ambiental no meio onde vive.

Na SD 29 também acompanhamos um sujeito que está contraindificado com os saberes da FDC, ou seja, questiona a mesma, configurando-se no que Pêcheux (1995, p. 215)

⁵⁰ Informações disponíveis no seguinte endereço:

<http://ambientes.ambientebrasil.com.br/residuos/reciclagem/tempo_de_decomposicao_do_materiais.html>

chama de “mau sujeito”. Contudo, nessa SD entendemos que enuncia pela posição-sujeito cidadão (PSC). O registro de ações, como *daremos melhores, ensinando a trabalhar e respeitar as pessoas e o meio ambiente*, relaciona-se a atitudes de civilidade, representando não apenas aquele que está na cidade, mas pertence a ela. Valores como crescimento pessoal, trabalho e respeito a qualquer forma de vida também estão contemplados na própria Declaração Mundial dos Direitos Humanos⁵¹, a partir da qual se busca a universalidade dos direitos do homem sob a crença de que a condição de pessoa é o requisito único para a dignidade e titularidade de direitos. Este também é o norte das discussões de Arendt (2007) em sua obra *A condição humana*. Além disso, os dizeres que temos na materialidade ressoam saberes da própria Constituição Federal, indo ainda ao encontro da matriz do sentido desta FD.

O sujeito da SD 30 questiona as pessoas: *se não existisse o catador como seria o lixo no mundo, no Brasil*. A enunciação é feita da PSAMB, entretanto, notamos uma movimentação do sujeito dentro dessa materialidade no sentido de buscar a visibilidade não somente o pertencimento à cidade, mas ao país e ao mundo, já que ele pergunta *como seria o lixo no mundo, no Brasil*. Temos um dos aspectos positivos da globalização que também pode se mostrar inclusiva, contributiva.

Mesmo que o sujeito não tivesse oportunidade de conhecer que existem documentos que o colocam como um dos elos na gestão dos resíduos sólidos, tampouco tenha lido o artigo 225 da Constituição Federal, pois a maioria sequer é alfabetizada, o seu dizer opera no sentido de reforçar o que trazem os dois textos. Demonstra uma preocupação não só relativa ao espaço urbano de Cruz Alta, mas refere ao *Brasil* e ao *mundo*, fazendo funcionar aí o imaginário que tem em relação a como a questão do lixo é tratada no país e no planeta.

Na SD 31, mais uma vez o sujeito assume a posição-sujeito ambientalista (PSAMB). A materialidade da enunciação indica que tem entendimento da importância de seu trabalho para preservar o meio ambiente, ação que, indiretamente, *ajuda as pessoas* que estão nele, deixando-o também para as futuras gerações, preocupação, inclusive, expressa pelo sujeito linguisticamente em *pra as crianças que vão vim*. Verificamos também que a partir da sua ação o catador sente-se habilitado a influenciar atitudes de outras pessoas, no sentido de que se conscientizem de que um ambiente mais limpo e conservado também representa mais vida. Isso está expresso em regularidades como *viver mais, nossos filhos vão viver mais e mais capacidade para viver*. O uso do pronome possessivo *nossos* para referir aos filhos inclui não

⁵¹ Documento disponível no seguinte endereço: < www.dudh.org.br/ >

somente os dos catadores, mas as gerações que estão por vir de maneira em geral. Mais uma vez está apontando para a compreensão dos catadores em relação à relevância daquilo que fazem para o bem-estar e qualidade de vida de todas as pessoas.

A materialidade nos apresenta ainda outra regularidade, a repetição do verbo ajudar. Para trazer os diferentes funcionamentos da palavra nesta SD organizamos o seguinte quadro:

Quadro 15: Funcionamento discursivo do verbo ajudar

Enunciado	Funcionamento discursivo
ajuda o meio ambiente	ajudar configura a ideia de preservar (ajudar/preservar assumem relação sinónímica);
ajuda as pessoas né, ajuda pra as crianças que vão vim pro meio ambiente ficar melhor	ajudar tem relação com ensinamentos, gestos de civilidade (assim ajudar/ensinar podem ser entendidos como exemplos de civilidade);
ajudar todo mundo a ter consciência que se tiver ambiente mais limpo vai ter mais... porque com o catador que ta reciclando a gente vai viver mais	ajudar indica proteger, zelar pela vida em todos os sentidos da pessoa e do planeta;

Fonte: Elaboração da autora, grifo nosso.

O verbo ajudar tem diferentes funcionamentos nesta SD. Assim, em sua relação com o catar não significa apenas limpar e reciclar, mas assume outras dimensões, como a preservação do meio ambiente, o exemplo de civilidade e a proteção da vida (zelo pelas pessoas e o planeta). Mesmo com diferentes funcionamentos, o uso desse verbo pelo catador não expressa relação com o econômico, com aumentar a renda e ganhar dinheiro, portanto limpar para sobreviver. Outras causas se tornam maiores diante do funcionamento de *ajudar*, principalmente aquelas ligadas à vida ou a gestos e ações que podem valorizá-la, bem como também valorizar o meio ambiente.

Desse modo, neste recorte presenciamos que o catador aborda, pela PSAMB, assumida em três das quatro SDs sobre a importância de seu trabalho para o meio ambiente, o qual também influencia na vida dos seres humanos de maneira geral. Percebemos também a condição de ambientalista projetada no imaginário do sujeito, que se vê em uma posição histórico-social dirigida pelos saberes de preservação do meio ambiente e de pró-atividade, no sentido de que todos precisam fazer a sua parte, uma vez que ele já faz.

Ainda, diante da perspectiva de que em AD o sujeito não é origem de seu dizer, porque se constitui de dizeres provenientes de outros sujeitos, tendo apenas a ilusão de ser a fonte, cabe-nos refletir a respeito do discurso outro. Isso acontece, de acordo com Pêcheux (1995, p. 173), pelo esquecimento número 2. Nesta família parafrástica, bastante presente a partir dos saberes ligados ao meio ambiente. Embora não se dê conta disso, ao estar na

PSAMB retoma, a partir da memória discursiva, do interdiscurso, discursos já enunciados referentes à sustentabilidade, à preservação do meio ambiente, à importância da colaboração de todos para um ambiente sadio às próximas gerações.

Há também um entrecruzamento com o próprio discurso da Constituição Federal. Mesmo sem, provavelmente, nunca tê-la lido, o sujeito reforça com sua enunciação o que está presente no documento, especialmente aquilo previsto no artigo 225, que assegura a todos o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem como expõe que, além do poder público, a coletividade, ou seja, todos os cidadãos têm o dever de defendê-lo e preservá-lo para presentes e futuras gerações, o que restringe não apenas àquelas que habitam o urbano, espaço no qual está, mas àqueles que vivem em todos os locais.

Na subseção 2.5.6 abordaremos o aprendizado do sujeito dentro da associação, mostrando que, mesmo sem ter o domínio da língua escolar, o sujeito é capaz de aprender e fazer com que ouçam sua voz.

3.5.6 A Associação enquanto local de aprendizagem

Quase que a totalidade do contingente de catadores de materiais recicláveis é de sujeitos “fracassados” diante da escola formal. Alguns nem chegaram a frequentá-la, e aqueles que a frequentaram não concluíram os estudos. Dessa forma, por não dominarem a língua domesticada⁵², isto é, aquela que se aprende na escola, acabaram por ser “engolidos” pela ideologia dominante.

Esse processo de dominação, que coloca à margem da sociedade aqueles que não têm conhecimento sobre a língua formal, é o que acabou por excluir os sujeitos de nossa pesquisa. Althusser (1992, p. 77), em *Aparelhos ideológicos de Estado* (AIE), já assinalava que o aparelho ideológico de Estado que assumiu a posição de dominante no capitalismo dito maduro, após a luta de classe política e ideológica, é o aparelho ideológico escolar. A escola então, ao contrário do que imaginamos, age como reprodutora das forças de exclusão na medida em que classifica as pessoas pelo saber da língua, o linguístico, assinalando a divisão social e, portanto, não tem o poder libertador que “muitos” ainda delegam a ela.

A condição de associado, oferecida aos catadores a partir de seu ingresso no projeto Profissão Catador: entre o viver e o sobreviver do lixo, lhes dá o que chamaremos de uma

⁵² Termo utilizado por Dorneles (2011, p. 35) para designar a língua apreendida na escola, a escolarizada. DORNELES, E. *Discurso sobre a língua e a constituição da língua da escola*.

“segunda chance”. Contudo, não especificamente de aprender o domínio da língua, mas de se constituírem sujeitos na sua essência por meio do aprendizado do conhecimento que a escola formal, ao menos a básica, não lhes ensinaria. Dizemos isso porque, a partir desse novo universo, o catador passou a aprender aquilo que poderá, na condição em que estava, garantir a melhora de sua vida.

Nesta família parafrástica, na qual reunimos SDs em torno do tema “Aprendizado”, presenciamos então a quebra dessa ordem hegemônica capitalista e a atuação do político, que causa um litígio, segundo o que nos traz Rancière (1996, p. 42). O autor afirma que a política é responsável por romper a configuração sensível que define a parcela e as partes, deslocando um corpo do lugar que foi designado a ele ou ainda muda a destinação de um lugar, fazendo ver um discurso onde até então só havia barulho.

Quadro 16: Família Parafrástica 6: Aprendizado

Matriz do sentido	Estruturas linguísticas que remetem à relação Parafrástica “Aprendizado”
APRENDIZADO	<p>SD 32 - [...] importante para nós aprender negociar os nossos material. Catador 2, março de 2013.</p> <p>SD 33 - Aprendemos a separar os materiais da maneira correta, ganhamos experiência e aprendemos a usar as maquinas do jeito certo. Catador 3, Catador 4, Catador 5, março de 2013.</p> <p>SD 34 - [...] sempre participei do curso Fazendo Arte e Reciclando Vidas e foi ali que eu vi que vale apena eu me dedicar mais e mais. Catador 8, março de 2013.</p> <p>SD 35 - Mas melhor foi conhecer as pessoas que nos ensinão melhorar a cada dia mais, como classificar o lixo e também tomar nosas próprias atitudes, vivendo do lixo e também convivendo com diferente classe. Catador 11, julho de 2013.</p> <p>SD 36 - [...] eu tenho mais consciência do que é o lixo, antes não tinha pensava que não era nada, do que pode fazer, que não é lixo é reciclagem. Catador 18, junho de 2014.</p>

Fonte: Elaboração da autora, grifo nosso.

Na análise individual de cada uma das SDs, temos na 32 um sujeito que expõe a importância de aprender a negociar o material que coleta, tendo em vista que, de posse desse conhecimento, terá mais autonomia e poderá participar e entender a logística do trabalho, ou

seja, o catador, mas o responsável por gerir o seu trabalho. Ao aprender a negociar o seu material, o catador quebra um ciclo de exploração que se construiu dentro da cadeia de reciclagem, na qual a figura do atravessador, já citada na materialidade desse estudo, “dita as leis” do mercado para a compra dos materiais catados.

Nesta SD, o catador assume então a posição-sujeito associado aprendente (PSAA), contraidentificando-se com a forma-sujeito universal da FDC, e, segundo Pêcheux (1995, p. 215), enunciando o discurso do “mau sujeito”, já que passa a questionar os saberes da formação discursiva em que está inscrito, pois ao contrário de quando estava na condição de lixeiro, agora está tendo a chance de aprender, aqui em específico, a negociar o material catado.

Passamos à materialidade da SD 33, na qual o catador segue assinalando a respeito do conhecimento a que está sendo exposto e, dessa forma, tem a chance de aprender. Está novamente em PSAA, já que demarca linguisticamente que aprendeu a separar o material de forma correta, ou seja, um conhecimento que mudou sua prática, que provavelmente antes não era realizada da maneira mais indicada. Esse foi um dos primeiros ensinamentos a que tiveram acesso no Profissão Catador, pois perdiam muitos materiais por julgarem ser da mesma classe de reciclagem, o que o faz dizer que tem experiência com isso, pois já integra seu trabalho há algum tempo. Também aponta que aprendeu a manusear as máquinas que estão na sede da Associação para o enfardamento e pesagem daquilo que é coletado, aparelhos que antes de entrar no Projeto não dispunha. Nesse caso, é um aprendizado diante de algo novo, tendo em vista que enquanto na condição de catadores que trabalhavam sozinhos não tinham acesso às máquinas.

Verificamos que na SD 34 o sujeito segue enunciando da PSAA, contudo não refere um aprendizado diretamente ligado ao ofício de catador, mas sobre a perspectiva de participar do curso *Fazendo Arte e Reciclando Vida*, a partir do qual desenvolveu uma outra habilidade além da catação, provavelmente ligada à questão do artesanato, pois temos o indicativo linguístico *arte* na designação do curso. O aprender na SD está ligado às capacitações que teve acesso no Projeto não somente ligadas ao trabalho, mas também relacionados à cidadania, ao meio ambiente, à comunicação, entre outros.

A materialidade da SD 35 também aponta para um sujeito que enuncia da PSAA, a partir da qual está novamente contraidentificado com a FDC. Neste enunciado, o catador marca em seu dizer a presença da equipe que o acompanha no Projeto e tem ajudado a cada dia no aprendizado em dois aspectos: *classificar o lixo e tomar nosas próprias atitudes*. É, portanto, uma mudança ligada ao trabalho e outra, à vida como um todo, desde tomar as

responsabilidades da venda do material catado, resolver os problemas na família, até mesmo no relacionamento com o próprio comércio para comprar os itens de subsistência, como roupas, comida.

Ainda na SD 35, o sujeito pontua que aprendeu a viver do *lixo*, isto é, tomou consciência que é possível trabalhar de maneira digna e honesta, mesmo que seja com o que os outros consideram lixo, mas que quando separado, torna-se subsídio para o seu empoderamento financeiro. Assim, o sentido da expressão *vivendo do lixo* não indica “aqueles alguns trocados” que ganhavam na época em que eram explorados pelos atravessadores, mas uma renda obtida a partir da negociação na condição de associado, que garante o atendimento das necessidades básicas suas e da família. Além disso, temos a marca *convivendo com diferentes classes*, enunciado que nos faz retomar aquela condição em que era visto como um animal, parte de uma massa humana de invisíveis, e que, hoje, em contrapartida, mesmo sem ter frequentado o ensino formal, mas de posse de conhecimentos que adquiriu no Projeto, sente-se habilitado a negociar com as empresas recicladoras (classe de empresários), fazer compras no comércio (classe dos comerciários) e participar de eventos para falar de sua atividade (classe dos estudantes/estudiosos/aqueles que frequentaram a escola formal), no sentido mais amplo do exercício do político, do empoderamento por meio da *logos*.

Por fim, tomamos a SD 36, na qual, assim como nas demais, o catador enuncia da PSAA. Comenta que tem mais *consciência do que é o lixo*, material *que pensava que não era nada*. Refletimos então: só toma consciência de algo alguém que aprendeu, logo, tem discernimento que sua posição precisa ser mudada em relação àquilo que pensava sobre o *lixo*, que muitos ainda enxergam como restos deixados pelos outros e que alguém tem de limpar, passando a representar uma possibilidade de ascensão a um novo mundo, oportunidade que talvez jamais teria se não tivesse ingressado no Projeto. Ainda destacamos a questão da designação em relação ao material que trabalha, já que assinala linguisticamente *não é lixo é reciclagem*. Denominação que passou a ser adotada pelo sujeito, oficialmente, pós-ingresso no Profissão Catador. A respeito da designação, trazemos as palavras de Guimarães (2002, p. 09), o qual explica que a expressão está relacionada a um nome, entretanto não enquanto algo abstrato, mas numa relação simbólica exposta ao real, tomada pela história.

Antes de passarmos ao fechamento desta FP, há outro ponto que queremos dar atenção: é o funcionamento do verbo aprender ou de enunciados parafrásticos que remetem a esse significado. Para isso, elaboramos o quadro 17:

Quadro 17: Funcionamento discursivo do verbo aprender ou enunciados referentes

Enunciado	Sequência discursiva	Funcionamento discursivo
aprender negociar	SD 32	aprender/vender/poder de decisão
Aprendemos a separar	SD 33	aprender/aperfeiçoar o trabalho
Sempre participei do curso Fazendo Arte e Reciclando Vidas	SD 34	aprender/preservar/reciclar
Pessoas que nos ensinão melhorar a cada dia mais, como classificar o lixo e também tomar nosas próprias atitudes , vivendo do lixo e também convivendo com diferente classe	SD 35	aprender/aperfeiçoar/autonomia

Fonte: Elaboração da autora, grifo nosso.

Em todas as SDs temos enunciados que apontam para o aprendizado, entretanto não do mesmo modo, pois há deslizamentos de sentido, isto é, o aprender tem funcionamentos diferentes. Na SD 32 está relacionado com conhecimentos que permitem empoderamento, no sentido de habilidade para tomar decisões na venda dos materiais; na SD 33, o aprendizado vem ao encontro do aperfeiçoamento do trabalho; na SD 34, os sentidos estão ligados à reciclagem por meio da arte, à preservação; já na SD 35, o aprender está discursivizado no sentido de aperfeiçoamento do trabalho, com a classificação dos materiais e, ainda, como aprendizado que incide na autonomia desses sujeitos.

Diante da materialidade desta FP, verificamos que a posição-sujeito associado aprendente está ligada de forma direta com o exercício do político tratado na perspectiva de Rancière (1996, p. 42). Isso porque, ao se colocar na condição de quem está aprendendo fora da escola formal, pontuada por Althusser (1992, p. 68) como um dos aparelhos ideológicos de Estado, rompe com a hegemonia desse aparelho ideológico repressivo. O aprendizado enunciado pelos catadores encaminha para uma nova vida, causando litígio, quebrando a hegemonia do capital e do aparelho ideológico escolar e apontando para a igualdade, que, conforme Rancière (1996, p. 44), é justamente o princípio da política.

Na análise da próxima FP trataremos do tema “O reconhecimento do ensino formal para a autonomia do sujeito”.

3.5.7 A língua que cala

A oportunidade de aprender, discutivizada pelo sujeito da família parafrástica anterior, mostrou-nos que, por meio do Projeto, os catadores estão conhecendo o verdadeiro sentido do

político, aquele que tem feito emergir um novo cidadão. Neste recorte, seguimos com essa linha de reflexão, contudo, discutindo sobre o imaginário dos sujeitos de nossa pesquisa a respeito da língua da escola. Para isso, reunimos duas SDs em que eles não se sentem habilitados a utilizá-la e acabam calando-se. É a ação do aparelho ideológico escolar, que, assim como os demais AIE, trabalha no reforço da divisão da sociedade e pela reprodução das relações de produção.

Dorneles (2011, p. 35-36) afirma que a escola tem sido fundamental para (de)marcar quem sabe ou não a língua materna. Dessa forma, constitui o imaginário de um não-lugar também em relação à língua, assim como muitos seguem sendo “invisíveis”, mesmo vivenciando todo o dia o urbano. A invisibilidade a que nos referimos é aquela retratada por Costa (2008) em *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*, que não trata da não presença física, mas de estar e não ser notado, não ser considerado.

Ainda segundo Dorneles (2011, p. 36), a língua tem a função de possibilitar a constituição do sujeito político catador. A autora chama atenção que quanto mais o imaginário da língua domesticada, escolarizada, interferir, mais distantes esses sujeitos estarão da politicidade, aquela que liberta pela voz e que quer igualdade. Além disso, mais difícil será o ato revolucionário de rompimento da ordem.

Passamos então a discutir cada uma das SDs da FP 7:

Quadro 18: Família Parafrástica 7: O reconhecimento do ensino formal para a autonomia do sujeito

Matriz do sentido	Estruturas linguísticas que remetem à relação parafrástica “O reconhecimento do ensino formal para a autonomia do sujeito”
O RECONHE- CIMENTO DO ENSINO FORMAL PARA A AUTONOMIA DO SUJEITO	SD 37 - [...] porque nos não temos estudo suficiente para nós aprender negociar com as indústrias. [...] é difícil para nós virarmos negociador para negociar. [...] desculpe pelas palavras erradas . Catador 2, março de 2013. SD 38 - Desculpe pelo erro eu sei pouco escrever. Catador 11, julho de 2013.

Fonte: Elaboração da autora, grifo nosso.

Na SD 37, a partir da expressão *não temos estudo suficiente*, o catador revela não se sentir habilitado a negociar com as indústrias recicladoras o material catado e delega essa impossibilidade à falta de estudo. Temos um sujeito que projeta no seu discurso o imaginário de que somente quem tem estudos, ou seja, frequentou e teve bons resultados na escola formal, pode ascender ao papel de negociador. Na enunciação, o uso do verbo *aprender* indica

que, pelo entendimento desse sujeito, o fato de não dominar os conteúdos da escola o impediria de aprender a estar frente aos empresários recicladores para comercializar o seu trabalho.

O enunciador da materialidade pressupõe uma distância grande entre o “ser catador” e “ser um negociador”, evidenciada por *vira*. Essas marcas indicam novamente uma divisão baseada no saber escolar. O imaginário que o catador tem acerca de si, como um indivíduo que não frequentou a escola, não sabe ou sabe pouco ler e escrever, o faz duvidar da sua própria capacidade de aprender ao ponto de assumir a negociação pelo seu trabalho. Em outras palavras, mesmo estando em x, condição de associado, na qual está recebendo capacitação para autogestão de seu trabalho, ainda não se desprende de y, condição que refere à sua vida antes do Projeto.

Esta SD incide ainda na imagem que o catador tem sobre a figura do negociador, ocupada pela equipe que o acompanha no Projeto⁵³, que contata as empresas do ramo da reciclagem para encontrar a que paga o melhor preço, bem como na imagem que tem sobre os empresários recicladores. Há um questionamento: “como eu, alguém que não sabe ou domina pouco a língua, posso assumir esse trabalho de negociador feito pela equipe do Projeto, que é escolarizada?”, além disso, “como eu, alguém que não sabe ou domina pouco a língua, poderei negociar de igual para igual com os empresários?”

Também nesta SD, o catador direciona seu dizer para as questões do domínio da língua, já que ao final da carta (Anexo 1 – Carta 2) pede desculpas por não saber escrever, como se estivesse cometendo “um crime” por não dominar a língua domesticada, aquela da sintaxe, da morfologia e da fonética. Novamente aqui verificamos que o aparelho escolar se mostra um forte opressor, criando um estigma que faz com que o sujeito peça desculpas por seu ato “infracionário” contra a língua, que “só pode” ser escrita e falada daquela forma padrão, a escolarizada. O imaginário do sujeito sobre língua está presente na medida em que ao escrever a carta e sabendo que ela será encaminhada à Petrobras, pois faz parte de um sistema de acompanhamento, sente-se no compromisso de “avisar” que os erros são decorrentes de seu pouco estudo, ou seja, da falta de oportunidades. Isso é reforçado pela imagem de que as pessoas que lerão a carta têm domínio da língua dita culta e, diante disso, porque julga que está ferindo-a e precisa pedir perdão. Essas pistas não levam a entender que aqui temos o retorno da posição-sujeito lixeiro (PSL), já que circulam nesta SD saberes que estão ligados à forma-sujeito universal da FDC, como, por exemplo: o analfabetismo ou semi,

⁵³ A equipe do Projeto, em sua maioria, possui grau superior completo ou está cursando. A sede, denominada Cencor, fica localizada na sede da Unicruz Centro - Av. Andrade Neves, 308 - Centro, Cruz Alta.

a exploração pelos atravessadores e a imagem de que, pelo trabalho que realiza, não pode aprender, portanto não está credenciado a gerir seus negócios.

A SD 38 apresenta uma materialidade linguística que se aproxima da anterior. Nesta, o catador se desculpa novamente pelos erros, enunciando que sabe pouco escrever e segue, desse modo, na PSL. Assinalamos a recorrência do imaginário de que para usar a língua é preciso fazê-la da forma culta, do contrário, estaria “ferindo” um patrimônio do Brasil. É esse contexto de achar que não está autorizado a usar a língua, porque não frequentou a escola, que reforça uma divisão constituída pela língua, na qual o aparelho escolar funcionaria como um guardião, levando a que o catador se cale.

Diante das SDs desta FP, verificamos que, de maneira geral, o catador construiu um imaginário a respeito de aonde podem chegar e que cargos podem assumir, as pessoas que frequentam o ensino formal e aprenderam a língua domesticada. Caso que não é o dele. Nosso entendimento é reforçado pelas palavras de Althusser (1992, p. 80), que, ao demarcar o aparelho escolar como produtor e força de exclusão, destaca que os mecanismos relacionados à ideologia da classe dominante, isto é, o regime capitalista, são acobertados pela escola, tida como neutra e desprovida de ideologia. Desse modo, a escola é uma espécie de “ator” que tem papel principal na reprodução das relações de produção, preparando indivíduos para entrarem no mercado de trabalho e seguirem a ideologia dominante.

Sobre isso, Dorneles (2011, p. 38) nos traz que a língua deveria oferecer condições para que o catador, emergente a partir da economia solidária, se constitua como sujeito político. Entendendo que, mesmo sem dominar a língua padrão, possui condições de falar, de se manifestar, assumindo a gestão de sua profissão, bem como os rumos de sua vida, será ponto importante para sua constituição enquanto sujeito político. A autora enfatiza ainda que é justamente esse aspecto que permitirá a revolução, aquela que gera o litígio, a (des)ordem abordada por Rancière (1996, p. 41), pois isso refletirá no reconhecimento de que os catadores, na condição de emergentes, novos cidadãos, têm formas organizacionais de trabalho, habilitando-os, mesmo sem dominar por completo a língua escolar, podem, sim, se fazer ouvir, deixando desse modo de serem um grupo de invisíveis que produzem apenas um barulho.

Na próxima subseção das análises voltaremos as atenções para a família parafrástica 08, na qual reunimos SDs que apontam para a insegurança de estar sozinho e ter de tomar suas próprias decisões.

3.5.8 Tenho medo de “caminhar” sozinho

Desde que foi implantado o Profissão Catador: entre o viver e sobreviver do lixo na cidade de Cruz Alta, os catadores que integram as associações participam de diferentes atividades de formação, tanto relacionadas ao trabalho quanto à cidadania, sempre com a presença e o acompanhamento direto da equipe do Projeto. A negociação dos materiais também é intermediada. Contudo, como já explicito nos objetivos do Profissão Catador, aos poucos, os catadores devem assumir esses processos de gestão e conduzir as associações, passando, assim, a “caminhar com suas próprias pernas”.

Essa perspectiva que se desenha do novo pelo (des)acompanhamento da equipe gestora os deixa inseguros, com medo de fracassar e retornar à realidade que viviam antes. A condição de insegurança os faz, inclusive em algumas oportunidades, duvidar de seus potenciais e, de certa forma, esquecerem todas as vitórias que tiveram até o momento, pois não nos custa lembrar que da condição de catadores sozinhos, explorados e (des)acreditados de si e pela sociedade, hoje, mesmo que alguns de maneira ainda tímida, estão deixando de ser corpos flutuantes, como refere Rancière (1996, p. 103), para tomarem seu espaço no mundo da consideração e da deferência.

É diante desse universo temático que reunimos duas SDs, as quais passaremos a discutir.

Quadro 19: Família Parafrástica 8: Insegurança/medo de assumir responsabilidades

Matriz do sentido	Estruturas linguísticas que remetem à relação parafrástica “Insegurança/medo de assumir responsabilidades”
INSEGURANÇA/MEDO DE ASSUMIR RESPONSABILIDADES	<p>SD 39 - [...] para quando nos ficar sozinho o projeto e a petrobras nos deixar vai ser dificio [...] mas eu peso paciencia com nos para petrobras e a unicruz. Catador 2, março 2013.)</p> <p>SD 40 - A Petrobras é o melhor projeto que aconteceu para nós. Esperamo que não abandone nós catadores. Catador 11, julho de 2013.</p>

Fonte: Elaboração da autora, grifo nosso.

Acompanhamos que a SD 39 tem marcada no linguístico por ser continuidade da carta a que nos referimos na SD 37 da subseção 3.5.7. Desse modo, a partir do momento em que assinala a dificuldade de passar de catador para negociador, a qual já discutimos, pede que a

Petrobras e a Unicruz, mantenedora e executora do Projeto, respectivamente, tenham paciência com o grupo de catadores. A enunciação nos permite perceber que o sujeito ainda não se considera preparado para ficar sozinho e que está sendo difícil essa mudança, já que mais do que modificações na prática, os catadores terão de aceitar e assumir a nova vida e todas as responsabilidades que se mostram com ela. Propomos então que, neste dizer, o catador assume posição-sujeito subautônomo (PSSA). Ele caminha para a autonomia, contudo ainda demonstra medo de estar sozinho e de fracassar.

A mesma discursivização temos da SD 40, na qual o catador também está em PSSA, aponta linguisticamente que a Petrobras, ou seja, o Projeto mudou a sua vida, entretanto não se sente autossuficiente para gerir o seu trabalho, mesmo tendo sido capacitado para isso. Também assinala no dizer que espera que o Projeto não abandone os catadores, justamente porque se sentem dependentes da presença da equipe do Profissão Catador para tomar suas decisões. Na materialidade temos o uso de *nós*⁵⁴, que neste caso é inclusivo, no sentido de não abandonar nós, os catadores.

Assim, na FP 08 verificamos que, apesar de todo o percurso dos catadores dentro do Profissão Catador: entre o viver e sobreviver do lixo, há ainda um passado que fala no imaginário desses sujeitos. O medo e a insegurança de “caminhar” sozinhos, sem a presença diária da equipe do Projeto, auxiliando nas decisões, não é somente aquele que normalmente nos aparece quando nos deparamos com algo novo, é, sobretudo, um medo de fracassar, de concorrer à possibilidade de retornar à vida de explorado e discriminado que tinha antes da Associação, quando era comparado com um *animal mexendo no lixo* e fazia parte de uma massa flutuante, invisível diante da sociedade urbana. De certa forma, tomando as discussões sobre a língua que fizemos nas subseções 3.5.6 e 3.5.7, é o temor de fracassar uma segunda vez, já que enquanto usuários da língua escolar isso já aconteceu.

3.5.9 O institucional no discurso do catador

Um dos desafios do projeto Profissão Catador: entre o viver e sobreviver do lixo, em sua fase de implantação (2011), foi a mobilização dos catadores para participarem da iniciativa, indo ao encontro das associações. Isso porque a maioria deles tinha certa resistência em aceitar o novo, já que sempre realizaram seu trabalho sozinhos e, naturalmente, o ingresso

⁵⁴ Conforme Indursky (1997, p. 75) o nós pode ser inclusivo ou exclusivo, representando um grupo não nomeado, indeterminado, e que pode indiciar referentes diversos.

no Projeto implicaria adotar algumas atitudes diferenciadas, bem como trabalhar num sistema associativo. Aos poucos o processo foi sendo articulado e eles começaram a presenciar que as primeiras mudanças adotadas já estavam trazendo resultados ao seu trabalho.

Desde que o Projeto iniciou, o contato com a equipe de monitores do Profissão Catador foi diário. Eles acompanham todo o trabalho realizado nos galpões, orientando o uso dos equipamentos de proteção individuais, a separação correta dos tipos de materiais, o enfardamento, a pesagem, a negociação e a logística para a entrega às empresas recicladoras.

Dessa forma, por intermédio dos monitores, as duas instituições, Petrobras e Unicruz, estão sempre presentes no dia a dia das associações e lembradas quando os sujeitos são convidados a falar sobre o Projeto. Levando em conta essa temática – a presença institucional no discurso dos catadores –, organizamos as SDs da família parafrástica 9, as quais passaremos discutir nesta subseção.

Quadro 20: Família Parafrástica 9: A presença da Petrobrás e da Unicruz

Matriz do sentido	Estruturas linguísticas que remetem à relação parafrástica “A presença da Petrobrás e da Unicruz”
A PRESENÇA PETROBRAS E DA UNICRUZ	<p>SD 41 - [...] temos também duas assistentes sociais, dois monitores que nos auxiliam em tudo que agente precisa. Catador 3, março de 2013.</p> <p>SD 42 - Foi 3 mês de cem% de trabalho que a nossa equipe de trabalhadores da Unicruz que são a Lídia, Luciana e Mario e Ana. Nos ajuda arrumar firmas para doar materiais para o nosso galpão e depois que se realizou a nossa platicinadora petebraz. Em nome de nossa equipe de trabalho Petrobras nos agradecemos por ter acreditado em nosso trabalho. Catador 9, março de 2013.</p> <p>SD 43 - A Petrobras é o melhor projeto que aconteceu para nós. Catador 11, julho de 2013.</p> <p>SD 44 - Muito obrigado Unicruz e Petrobras por apoiar e nos ensinar, sem você nós não seria reconhecidos, hoje como somos. Catador 12, julho de 2013.</p>

Fonte: Elaboração da autora, grifo nosso.

O sujeito da SD 41 pontua, no linguístico, o acompanhamento da equipe do Projeto, que relataremos posteriormente. Marca a presença institucional por meio do emprego de *duas assistentes sociais e dois monitores*. Apesar de não enunciar um agradecimento formal, na materialidade, entendemos que o fato de dizer *que nos auxiliam em tudo que agente precisa* se apresenta como uma forma de agradecer o trabalho dos assistentes sociais e dos monitores. Ao agradecer, o sujeito se movimenta entre a posição-sujeito leveiro (PSL) e a posição-sujeito

associado (PSA), já que poucas pessoas davam atenção ao seu trabalho, tampouco acompanhavam ou ouviam seus anseios, pois representava apenas um murmúrio.

Na mesma SD há o emprego de *temos também*, podemos vislumbrar aqui a possibilidade da existência de outras contribuições das instituições. Ao dizer *que nos auxiliam em tudo que agente precisa*, nos perguntamos, o que seria este tudo? Por um lado, é o reconhecimento, o agradecimento; por outro, a dependência em relação às instituições, ou seja, sem o trabalho e a presença dessas, o funcionamento da rotina poderia ser outro.

Apesar de não receber direitos sociais, salários, fundo de garantia e estar trabalhando no que, no ponto de vista de Augé (2005, p. 88), é um não-lugar, o catador pertence ao urbano. Como associado, é reconhecido enquanto trabalhador urbano, contudo, como referimos, continua na informalidade, porque não tem garantia de seus direitos, ou seja, está e não está ao mesmo tempo. Há, então, uma contradição, um deslizamento não só da posição-sujeito no discurso, mas também do lugar de pertencimento, que aponta para as práticas dentro de uma dada formação social. A respeito disso, Pêcheux (1995, p. 213-214) ressalta que toda a prática é discursivizada e demanda um sujeito, bem como todo discurso aponta para uma prática. O autor afirma ainda que a prática discursiva se inscreve no complexo contraditório-desigual-sobredeterminado das formações discursivas, dentro de uma instância ideológica em condições históricas dadas.

Na SD 42, temos novamente um catador que se mostra agradecido à Petrobras e à Unicruz, inclusive nominando quem são os monitores na associação diariamente: *a Lídia, Luciana e Mario e Ana*. A menção aos nomes não só pode ser lida/entendida como uma relação de proximidade construída, como também significa a necessidade de referência dentro da associação, como há em qualquer empresa. Expressões como *nossa equipe, nos ajuda, nosso galpão, nosso trabalho* encaminham para o engajamento, para o pertencimento a um grupo de trabalho. E ainda ressoam saberes de união entre grupos de associados, cooperados.

O emprego de *em nome de nossa equipe* leva a entender que esse catador já não está mais em PSA, mas assume a posição-sujeito líder (PSLD), pois se enuncia como um porta-voz dos demais. A partir da PSLD sente-se autorizado a falar em nome do grupo, agradecer às instituições, a Petrobras, por terem *acreditado no trabalho*.

Regularidades como *nossa* e *nosso*, pronomes possessivos indicativos da primeira pessoa do plural, são utilizadas em quatro ocasiões, porém com funcionamento discursivo diferentes, conforme podemos observar no quadro.

Quadro 21: Funcionamento discursivo de nossa/nosso

Dêitico	Enunciados referentes	Funcionamento discursivo
nossa	nossa equipe de trabalhadores da Unicruz	indica engajamento e pertencimento ao grupo da Unicruz;
nosso	nosso galpão	expressa saberes de coletividade e espírito de união entre os associados;
nossa	nossa patrocinadora petebraz	engajamento e pertencimento ao Projeto que tem como patrocinadora a Petrobras;
nossa	em nome de nossa equipe de trabalho Petrobras nos agradecemos	indica engajamento e pertencimento à equipe do Projeto, que é patrocinado pela Petrobras.
nosso	por ter acreditado em nosso trabalho	expressa saberes de coletividade e espírito de união entre os associados;

Fonte: Elaboração da autora, grifo nosso.

Diante do quadro, verificamos que o uso desses pronomes possessivos ora aponta para a união dos catadores, enquanto grupo de trabalho, ressoando saberes de coletividade, ora aponta para o funcionamento relativo ao engajamento e pertencimento dos catadores em relação às instituições Unicruz e Petrobras. Assim, a única similaridade que se apresenta é de que em todas as oportunidades o pronome representa empoderamento, no sentido de pertencer ou fazer parte do catador em relação a algo.

Passamos à SD 43, na qual o sujeito se identifica com o institucional, mesmo sem enunciar um agradecimento ao dizer que a *Petrobras é o melhor projeto que aconteceu para nós*, ou seja, para os catadores indica uma forma de reconhecimento da importância dessa iniciativa. No enunciado, a instituição *Petrobras* está sendo utilizada como indicativo do Projeto, apontada como o *melhor* que poderia ter acontecido com esses sujeitos. Há, no entanto, a possibilidade de pensar o efeito imaginário, uma vez que, por ter de responder a uma pergunta sobre o institucional, o sujeito pode falar aquilo que imagina que o outro esteja esperando que ele fale, conforme já mostrou Pêcheux. Dessa forma, não podemos ficar “presos” ao linguístico, ao campo do texto, pois os sentidos não são transparentes, apresentam-se através do funcionamento do discurso. O discurso outro pode justamente estar aí, uma vez que possivelmente a Unicruz, por meio da equipe de monitores nos momentos de capacitação oferecidos aos catadores, deve ter explicitado que o Projeto só está acontecendo pelo subsídio da Petrobras, que também aposta e investe neles.

Na SD 44, o catador também expressa sua gratidão à Unicruz e à Petrobras pelo apoio e pelos ensinamentos. O emprego de *apoiar* aponta para o sentido de acreditar no trabalho e

na potencialidade desses sujeitos, que até então encontravam-se numa situação de certo abandono, sem muitas perspectivas quanto ao trabalho e à vida de modo geral. Já o emprego de *ensinar* indica o aprendizado, talvez não o relativo à língua que tiveram que interromper quando deixaram a escola, mas são conhecimentos que estão fazendo a diferença no dia a dia dos catadores. Um conhecimento que não está servindo para reforçar as diferenças como temos no aparelho ideológico escolar, mas que está atuando no sentido de busca de igualdade.

Nessa materialidade, temos também a expressão *sem vocês não seria reconhecidos como somos hoje*, a partir da qual propomos duas reflexões ligadas à questão de projeções do imaginário: uma, o extremo reconhecimento dos catadores de que sozinhos, eles por eles, jamais teriam chegado onde estão hoje. A enunciação, então, pode indicar certo “desacreditar” quanto às suas capacidades. A outra, o enunciado aponta, inclusive com o emprego da própria palavra *reconhecidos*, para o que parecia distante deles, já que até há bem pouco tempo eram chamados e comparados a animais e muitas vezes enxotados pela comunidade urbana enquanto buscavam entre os resíduos depositados na rua os materiais recicláveis, e que agora é uma realidade. Para ilustrar o imaginário do sujeito nesse enunciado, criamos duas representações: uma apresenta como o sujeito ainda se sente na condição de lixeiro sem a presença institucional:

Figura 2: Projeção que o sujeito faz de si sem as Instituições

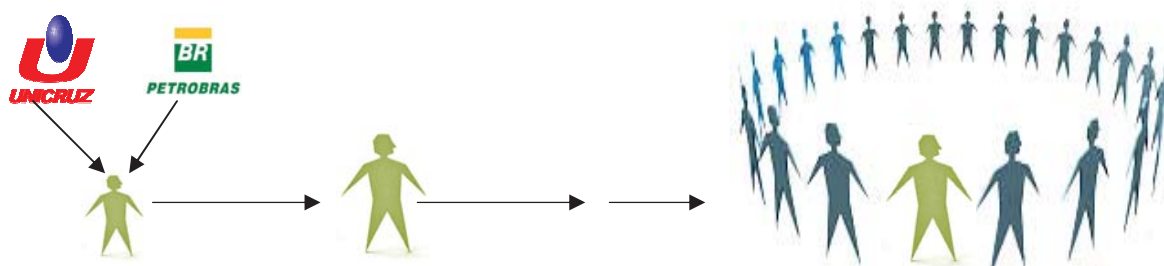


Fonte: Elaboração da autora.

Na Figura 2, o sujeito está sozinho, distante, sente-se diminuído perante a sociedade urbana, projetando-se como alguém que não é parte da cidade onde vive. Apesar de estar sempre no urbano, diariamente trabalhando, inclusive para manter a organização desse espaço e cuidando do meio ambiente, não tem um sentimento de pertença nesse espaço.

A Figura 2 ilustra como o sujeito passa a se projetar no imaginário a partir da chegada das duas instituições.

Figura 3: Projeção que o sujeito faz de si com as Instituições



Fonte: Elaboração da autora.

A ilustração 3 apresenta a projeção do sujeito com a presença da Unicruz e da Petrobras. A partir das duas instituições sente-se considerado pela sociedade e passa se ver parte dessa.

Verificamos então nesta FP que os nomes Petrobras e Unicruz foram essenciais, no sentido de garantir o deferimento e o direito à consideração aos catadores pela comunidade urbana, isto é, o reconhecimento, como dito por eles. Precisamos considerar que não se trata de quaisquer instituições, pois, de um lado, temos a mais importante empresa brasileira que atua nas áreas de exploração, produção, refino e comercialização de petróleo, e que opera em 25 países; de outro, a única universidade fundada e sediada na cidade de Cruz Alta que tem tradição e respeito como polo local e regional de ensino superior. Nesse sentido, a credibilidade e a tradição, arraigadas aos nomes das duas instituições, interferem tanto na aceitação do Projeto como na consideração dos catadores. Podemos dizer ainda que, antes de qualquer mudança no imaginário da sociedade urbana a respeito desses sujeitos, o primeiro olhar de consideração/deferimento veio das instituições.

Diante disso, trazemos Haroche (2005, p. 119-138), que afirma que a deferência está ligada aos sentimentos de prestígio, respeito, renome, glória e dignidade. Do mesmo modo a autora (2008, p. 76) ressalta que a consideração tem a ver com a necessidade que o homem tem de ser olhado para ser visto. Assim entendemos que tanto a deferência como a consideração são constitutivas do “eu” dos catadores, que a partir do momento em que passam a se sentir reconhecidos pelo prestígio da Petrobras e da Unicruz mudam também as projeções de si no imaginário e, conseqüentemente, nos seus discursos.

Na subseção 3.5.10 analisaremos a descrição dos processos de reciclagem no dizer dos catadores.

3.5.10 Constituição de sentidos no processo da reciclagem

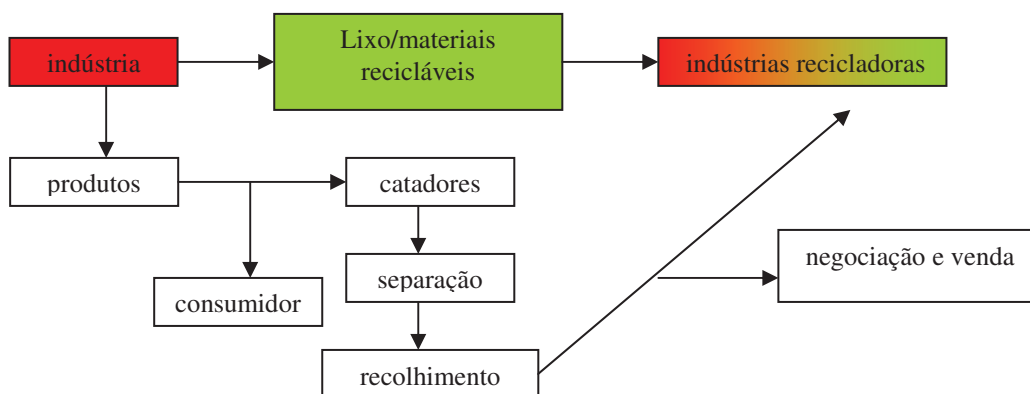
O desenvolvimento sustentável⁵⁵ e a sustentabilidade⁵⁶ têm integrado as discussões em torno do tema meio ambiente na contemporaneidade. Historicamente, o debate sobre a crise ambiental, que tem feito com que o ser humano venha se mobilizando no sentido de propor alternativas para que o desenvolvimento da humanidade prossiga, contudo sem agredir ao ambiente, teve sua origem na Conferência de Estocolmo, realizada em 1972.

Desde então, esses termos não têm feito parte apenas de discursos de governantes e de representantes de entidades ambientalistas, mas também, de modo bastante especial, de das políticas de responsabilidade social de empresas que usam os recursos naturais em seus processos produtivos. Uma boa parte da sociedade também já tem entendimento de que todos os seres humanos precisam dar sua parcela de contribuição para a preservação do meio ambiente.

Nesse contexto, a reciclagem tem se mostrado uma ação importante, pois, segundo Pinhel (2013, p. 23-24), envolve a reintrodução dos materiais recicláveis nos processos produtivos, os quais passam a servir de insumos para a produção de novos produtos. Em outras palavras, é dar uma “segunda vida” aos materiais que retornam no nosso dia a dia.

Para ilustrar o processo de reciclagem trazemos a seguinte figura:

Figura 4: Processo de consumo e reciclagem



Fonte: Adaptado de Magalhães (2012, p. 46).

⁵⁵ Leff (2001, p. 66) afirma que o desenvolvimento sustentável não se limita a tornar compatíveis a conservação e o desenvolvimento, mas, sim, leva a pensar um desenvolvimento alternativo que integre a natureza e a cultura como forças produtivas.

⁵⁶ Segundo Loures (2009, p. 60), a noção de sustentabilidade vem sendo usada como ponto de partida para a construção de um novo modelo de sociedade, capaz de garantir a sobrevivência dos seres humanos e da natureza. Assim, o termo está ligado à questão ambiental, mas não se resume a ela, também está relacionado à cultura, à sociedade e ao próprio ser humano.

A partir dessa releitura de Magalhães (2012, p. 46), temos então a logística do processo de reciclagem, que, segundo Pinhel (2013, p. 23-24), implica cinco elos: o primeiro está relacionado à dispensa do material produzido pelos seres humanos; o segundo é a coleta seletiva, ou seja, o recolhimento nos locais onde foram encontrados, para que o terceiro elo aconteça, a triagem, separação, prensagem e enfardamento dos resíduos; o quarto elo envolve as operações de beneficiamento nas empresas recicladoras; o quinto e último é a reciclagem propriamente dita, ou seja, a transformação do material em outro.

Conforme o autor, o catador está presente em três dos cinco elos descritos. Temos o trabalho dos sujeitos de nossa pesquisa no recolhimento, no transporte dos resíduos até as associações para depois a separação e no enfardamento dos materiais. Nesse sentido, reunimos nesta família parafrástica duas sequências discursivas em que presenciamos a descrição do processo de reciclagem no dizer dos catadores.

Quadro 22: Família Parafrástica 10: Capacitação para a reciclagem

Matriz do sentido	Estruturas linguísticas que remetem à relação parafrástica “Capacitação para a reciclagem”
CAPACITAÇÃO PARA A RECICLAGEM	<p>SD 45 - O trabalho dentro do galpão é muito bom. O processo começa com a chegada do material, depois os catadores começa a triagem e o processo de enfardamento. Depois de feito o fardo, é pesado e colocado no lugar dos fardos quando chega o dia da venda, é carregado os fardos no caminhão e levado para o comprador. Catador 3, Catador 4, Catador 5, março de 2013.</p> <p>SD 46- [...] nos catamos, trazemos para o galpão. Cada um faz os seus fardos, pesagem. Colocamos as iniciais do primeiro nome para não aver erro na viagem. Catador 12, julho de 2013.</p>

Fonte: Elaboração da autora, grifo nosso.

Na SD 45 temos as regularidades *começa com a chegada, depois [...] começa a triagem e o processo de enfardamento, depois de feito o fardo, é pesado*, as quais justamente descrevem os processos elencados na cadeia de reciclagem. Notadamente o catador sabe passo a passo como deve realizar o trabalho, atitudes que passaram a ser melhoradas e algumas até adotadas a partir do ingresso no Profissão Catador. Isso porque entre as atividades de capacitação que tiveram a oportunidade de participar, aprenderam, por exemplo, que os plásticos não são todos iguais⁵⁷ (copos plásticos – os que podem ser reciclados – são diferentes das garrafas *pets* e de outras embalagens plásticas; papel de revista é diferente de

⁵⁷ Explicações repassadas pelos próprios catadores durante as entrevistas.

papelão e de outras embalagens de papel) e a separação errada diminui o rendimento na hora da negociação.

Há diante desses enunciados nesta SD um imbricamento de dois discursos. Fundem-se o discurso do sujeito produtor, que segue um sistema, uma engrenagem própria da rotina da fábrica, de produção, de empresa, e o sujeito que recicla, separa, organiza para um aproveitamento maior da matéria-prima, ou da reciclagem. Então podemos dizer que ao repercutir o sistema produtivo no qual cada um é representativo de uma engrenagem, sistema criticado por Marx (1996a, p. 11), há um distanciamento da posição-sujeito reciclador (PSR) e maior aproximação com o sistema empresarial, o capital.

Esse cruzamento discursivo verificado nesta sequência discursiva incide no que Indursky (2000, p. 16) denominou de “fragmentação da forma-sujeito”. A autora ressalta que a ideologia não é idêntica a si mesma e, pelos mesmos motivos, a formação discursiva também é ao mesmo tempo idêntica e dividida. Em outras palavras, a FD não é algo fechado, por isso, seu domínio do saber pode ser invadido/perpassado por saberes que vêm de outras FDs, de outra forma-sujeito e de outras posições-sujeito. E ainda, se a FD é dividida, a forma-sujeito também pode abrigar a diferença, isto é, a ambiguidade, não sendo espaço apenas de uma PS, mas podendo dividir-se em número maior de posições. Desse modo, a heterogeneidade a que nos referimos não é apenas em relação à FDC, mas à FS da PSR.

Ainda nesta SD há marcas que apontam para os demais elos da cadeia de reciclagem, como o enunciado *quando chega o dia da venda, é carregado os fardos no caminhão e levado para o comprador*. Cabe lembrar que antes do Projeto os catadores não tinham a chance de acompanhar esse processo que foi discursivizado, já que muitas vezes acabavam vendendo na rua o material catado, assim não visualizavam a logística de seu trabalho.

Na SD 46 também temos regularidades que indicam para os elos da reciclagem. São eles: *catamos, trazemos para o galpão, faz os [...] fardos, pesagem*. Aqui novamente o catador descreve como trabalha diariamente, o que leva a compreender que assume PSR da mesma forma que na sequência anterior. Na materialidade enuncia que para não acontecer problemas de identificação com os fardos dos demais associados são colocadas as *iniciais do primeiro nome para não aver erro na viagem*. Sobre essa situação precisamos ressaltar que os materiais catados são vendidos individualmente, ou seja, cada um recebe por aquilo que catou. As divisões acontecem quando há doações ou no caso de o grupo participar de eventos, como, por exemplo, o Carnaval de Rua ou a Coxilha Nativista⁵⁸.

⁵⁸ Dois tradicionais eventos de Cruz Alta em que os catadores participaram realizando a catação, principalmente de latas das bebidas. Informações estão disponíveis em: <<http://www.unicruz.edu.br/projeto-profissao-catador->

Desse modo, o discurso dos catadores nessas duas SDs indica que eles têm consciência de como o trabalho deve ser realizado, principalmente em relação às questões de separação dos materiais que catam. Contudo, isso não foi sempre assim, muitas de suas práticas mudaram a partir daquilo que aprenderam no Projeto. Nesse ponto trazemos reflexões sobre as questões ligadas ao aprender, retomando as discussões que fizemos em seções anteriores, como em 3.5.6 e 3.5.7.

O fato de ter aprendido como devem ser separados corretamente os materiais, garantindo mais ganho, e, assim, uma renda maior, remete-nos a Rancière (1996, p. 42). Pois temos aí uma quebra, um litígio na ideologia dominante do capital pela qual os catadores deveriam seguir desconhecendo os processos que poderiam valorizar seu trabalho, como a separação correta e, dessa forma, ganhando menos. Isso significa que mesmo não tendo sucesso na escola formal, ou seja, não dominando a língua da escola, marginalizados pelo aparelho ideológico escolar, conseguiram aprender outras coisas que estão lhes sendo preciosas para a vida, tanto no sentido de empoderamento financeiro como pessoal.

Precisamos ainda fazer mais uma reflexão, esta ligada à questão de que ao estar de posse dos catadores o “lixo” deixa de ser descarte e, ao passar pelo processo de reciclagem, ganha atributos de mercadoria: se levarmos em conta a definição proposta por Marx (1996b, p. 176) para mercadoria, que, de acordo com ele, precisa ter valor de uso e de troca, verificamos que a partir da utilidade adquirida pelos materiais recicláveis após serem conduzidos à cadeia de reciclagem pelos catadores, faz com que passem a ser origem de novos produtos, atribuindo a eles o *status* de mercadoria. Em outras palavras, recuperando o ponto de vista marxista, as coisas são ditas mercadorias por sua duplicidade, isto é, ao mesmo tempo úteis e veículos de valor. Assim, podemos dizer que o “lixo”, ao ganhar novo destino pelas mãos dos catadores, que o conduzem para a reciclagem, passa por um processo de ressignificação, deixando de ser algo inútil e produto de descarte para se tornar algo útil e com valor, o que permite que possamos dizer que esse processo de (re)aproveitamento também é perpassado por saberes capitalistas.

Na próxima subseção 3.5.11 dedicaremos atenção a um recorte em que foram reunidas SDs em torno do tema “União como potencial de força da categoria”.

3.5.11 União, poder de decisão e legitimação

Como trouxemos na seção 1.4 desta dissertação, na atualidade, uma das alternativas encontradas de trazer novas perspectivas aos catadores, unido-os, é a organização de cooperativas e associações, inclusive essa ideia é fortalecida na Política Nacional de Resíduos Sólidos. Também abordamos, na referida seção, que esse sistema tem embriões nas correntes de esquerda, consolidadas no século XIX, na Europa, ligadas principalmente aos saberes socialistas, marxistas e anarquistas, que tinham como princípios em comum a transformação social a partir de mudanças e reconfigurações no trabalho e entre os trabalhadores.

Segundo Rego e Moreira (2013, p. 63), há ideias cooperativistas no socialismo utópico a partir de Robert Owen e Charles Fourier, no socialismo marxista de Karl Marx, Rosa de Luxemburgo e Karl Kautsky, e nas discussões dos primeiros anarquistas como Proudhon, Elisée Reclus e Piotr Kropotkin.

Já no *Manifesto comunista* de Marx e Engels (2003, p. 20), no relato da luta da classe operária contra a burguesia, há um apontamento dos autores quanto à busca de melhores condições salariais a partir de associações que não tiveram êxito imediato, mas que incidiram na união dos trabalhadores. Já entre os anarquistas, de acordo com Martins (2000, p. 16), as resoluções do Primeiro Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores foram tidas como berço desses saberes. O documento elaborado no evento trouxe em sua redação o movimento cooperativo como uma das forças que poderia atuar na transformação social, aproximando os trabalhadores de aspectos como a liberdade e a igualdade.

Conforme Schons (2006, p. 106-107), entre os mais importantes princípios anarquistas estão a solidariedade, que serviu como base para a organização dos operários em ligas, associações e confederações, e a autogestão, a partir da qual o trabalhador é socioprodutor e gerencia, de forma organizada, seu próprio trabalho. Na proposta anarquista, a organização dos trabalhadores também propõe a formação política, a partir da qual passam a entender a palavra como possibilidade do manifesto, como inicialmente trabalhou Aristóteles e posteriormente Rancière.

Dessa maneira, entendemos que a forma como estão organizados nossos sujeitos da pesquisa, a partir de associações, tem raiz anarquista. Isso porque, mais do que espaços de capacitação para o trabalho, nesses locais a democracia tem evidência, aspecto que garante oportunidade de vez e voz às minorias que passam a contar com um lugar onde sua individualidade é ouvida.

Com base nessas reflexões, organizamos a família parafrástica 11, na qual unimos as SDs onde observamos que o sujeito catador faz referência aos princípios de associação, enunciado como um associado.

Quadro 23: Família Parafrástica 11: União como potencial de força da categoria

Matriz do sentido	Estruturas linguísticas que remetem à relação parafrástica “União como potencial de força da categoria”
UNIÃO COMO POTENCIAL DE FORÇA DA CATEGORIA	<p>SD 47 - É um trabalho sacrificoso, mas é importante e nos torna mais unidos [...]. Dividimos as tarefa, e cada um sabe o que fazer para o bom andamento do galpão. Cumprimos horário, e sempre sentamos para conversar quando aparece algum problema Interno, e votamos para decidir qual a melhor maneira de resolver. Catador 3, Catador 4, Catador 5, março de 2013.</p> <p>SD 48 - O Projeto Profissão Catador nos beneficiou muito pois podemos comprar o nosso sonhado caminhão e com ele melhorar um pouco mais nostra renda e a nostra sede onde é feita as negociações Catador 7, março de 2013.</p> <p>SD 49 - Vai dois representante dos galpões para acompanhar tudo o que acontecê na viagem a nova pesagem o pagamento da Empresa para os responsável que foram junto. Antes tratemos com a empresa que vai compra os materiais coletivo os preços/ nós as quatro associação se reunimo para ver o melhor preço, pesquisamo a onde pagam mais para mandarmos os material reciclável. [...] Vamos nos unir as Associação para trocamos ideias e trabalhar cada vez mais porque sem união não vamos a lugar nenhum. Catador 12, julho de 2013.</p> <p>SD 50 - [...] agora nós tamo aqui trabalhando junto [...]. Catador 17, junho de 2013.</p>

Fonte: Elaboração da autora, grifo nosso.

Verificamos na SD 47 regularidades como *unidos, cada um sabe o que fazer, bom andamento, cumprimos horário, sentamos para conversar, votamos, decidir, melhor maneira e resolver*. Essas marcas apontam para a coletividade, para a tomada de decisão com base na opinião dos associados, inclusive na resolução de eventuais problemas. Nessas expressões temos implícitos os princípios anarquistas de solidariedade e de autogestão. O coletivo também se apresenta pelo pronome *nós* como representativo de um “eu” plural. O sentido de grupo, de união, ainda é manifestado pela desinência verbal em *dividimos, cumprimos, sentamos e votamos*. O emprego dessas expressões ressoa na frase máxima do *Manifesto Comunista* “Proletários de todos os países, uni-vos!” (MARX; ENGELS; 2003, p. 59).

Diante dessas marcas o sujeito do discurso está então em posição de associado (PSA), ilustrando a fala daquele que Pêcheux (1995, p. 215) chama de “mau sujeito”. Está

contraidentificado com a forma-sujeito universal da FDC, que remete à condição de lixeiro, de discriminado e de explorado, na qual não há espaço para saberes da coletividade, tampouco para a formação política a qual está expressa em *sentamos para conversar quando aparece algum problema interno, e votamos para decidir qual a melhor maneira de resolver*, num indicativo de democracia e de percepção em relação à associação enquanto espaço onde a opinião de todos tem o mesmo valor. O cenário, então, se mostra bastante diferente da situação em que vivia quando sua voz representava apenas um barulho.

Na SD 48 temos um catador que novamente enuncia em PSA. Os índices de coletividade são expressos pelo pronome *nós*, que aponta para o plural de “eu”. Outro indicativo de grupo está no emprego de *podemos*, cuja desinência verbal também aponta para o *nós*. Além disso, o sentimento de pertencimento é evidenciado a partir do uso dos pronomes possessivos *nosso* e *nossa*, os quais têm referentes e funcionamentos diferentes, conforme podemos observar no Quadro 21:

Quadro 24: Funcionamento discursivo de *nossa/nosso*

Dêitico	Enunciados referentes	Presença institucional
Nosso	nosso sonhado caminhão	sentimento de pertencimento, de união, autogestão e de coletividade;
Nossa	nossa renda	melhoria da renda dos catadores, no sentido de ganho material e profissional;
Nossa	nossa sede onde é feita as negociações	sentimento de pertencimento, de união, autogestão e de coletividade;

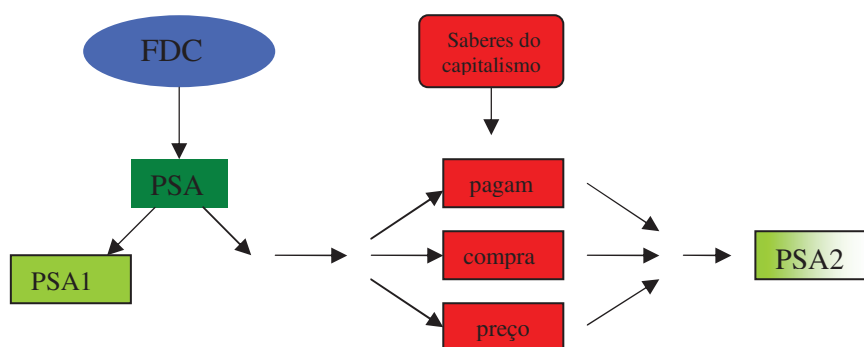
Fonte: Elaboração da autora, grifo *nosso*.

De maneira geral, observamos que o uso desses pronomes é indício de coletividade, porém, como já havíamos referido, com funcionamentos discursivos diferentes. *Nosso* funciona no sentido de autogestão, de união. Já *nossa*, na primeira oportunidade, se refere à renda dos catadores, cuja discursividade aponta para os ganhos materiais e profissionais. O emprego do segundo pronome *nossa*, assim como *nosso*, remete ao sentimento de pertencimento, de união entre os catadores, de espírito de equipe.

O sujeito da SD 49 marca linguisticamente como é o trabalho dentro da associação, tanto em relação à negociação dos materiais, que também está relacionada a saberes capitalistas, como na resolução de problemas internos, que expressa o coletivo. Esse contexto de enunciação remete a um sujeito que está em posição de associado (PSA). Contudo, uma observação precisa ser assinalada em relação à materialidade: em PSA ora o sujeito está mais, ora menos identificado com essa posição, isto é, movimenta-se. Isso justamente porque, como

já dissemos, não são apenas saberes ligados à coletividade e à união que circulam nesse discurso, no qual temos regularidades como *representante*, *materiais coletivo*, *unir*, *associação*, *trocamos ideias*, *sem união não vamos a lugar nenhum*, há também marcas que se referem ao capital, à renda, como *empresa*, *compra*, *preço* e *pagam*. Para ilustrar essa movimentação do sujeito propomos a seguinte figura:

Figura 5: Movimentação do sujeito na PSA na SD 49



Fonte: Elaboração da autora.

Na ilustração, a PSA1 representa a posição-sujeito associado 1, aquela que está mais identificada com a PSA, pois ele enuncia a partir de saberes ligados à coletividade, à associação, à solidariedade. Em PSA2 o sujeito segue enunciado na condição de associado; contudo, a presença de marcadores linguísticos, como *pagam*, *preço* e *compra*, apontam para a circulação de saberes capitalistas e acabam distanciando o sujeito da identificação com a PSA. Esse fato não é de todo modo inesperado, tendo em vista que, quando é objeto da ação do catador, o lixo passa a ter *status* de mercadoria.

Podemos retomar nesse ponto as considerações de Indursky (2000, p. 16) quanto à fragmentação da forma-sujeito de uma determinada posição-sujeito, o que quer dizer que, assim como qualquer FD vista como porosa, não tem fronteiras cristalizadas, portanto, é espaço de heterogeneidade, a FS também pode ser dividida, fragmentando-se conforme os saberes que a atravessam.

Ainda nessa SD temos mais regularidades que podem ser destacadas, as quais seguem apontando para as questões de coletividade. Entre essas marcas está o pronome *nós* (os catadores das quatro associações), que implicitamente convoca outros catadores para a

constituição do discurso. Além disso, há desinências verbais em *reunimo, pesquisamo e trocamos*, as quais são indicativas de uma representatividade alicerçada no plural.

Outro aspecto que presenciamos nessa FP é o princípio anarquista de autogestão, a partir do qual, de acordo com Schons (2006, p. 106-107), o trabalhador é socioprodutor e gerencia de forma organizada seu próprio trabalho; mais especificamente, manifestado no momento em que o sujeito descreve a sua participação dentro da associação não como um observador, mas ativamente no processo de negociação (*tratemo*) e de entrega dos materiais junto às empresas recicladoras (*vai dois representante, viagem, empresa*).

Por fim, tomamos a SD 50, na qual o emprego do advérbio de modo *junto* nos remete novamente a um sujeito que assume a PSA. Dizemos isto tendo em vista que estar *junto* significa não estar só. Do mesmo modo, quem está *junto*, está unido a algo ou a alguém. Temos então o indício de coletividade, saber na formação discursiva anarquista. A sequência discursiva ainda tem índices de temporalidade e espacialidade expressos por *agora* e *aqui*, a partir dos quais podemos verificar a existência de um passado, enquanto estava numa posição-sujeito lixeiro, trabalhando sozinho e à mercê da exploração e da discriminação.

Assim, mesmo que cada uma das SDs desta FP tenha sua materialidade específica, com expressões de funcionamentos discursivos diferentes, temos como aspecto comum a coletividade e a autogestão, as quais nos dirigem aos saberes anarquistas e à matriz do sentido em que organizamos este recorte, “União como potencial de força da categoria”.

A maneira como estão unidos os sujeitos desta pesquisa, em associações, que se constituem em espaços para a capacitação ao trabalho, bem como para o exercício da democracia, pois passam a contar com um lugar onde são ouvidos, retoma os princípios anarquistas. Estes tiveram como berço a Primeira Internacional (AIT), quando, segundo Martins (2000, p. 16), o movimento cooperativo/associativo foi apontado como uma das forças transformadoras da sociedade, portanto, decisivo para uma nova realidade, a da garantia de liberdade e igualdade aos proletários. Dito de outra forma, os mesmos saberes anarquistas que perpassavam a organização e a sustentação dos operários em ligas, associações e confederações, após a AIT, em 1866, estão presentificados no discurso dos catadores desta FP.

Desse modo podemos dizer que a materialidade discursiva enunciada por esses sujeitos remete ao discurso outro anarquista. Isso porque, mesmo sem conhecerem sobre o anarquismo, tampouco sobre a importância histórica da AIT, seus discursos (eixo da formulação), isto é, o intradiscurso aponta para outros dizeres que retomam sentidos (interdiscurso) já instituídos pela sociedade com base nos princípios anarquistas.

Como bem ressalta Leonello (2010, p. 19), mesmo que diferentes teorias tenham se dedicado a estudar questões de ação coletiva, expressa no associativismo, o objetivo é o mesmo: a proposição de um modelo de sociedade que luta por igualdade, sem perder de vista aspectos como sustentabilidade e consagração de indivíduos livres, emancipados, verdadeiros donos de seus destinos.

Na próxima subseção 3.5.12 representa o último recorte, estão organizadas SDS que expressam a realização pessoal dos sujeitos catadores.

3.5.12 Representação da e na (sobre)vida

Na subseção anterior trouxemos que os princípios de solidariedade e de autogestão estão arraigados no anarquismo e os evidenciamos nas SDs. Entretanto, a busca dos anarquistas não contemplou apenas as questões da vida laboral dos proletários, mas perpassou pela vida do homem como um todo.

Segundo Woodcock (1975, p. 25-31), para os anarquistas o viver só é pleno quando inclui amor, trabalho e “comunhão social”, e a vida deveria ser uma festa, uma canção de amor, repleta de entusiasmo e felicidade. O autor explica que a partir da ideia de vida simplificada, o anarquismo vê o progresso não como acúmulo de bens materiais ou complexidade crescente de estilos de vida, mas atenta para uma moralização da sociedade através da supressão da autoridade, da desigualdade e da exploração econômica. Além disso, como traz Schons (2006, p. 107), prega que o controle da produção e da distribuição de mercadorias deve acontecer sem a presença do Estado, levando em consideração a corrente do coletivismo.

Mobilizando esse universo que não vislumbra apenas o homem enquanto trabalhador, mas que o vê como um ser que precisa ser completo, realizado em todos os campos de sua vida, é que organizamos a família parafrástica 12. Este recorte reúne seis SDs, nas quais temos registrado na materialidade não apenas a realização do indivíduo pelo trabalho, mas de modo especial enquanto pessoa.

Quadro 25: Família Parafrástica 12: Realização pessoal

Matriz do sentido	Estruturas linguísticas que remetem à relação parafrástica “Realização pessoal”
REALIZAÇÃO PESSOAL	<p>SD 51 - [...] gosto de trabalhar com isso aí, gosto mesmo [...]. Me sinto bem como catadora, não tenho vergonha, nunca tive [...]. Daí então tudo isso aí é importante o serviço da gente de catador. Não lembro, não tenho palavras pra descrever a importância que tem, se todo mundo valorizasse como é pra ser, será melhor ainda né, não tenho palavras! Catador 15, junho de 2014.</p>
	<p>SD 52 - Aqui eu me sinto muito bem, muito feliz [...]. Então eu me sinto muito feliz aqui com elas, pelo pouco que eu ganho, mas me ajuda. Pra mim esse projeto é uma alegria, uma benção de Deus. Catador 16, junho de 2014.</p>
	<p>SD 53 - Tem pessoas que tem vergonha de dizer que é catador, mas eu tenho orgulho. Em cada que eu vou, aonde eu pego meus material. Catador 17, junho 2014.</p>
	<p>SD 54 - [...] sinto bem, gosto do que eu faço, já trabalhei como doméstica [...]. Catador 19, junho de 2014.</p>
	<p>SD 55 - Faz 24 anos que eu trabalho, toda a vida sempre gostei de lidar na catação. Catador 20, junho de 2014.</p>

Fonte: Elaboração da autora, grifo nosso.

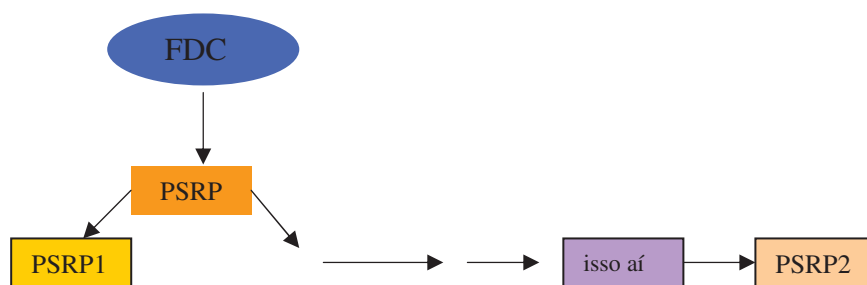
A SD 51 nos apresenta regularidades como *gosto de trabalhar, gosto mesmo, me sinto bem, não tenho vergonha, é importante o serviço da gente, não tenho palavras pra descrever a importância*. A discursividade trazida por esses enunciados aponta para um contexto que ultrapassa o âmbito do trabalho desses sujeitos, que a partir do linguístico demonstra a felicidade não apenas com o *trabalhar*, o *serviço*, mas indica que está caminhando para uma vida realizada. A realização não se centra nos ganhos financeiros, apesar de esses serem importantes, tendo em vista que os catadores têm como compromisso trazer o sustento para a família, mas tem um entendimento maior à medida que um sujeito que há pouco tempo se via comparado a um animal no exercício de seu trabalho, hoje sente-se bem e consegue exprimir a realização pessoal ao se referir ao que faz.

Essas pistas levam a entender que estamos diante de um sujeito que enuncia da posição realizado-pessoalmente (PSRP). Expressa gostar de trabalhar e, na mesma perspectiva, aciona o imaginário em relação ao trabalho, o que notamos em *importante o serviço da gente*. A partir da condição de associado passou a ter outra relação com seu

trabalho, pois, além de limpar, agora tem o entendimento de que também contribui de forma direta para a preservação do meio ambiente e, ainda, para a qualidade de vida na terra. Já na perspectiva pessoal, enuncia se sentir bem, ou seja, já não convive de modo tão explícito com a discriminação, já é visto pelo olhar da sociedade no sentido de almejada consideração, que Haroche (2008, p. 76) aborda. Assim, de invisível e emissor de barulhos, já que sua voz não era ouvida, nasce um novo cidadão, que não apenas é considerado e recebe visibilidade pelo olhar da sociedade, mas que conhece, mesmo que timidamente em espaços específicos como as associações, o verdadeiro sentido de cidadania.

Na mesma materialidade há outras marcas que podemos apontar, as quais indicam para certo distanciamento do sujeito com o material que trabalha, bem como com o que faz. Temos as regularidades *gosto de trabalhar com isso aí*, na qual o sujeito faz referência aos materiais recicláveis, e *tudo isso aí é importante*, ponto onde aborda a relevância de seu trabalho. O uso de *isso aí* nas duas oportunidades evidencia um desprezo implícito tanto com os materiais como com a catação, fazendo emergir uma movimentação discursiva do catador na PSRP. O que queremos dizer é que em determinado momento está mais identificado com esta posição, e em outro se distancia dessa. Para ilustrar nosso pensamento, propomos a Figura 4:

Figura 6: Movimentação do sujeito na PSRP na SD 51



Fonte: Elaboração da autora.

Na ilustração, a PSRP1 representa o discurso do sujeito quando está identificado com a PSRP, remete à vida plena não só com aspectos positivos no trabalho, mas em outros campos. A PSRP2 representa um distanciamento do sujeito da PSRP, pois ao enunciar *isso aí* indica certa desconsideração, tanto em relação ao material que trabalha, os recicláveis, como também pelo seu trabalho, a reciclagem. Apesar dessa movimentação do sujeito dentro da posição pelo que Indursky (2000, p. 16) designou como fragmentação da forma-sujeito, assim

como a FD também é heterogenia, ele não deixa a PSRP, pois os implícitos que remetem à realização pessoal são dominantes.

Outro ponto que podemos assinalar na SD 51 é em relação ao enunciado *se todo mundo valorizasse como é pra ser, será melhor ainda né!*. A partir do qual temos dois pontos para refletir: primeiro, o emprego da conjunção condicional *se*, o segundo, o *né!*. O uso da conjunção que exprime condição mostra que o sujeito tem conhecimento que nem todas as pessoas valorizam seu trabalho, isto é, mesmo com os apelos das campanhas de conscientização em relação à importância desses sujeitos para o meio ambiente e limpeza e organização do urbano, ainda há os que não reconhecem essa evidência. Ao empregar o *né!*, o sujeito interpela o ouvinte para conquistar a sua adesão ao discurso no sentido de compartilhar a mesma ideia. Desse modo, as duas expressões revelam o próprio imaginário do sujeito em relação a como os habitantes do espaço urbano os veem, indicando que não se sentem totalmente valorizados, apesar de internamente o Projeto já ter lhe proporcionado o entendimento de sua relevância, intervindo no sentimento de realização pessoal. Cabe salientar ainda que em AD, pelo imaginário, o sujeito produz uma espécie de “realidade” com a qual se relaciona, pois não existe produção de sentido sem o estabelecimento dessas relações que são perpassadas pela ideologia.

Na SD 52 a ocorrência das expressões *me sinto muito bem, muito feliz e é uma alegria, uma benção de Deus* indicam o sentimento de felicidade do sujeito em estar no Projeto, e mostram que o seu trabalho, antes sinônimo de discriminação e que não lhe permitia ser olhado, ou considerado pela sociedade, hoje remete a outros significados que apontam para a realização pessoal. Desse modo, diante dessa materialidade, assume também a PSRP.

Sobre o emprego de *uma benção de Deus* em específico, podemos fazer uma observação: o catador se refere ao Projeto como algo divino, que não estaria a seu alcance no plano dos homens, somente poderia ser delegado por Deus. Assim temos aqui, no eixo da formulação, ou na ordem do intradiscurso, a presença do discurso outro da religião, um dos sustentadores desta SD. É nesse nível, conforme Schons (2000, p. 83), quando há o entrecruzamento entre um e outro discurso, processo designado de interdiscurso, que o sujeito influenciado por formações ideológicas acessa à memória discursiva e enuncia pelo esquecimento número 2. Este dá a ilusão ao sujeito de que é a fonte de todo o dizer e, desse modo, também por um processo do qual não tem controle, esquece que os dizeres se cruzam e migram para outros lugares.

Na materialidade da SD 53 tomamos a regularidade *mas eu tenho orgulho*, expressão usada pelo catador para se referir ao trabalho. O sujeito ressalta *que tem pessoas que tem*

vergonha de dizer que é catador, mas afirma que ele não tem. Sente orgulho pelo ofício que realiza, o que remete ao campo do trabalho; porém, esse sentimento não incide somente nesse aspecto laboral, a condição de se orgulhar se funde à vida do sujeito como um todo, por isso na enunciação está em PSRP.

Ainda em relação ao discurso do sujeito nesta SD, assinalamos que ao dizer *tem pessoas que tem vergonha*, percebemos que não considera os que não se apresentam com orgulho como catadores. A referência usada para designar esses trabalhadores é *pessoas* e não catadores. A respeito da designação, trazemos as palavras de Guimarães (1995, p. 9). Ele afirma que o significado de um nome se dá por uma relação linguística (simbólica) remetida e exposta ao real (relação histórica). Dito de outro modo, a designação está relacionada à historicidade que os nomes evocam. Assim, retomando nosso enunciado, percebemos o porquê de a designação catador não ser usada pelo sujeito ao se referir às *pessoas*, pois não se encontra representado nelas, ou seja, o verdadeiro catador é aquele que se orgulha daquilo que faz.

O sujeito da SD 54 marca no linguístico que se sente bem e que gosta daquilo que faz. A regularidade *doméstica* que indica se tratar do discurso de uma catadora não aponta apenas o gênero do enunciatador desse discurso, mas revela que assim como as pessoas podem se sentir bem enquanto trabalhadores nessa atividade de diarista, cujos afazeres remetem a um trabalho menos sacrificado e até mais reconhecido pela sociedade, já que não trabalha com “lixo” e é protegido por uma legislação, é possível também gostar e estar realizado pessoalmente trabalhando como catador de materiais recicláveis. Evidentemente, é preciso considerar que o real da história a que está exposto hoje o trabalho de catação para os associados é bem diferente daquele que havia no passado que os remetia a condição de lixeiros.

Observamos na última SD deste trabalho o emprego de *sempre gostei de lidar na catação*, enunciado que, mesmo sem as marcas expressas anteriormente, *faz 24 anos e toda a vida*, evidencia que a história do sujeito foi construída diante do ofício da reciclagem. O verbo gostar⁵⁹, a partir do significado que encontramos no dicionário, remete a algo que dá satisfação em fazer, que a pessoa tem inclinação, tem por hábito ou simpatia. Desse modo, entendemos que, mesmo que a vida tenha lhe apresentado outras oportunidades de trabalho, numa gama bastante restrita de possibilidades provavelmente não se distanciaram de

⁵⁹ Significado a partir da versão digital do *Dicionário Aurélio*. Endereço : <<http://www.dicionariodoaurelio.com/>>.

atividades ligadas à força braçal, já que o domínio da língua escolar é condição para ascender no mundo profissional de saberes capitalistas, a catação se tornou a única “escolha possível”.

Em relação à materialidade desta família parafrástica ainda queremos refletir sobre o funcionamento, nas SDs, dos verbos gostar e sentir, regularidades estas presentes na maioria das sequências. Para isso organizamos o Quadro 26:

Quadro 26: Funcionamento discursivo do sintagma verbal

Enunciado	Sequência discursiva	Funcionamento discursivo
gosto de trabalhar [...], gosto mesmo	SD 51	relação com o trabalho
sinto muito feliz aqui	SD 52	relação com o Projeto
sinto bem, gosto do que eu faço	SD 54	relação com o trabalho
Sempre gostei de lidar na catação	SD 55	relação com o trabalho

Fonte: Elaboração da autora, grifo nosso.

O quadro mostra que apesar desses verbos serem empregados no mesmo recorte, portanto, diante das mesmas condições de produção, estabelecem relações e funcionamentos diferentes nas SDs. Nas SDs 51, 54 e 55 os verbos são utilizados em referência ao trabalho, ao gostar e sentir-se bem com aquilo que faz. Já na SD 52 sentir apresenta outra discursividade, refere-se ao sentir-se feliz em estar no Projeto, o qual designa pelo marcador espacial *aqui*. Isso faz ressoar uma das noções trazidas em Pêcheux (1995, p. 161). Para ele, uma mesma palavra ao se relacionar com outras expressões pode adquirir sentidos diferentes; o que determina o sentido, então, é o relacionamento dos enunciados com a ideologia. Do mesmo modo, os sentidos podem ser os mesmos em palavras diferentes, mas que dentro de uma determinada FD passam a ter o mesmo funcionamento.

Por fim, retomando a matriz do sentido a partir da qual organizamos este recorte “Realização pessoal”, verificamos que há, sim, mesmo que em algumas oportunidades de maneira tímida, a presença dos saberes anarquistas nas SDs desta FP. A recorrência das palavras *feliz*, *alegria* e *orgulho* sustentam esses saberes destacados por Woodcock (1975, p. 25-31), de que a vida vai além dos princípios de solidariedade e autogestão relacionados ao trabalho, também inclui amor, comunhão social, ou seja, os sentimentos que incidem na realização pessoal.

Ainda podemos trazer a importância do político para a realização pessoal, pois entendemos que ninguém chega a esse sentimento se não se entender como cidadão. Então, o político a que nos referimos é o estudado por Rancière (1996, p. 26-123), a partir do qual o homem tem a posse da palavra que manifesta o justo e o injusto e, do mesmo modo, que

externaliza os medos e a realização pessoal. A palavra é, do ponto de vista político, a que permite a quebra da ordem da dominação pelo capital, possibilita que os “sem-parcelas” deixem de emitir apenas um barulho, passando a se inscreverem na sociedade enquanto cidadãos numa condição de igualdade, assim como o percurso realizado pelos catadores acompanhado nas 12 famílias parafrásticas analisadas.

3.6 (Re)Significando o lixo

O percurso que realizamos até aqui foi no sentido de mostrar como o sujeito catador, a partir de uma nova relação com o lixo, portanto, com a (re)significação do mesmo a partir do projeto Profissão Catador: entre o viver e o sobreviver do lixo, buscou visibilidade para seu trabalho; como ele passou a representar-se na cidade e na vida. Diante disso, como efeito de fechamento desde momento analítico, propomos uma retomada daquilo que pontuamos em cada uma das famílias parafrásticas.

Na primeira família, organizada na subseção 3.5.1 em torno da temática “Entre a discriminação e o reconhecimento: o direito à consideração”, temos implícito que é a condição x (de ser catador e estar do Projeto) que habilita o catador ao direito de ser tratado como trabalhador e ser respeitado. Em outras palavras, se estivesse em y, que remete ao contexto desses sujeitos antes de ingressarem no Projeto, é lixeiro, é explorado.

O sujeito dessa FP interpola entre duas posições: PSL (antes do Projeto) e PST (depois do Projeto). Além disso, nesse recorte, foi mobilizado o conceito de rua enquanto não-lugar, amparados pela ótica antropológica de Augé (2005, p. 88), que entende como locais de transitoriedade e de consumo, onde as pessoas circulam sem nenhum investimento afetivo. Também trouxemos as considerações de Haroche (2008, p. 20), para quem o espaço é determinante para a construção e a formação da identidade do ser humano, que tem sofrido transformações nas formas de subjetivação, dando origem àquilo que a autora chama de “sociedade fluída”, com a ascensão do consumismo.

A segunda família parafrástica, seção 3.5.2, reuniu dizeres do sujeito catador em torno do tema “Discurso da transformação: passado-presente”. De maneira geral, o recorte circula em torno de enunciados organizados a partir de marcadores temporais. Nos indicativos de passado, o sujeito retoma as condições a que estava submetido quando identificado com a FDC, portanto, em posição-sujeito lixeiro (PSL).

Recorrendo a marcas do presente, expressa aspectos positivos em relação ao trabalho e à sua vida após ter passado a integrar o Profissão Catador, entre as quais está a prospecção enquanto membro de um grupo, o pensamento na coletividade, expressando, segundo Schons (2006, p. 107) e Woodcock (1975, p. 25), saberes com raízes anarquistas. De maneira geral, ao abordar sua situação de trabalho e de vida na atualidade, contrai-identifica-se com a FDC, assumindo posições como trabalhador (PST), associado (PSA) e cidadão (PSC).

Nessa FP também discutimos a designação lixo e reciclagem, já que verificamos que a inserção do catador no Projeto é responsável por um “novo real” que determina a instalação de uma nova designação ao material que trabalha, que de lixo passa a ser chamado de material reciclado/reciclagem.

O recorte número 03 foi analisado na subseção 3.5.6 e reuniu SDs diante do tema “Reciclagem e sustentabilidade”. Nessa materialidade, a partir do conceito de reciclagem trazido por Pinhel (213, p. 23-24), verificamos que o catador está presente em três dos cinco elos dessa cadeia. Assim, como na família parafrástica 2, o contexto de inserção do catador no Projeto determina a instalação não apenas de uma nova designação ao material que trabalha (de lixo para reciclagem), mas para o próprio ofício, o qual também passam a chamar de reciclagem. Essa constatação aponta para um deslizamento no funcionamento dessa palavra, que na maioria das vezes é utilizada pelo sujeito para designar o trabalho e não a ação de reciclar ligada ao meio ambiente. Aqui, retomamos Guimarães (1995, p. 74) para quem as designações são produzidas pelo cruzamento de posições-sujeitos distintas e por relações semânticas instáveis, ligadas ao real; entretanto, não distantes da história. As palavras da autora ilustram justamente o que encontramos nessa FP, na qual temos, de um lado, a posição-sujeito lixeiro (PSL), aquela que remete à enunciação sujeito antes de entrar no Profissão Catador; de outro, a partir do momento em que passa a ser associado, tendo acesso a uma série de conhecimentos, assume outras posições-sujeito relacionadas ao comprometimento de sustento à família (PSCF) e ao trabalho (PST).

Na FP 04, discutida na subseção 3.5.4, a partir do tema “Dignidade do trabalho de catador”, questionamos que mesmo sendo mencionado como um dos agentes importantes na Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), criada pela lei nº 12.305/2010, e tendo seu ofício citado na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), o catador ainda é desassistido em termos de legislação no Brasil, seguindo, portanto, na informalidade ante o ponto de vista dos direitos trabalhistas, fato que, de certa forma, contribui para esse “efeito” de invisibilidade do sujeito. É importante dizermos ainda que não há empresas constituídas que se ocupem da

catação, pois o catador está na informalidade por ser autônomo, assim como o mecânico, o cabeleireiro.

Em outras palavras, o mesmo indivíduo que limpa a cidade, o urbano, e presta um serviço no sentido de preservação do meio ambiente, não recebe consideração dentro desse espaço. O caminho desse sujeito em busca de reconhecimento e dignidade tem no Projeto Profissão Catador uma espécie de “divisor de águas”, interferindo diretamente na forma como passou a se relacionar com seu trabalho e no sentido de conquistar o direito da consideração por parte do urbano.

O quinto recorte foi organizado em torno de SDs sobre o tema “Preservação do meio ambiente”, na seção 3.5.5. Utilizamos como efeito de abertura das discussões o texto do artigo 225 da Constituição Federal, onde assegura a todos o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, de uso comum e essencial à sadia qualidade de vida. O ponto em que delega ao poder público, bem como à coletividade, o dever de defender e preservar o ambiente no presente e nas futuras gerações é, em nosso entendimento, o mote para as reflexões. Isso tendo em vista que o catador assume a PSAMB, o que mostra entendimento sobre a importância do seu trabalho para o meio ambiente, que também influencia na vida dos seres humanos de maneira geral, pois o catador realiza um serviço de utilidade pública tanto no âmbito da coleta do lixo como no campo da reciclagem de materiais. Caso fossem descartados, ocupariam espaço de aterros e lixões, aumentando o volume de resíduos. Percebemos também a condição de ambientalista projetada no imaginário do sujeito, que se vê em uma posição histórico-social dirigida pelos saberes de preservação do meio ambiente e de proatividade no sentido de que todos precisam fazer a sua parte, uma vez que ele já a faz, provavelmente sem nunca ter lido aquilo que está na Constituição.

Nessa FP, ao trazer presente os saberes da preservação ambiental, o sujeito catador configura o discurso outro, pois retoma dizeres que já foram ditos por outros sujeitos sobre o tema, tendo apenas a ilusão de ser a fonte. O mesmo acontece quando enuncia atitudes de civilidade (emprego de *ensinando a trabalhar e respeitar as pessoas e o meio ambiente*), as quais já ressoam em mais um discurso outro, aqui representado pela Declaração Mundial dos Direitos Humanos, pois valores como crescimento pessoal, trabalho e respeito a qualquer forma de vida também estão contemplados no próprio documento. O entrecruzamento de outros discursos no discurso do catador acontece por aquilo que Pêcheux (1995, p. 173) designa de esquecimento número 2, a partir do qual o sujeito pensa ser a origem de tudo aquilo que enuncia.

O sexto recorte reuniu, na subseção 3.5.6, SDs a partir do assunto “Aprendizado”. Nele discutimos que o acesso à capacitação tanto no campo do trabalho como na formação política, oferecida aos catadores a partir do ingresso no projeto Profissão Catador: entre o viver e o sobreviver do lixo, dá-lhes o que chamamos de “segunda chance” em termos de aprender. Contudo, não especificamente os conteúdos relativos ao domínio da língua domesticada, aquela da escola que faz funcionar o aparelho ideológico escolar, mas de se constituírem sujeitos na sua essência por meio do aprendizado de outros aspectos, que estão fazendo a diferença nesse percurso rumo à consideração e à cidadania.

O fato de aprenderem algo incide na quebra dessa ordem hegemônica capitalista e aponta para a atuação do político, que causa um litígio, segundo o que traz Rancière (1996, p. 42). Conforme o autor, a política é responsável por romper essa configuração que define a parcela e as partes, deslocando um corpo do lugar que foi designado a ele a força, ou ainda muda a destinação de um lugar, fazendo ver um discurso onde até então só havia barulho.

Na família parafrástica 07, subseção 3.5.7, o recorte ilustra o tema “O reconhecimento do ensino formal para a autonomia do sujeito”. Nesse, assim como no anterior, seguimos a reflexão sobre a língua; entretanto, aqui vemos o outro lado, aquele em que a escola, enquanto aparelho ideológico, é integrante do processo de dominação, que coloca à margem da sociedade aqueles que não têm conhecimento sobre a língua formal, justamente o que acabou por excluir os sujeitos de nossa pesquisa. Althusser (1992, p. 77) assinala que na contemporaneidade o aparelho ideológico de Estado, que assumiu a posição de dominante no capitalismo dito maduro após a luta de classe política e ideológica, é a escola.

Na sequência, verificamos que o sujeito por não dominar a língua padrão sente-se desautorizado a falar, inclusive pede desculpas, como se o fato de não saber o padrão culto, o gramatical, constituísse-se num crime. A escola deveria oferecer condições para que o catador emergente, a partir da economia solidária, se constitua num sujeito político, mas, ao contrário do que imaginamos, age como reprodutora das forças de exclusão na medida em que classifica as pessoas pelo saber da língua, o linguístico, assinalando a divisão social e, portanto, não tem o poder libertador que “muitos” ainda delegam a essa.

Na família parafrástica 08, subseção 3.5.8, foram reunidas SDs em torno do tema “Insegurança de assumir responsabilidades”. Constatamos nesse recorte que, apesar de todo o percurso dos catadores dentro do Projeto, há ainda certo medo de não conseguirem “caminhar” sozinhos, a partir da possibilidade de terem de ficar sem a presença diária da equipe de monitores auxiliando nas decisões. Não é somente a insegurança que normalmente aparece quando nos deparamos com algo novo, é, sobretudo, um medo de fracassar, de

concorrer com a possibilidade de retornar à vida de lixeiro, de explorado, de discriminado, como era antes da associação.

Já na família 09, cujas discussões estão na subseção 3.5.9, trabalhamos com a presença institucional no discurso dos catadores. Constatamos que os nomes Petrobras e Unicruz foram e estão sendo determinantes no sentido de garantir o deferimento e o direito à consideração aos catadores pela comunidade urbana, isto é, o reconhecimento, como dito por eles. A representatividade dessas instituições no sentido de serem reconhecidas, uma, em nível federal e mundial (Petrobras), outra, como uma instituição polo de ensino superior cujo histórico está arraigado com a própria cidade de Cruz Alta, interfere no imaginário da sociedade urbana, incidindo tanto para a aceitação do Projeto como para a consideração dos catadores. O fato de terem apostado nos catadores, mesmo que existam aí questões de responsabilidade social, já significa um primeiro olhar de consideração/deferimento.

O décimo recorte no qual estão reunidas as SDs sobre “A capacitação para a reciclagem” foi analisado na subseção 3.5.10. Observamos, a partir do que propõe Pinhel (2013, p. 23-24) sobre reciclagem, que o catador está presente em três dos cinco elos do processo. Pela materialidade, o sujeito aponta a aprendizagem de como esse processo deve acontecer, principalmente no que tange à separação correta dos materiais. Até mesmo expressa que a entrada no Projeto também está possibilitando que conheça toda a logística de reciclagem, roteiro que antes de ser associado não tinha a oportunidade de acompanhar. Em alguns momentos, ao descrever o funcionamento do trabalho de separação e enfardamento dos materiais no galpão, remete ao dia a dia de uma empresa, fazendo circular saberes de cunho capitalista onde cada trabalhador é visto como uma espécie de engrenagem. Esse imbricamento de ideologias, segundo Indursky (2000, p. 16), leva a que a forma-sujeito da posição-sujeito em que está, nesse caso reciclador, se fragmente; contudo, não muda de posição, apenas se distancia dessa.

A família parafrástica 11 foi organizada a partir do tema “União como potencial de força da categoria”. Para as análises movimentamos os conceitos de solidariedade e autogestão, os quais, segundo Schons (2006, p. 106-107), têm raízes no anarquismo. De maneira geral constatamos que os sujeitos marcam no linguístico e no discursivo saberes de coletividade, de união, de espírito de equipe, que têm vivenciado após sua inserção no Profissão Catador. Há então, nessa família, o discurso outro anarquista. Mesmo sem conhecerem sobre o anarquismo, tampouco da importância histórica da Primeira Internacional, considerada o berço desses saberes, seus discursos apontam para outros dizeres

que retomam sentidos (interdiscurso) já instituídos pela sociedade com base nos princípios anarquistas.

Por fim, trazemos a família parafrástica 12, discutida na subseção 3.5.12 e organizada sobre o assunto “Realização pessoal”. Neste recorte, novamente, constatamos que ressoam saberes anarquistas, tendo em vista que além dos princípios de coletividade e autogestão também prega vida plena. Nas palavras de Woodcock (1975, p. 25-31), o viver para os anarquistas só é pleno quando inclui amor, trabalho e “comunhão social”; a vida deveria ser uma festa, uma canção de amor, repleta de entusiasmo e felicidade. Assim, nessa materialidade temos registrado não apenas a realização do indivíduo pelo trabalho, mas de modo especial enquanto pessoa.

Para organizar esta retomada elaboramos um quadro-resumo que mostra os principais conceitos mobilizados em cada FP, bem como a movimentação do sujeito:

Quadro 27: Retomada dos gestos interpretativos das famílias parafrásticas (continua)

Família Parafrástica	Conceitos mobilizados	Movimentação do sujeito catador	Posições assumidas
01 - Entre a discriminação e o reconhecimento: o direito à consideração	<ul style="list-style-type: none"> - identificação / contraidentificação com a FD (Pêcheux); - não-lugar (Augé); - espaço enquanto decisório para a subjetivação humana (Haroche); - sociedade fluída (Haroche); - consumismo (Marx); 	<ul style="list-style-type: none"> - a condição x (de ser catador e estar no Projeto) o habilita ser tratado como trabalhador e respeitado; - PSL (antes do Projeto) e PST (depois do Projeto); 	<ul style="list-style-type: none"> - PSL; - PST;
02 - Discurso da transformação: passado-presente	<ul style="list-style-type: none"> - identificação e contraidentificação com a FD (Pêcheux); - nós - não-pessoa discursiva (Indursky); - designação (Guimarães); - saberes anarquistas (Schons); - vida plena (Woodcock); 	<ul style="list-style-type: none"> - refere ao material que trabalha antes do Projeto como lixo; - com o ingresso no Projeto passa a denominar o material que trabalha de material reciclável; - designa seu trabalho como reciclagem; - começam a surgir as primeiras manifestações de coletividade; 	<ul style="list-style-type: none"> - PSL; - PST; - PSA; - PSC; - PSPT;
03 - Reciclagem e sustentabilidade	<ul style="list-style-type: none"> - reciclagem (Pinhel); - identificação e contraidentificação com a FD (Pêcheux); - designação (Guimarães); - exclusão do mercado de trabalho – catação como única forma de sustento 	<ul style="list-style-type: none"> - catador integra três dos cinco elos de reciclagem; - depois do Projeto deixa de chamar lixo e passa a dizer reciclagem, tanto para a ação que realiza quanto para o trabalho; - deslizamento de sentido de reciclagem – meio ambiente para trabalho; 	<ul style="list-style-type: none"> - PSCF; - PSL; - PST;

(continua)

	(Bosi);	- PSL – antes do Projeto; - PST e PSCF – depois do Projeto;	
04 - Dignidade do trabalho de catador	- Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), criada pela lei nº 12.305/2010 ; - Classificação Brasileira de Ocupações; - identificação e contra-identificação com a FD (Pêcheux); - fragmentação da forma-sujeito (Indursky); - direito à consideração (Haroche);	- há documentos que o reconhecem como importante na gestão dos resíduos, bem como que oficializam a profissão pela CBO; - não existe uma legislação específica que proteja esses sujeitos, fato que contribui para que sigam como informais; - realiza um trabalho de limpeza do urbano e em prol do meio ambiente, contudo a sociedade urbana não o reconhece - o Projeto dá-lhes a oportunidade de serem considerados pela sociedade;	- PSP; - PSC; - PSL;
05 - Preservação do meio ambiente	- artigo 225 da Constituição Federal; - Declaração Mundial dos Direitos Humanos; - a condição de ser humano (Arendt); - esquecimento número 2 (Pêcheux);	- meio ambiente bem de todos e que deve ser cuidado pela coletividade; - universalidade dos direitos do homem - condição de pessoa é o requisito único para a dignidade e titularidade de direitos; - dois discursos perpassam o dizer do catador: o da Constituição Federal e o da Declaração do Direitos Humanos;	- PSAMB;
06 - Aprendizado	- Aparelho ideológico escolar (Althusser); - litígio, quebra – política (Rancière); - designação (Guimarães); - contraidentificação com a FD (Pêcheux);	- catadores são excluídos pelo aparelho ideológico escolar, contudo há uma quebra a partir dos conhecimentos que os catadores têm acesso no projeto; - apesar de não dominarem a língua, estão tendo ascensão e seguem no percurso de busca da autonomia e consideração pela sociedade; - a posição-sujeito associado aprendiz (PSAA), contraidentificando-se com a forma-sujeito universal da FDC;	- PSAA;
07- O reconhecimento do ensino formal para a autonomia do sujeito	- aparelho ideológico escolar (Althusser); - língua domesticada (Dorneles) reforça as diferenças; - político (Rancière); - identificação com a forma-sujeito (Pêcheux);	- o catador, por não dominar a língua escolar, sente-se desabilitado a falar, ou fala, mas pede desculpas; - funcionamento do aparelho ideológico escolar reforça as diferenças, diz quem sabe e não sabe a língua; - sujeito em posição lixo, identificado com a forma-sujeito da FDC;	- PSL;
08 - Insegurança de assumir responsabilidades	- identificação e contraidentificação com a forma-sujeito da FD (Pêcheux); - possibilidade de saída	- os sujeitos têm medo de, ao ficarem sozinhos, sem a presença das instituições, fracassarem; - têm receio de ter de voltar àquela realidade de exploração e	- PSSA;

(conclusão)

	das instituições; - corpos flutuantes (Rancière);	discriminação; - por estarem ainda caminhando e evidenciarem o medo na linguagem estão em PSSA;	
09 - A presença da Petrobras e da Unicruz	- consideração e deferimento (Haroche); - presença institucional – Unicruz/Petrobras; - contraidentificação com a forma-sujeito da FD (Pêcheux); - imaginário (Pêcheux);	- a representatividade das instituições em termos de credibilidade e aceitação pela sociedade reincidente no Projeto e nos catadores; - os nomes Unicruz e Petrobras influenciam no imaginário da sociedade urbana trazendo deferimento e a consideração aos sujeitos;	- PSA; - PSCF;
10 - Capacitação para a reciclagem	- reciclagem (Pinhel); - contraidentificação com a forma-sujeito da FDC (Pêcheux); - fragmentação da forma-sujeito (Indursky);	- catador presente em três dos cinco elos da cadeia de reciclagem; - tem a oportunidade de acompanhar a logística de seu trabalho como um todo; - circulação de saberes capitalistas provoca a fragmentação da forma-sujeito da PSR;	- PSR;
11 - União como potencial de força da categoria	- princípios anarquistas (Schons); - ideias cooperativistas (Rego e Moreira); - Manifesto Comunista (Marx e Engels); - contraidentificação com a forma-sujeito da FDC (Pêcheux);	- o espírito de coletividade e união entre os catadores enquanto associados ressoa saberes anarquistas de autogestão e solidariedade; - a circulação de saberes anarquistas faz com que se contraidentifiquem com a forma-sujeito da FDC, ocupando a PSA;	- PSA;
12 – Realização pessoal	- vida plena (Woodcock); - contraidentificação com a forma-sujeito da FDC (Pêcheux);	- realização do indivíduo pelo trabalho, mas, de modo especial, enquanto pessoa;	- PSRP;

Fonte: Elaboração da autora

Desse modo, a retomada dos sentidos que circularam em cada uma das famílias parafrásticas mostrou que a principal mudança está localizada na maneira como o sujeito passou a se relacionar com o lixo. Evidentemente que nesse processo de (re)significação, o fato de ter passado a integrar o projeto Profissão Catador: entre o viver e sobreviver do lixo foi decisivo, pois é a partir dessa “nova vida” que teve acesso à capacitação tanto para o trabalho como para a cidadania. Mudaram também as projeções no imaginário do sujeito catador tanto em relação a si como da sociedade urbana sobre o seu trabalho. As mudanças, então, não se mostraram apenas no campo do trabalho, mas na vida de modo geral.

A (re)significação do lixo não acontece somente em termos de designação quando os sujeitos, a partir da nova relação com o mesmo, passam a chamá-lo de material reciclável. No

nosso ponto de vista, o sentido de (re)significar, aqui, está centrado mais especificamente na transformação da vida desses sujeitos, ou seja, de tirá-los da invisibilidade no sentido do sentimento de pertencimento ao urbano.

FIM DO TRAJETO, MAS NÃO DOS SENTIDOS

Do mesmo modo que “saímos à rua” em nossas considerações iniciais, é chegado o momento de parar. É “fim do trajeto”. Contudo, aqui, esse “fim” não representa que os sentidos do discurso dos catadores de materiais recicláveis foram todos identificados e analisados, representa uma parada. Não expressa o esgotamento da discursividade, mas, sim, um efeito de fechamento desta dissertação, já que jamais conseguiremos imaginar, nem controlar, todos os sentidos possíveis em um discurso, mesmo que, pelo esquecimento número 2, o da ordem da enunciação, tenhamos a ilusão de que isso é possível.

Para a Análise de Discurso, o sentido, que não é transparente, se constrói na relação entre discursos, ou seja, um dizer aponta para outros dizeres, num processo discursivo que não tem ponto final. As palavras estão em movimento, em vista disso, há múltiplas possibilidades de leitura de um determinando discurso e cada analista, sujeito em sua essência, desde sempre interpelado pela ideologia, realiza os seus gestos interpretativos.

Desse modo, o que queremos assinalar é que as análises realizadas neste estudo não devem ser encaradas como certas ou erradas, mas como gestos de leitura que, assim como o discurso, são perpassados pela ideologia.

Desde as páginas iniciais estamos entendendo a cidade, o urbano, como um espaço em que temos mais do que um emaranhado de construções organizadas, até mesmo desorganizadas. Nossa concepção é a de um local público, de encontros, convivência, às vezes até de permanência e de trabalho, como é o caso dos sujeitos de nossa pesquisa, assim como tantos outros, entre os quais estão os vendedores ambulantes, artistas de rua. Cabe aqui pontuar, então, que se trata de um espaço de informalidade, local onde estão aqueles com pouca ou nenhuma “expressão” perante a sociedade, porque não têm a oportunidade de “fala” e, portanto, do exercício do político. Desse modo, mesmo estando todos os dias no urbano, os catadores têm um sentimento de não-pertença em relação a esse lugar, pois, formalmente, não são considerados, nem reconhecidos.

Entretanto, tratar dos catadores de materiais recicláveis não se resumiu em apenas pensarmos na cidade enquanto espaço constitutivo de sentidos, por isso, no primeiro capítulo, trouxemos outras reflexões que se mostraram frutíferas para as análises. Abordamos que a ocupação territorial e o crescimento da população geraram a necessidade de aumento da produção, numa relação direta com as raízes do capitalismo. É nesse universo da criação de necessidades e bens descartáveis, de consumismo, bem como de discurso de sustentabilidade

que presenciamos o surgimento do ofício de catação, que acabou sendo uma alternativa de para um contingente importante de pessoas, as quais passaram a ter de tirar da rua, num contexto de exploração e discriminação, o sustento. Também discutimos sobre o político expresso pela palavra que manifesta as injustiças e a respeito da organização dos catadores em associações, tomando como exemplo o projeto Profissão catador: entre o viver e o sobreviver do lixo, no qual estão inseridos os sujeitos enunciadores da materialidade que analisamos.

No segundo capítulo trabalhamos os conceitos-chave da Análise de Discurso. Iniciamos refletindo sobre a relação entre língua-discurso-ideologia, a qual é complementada a partir do sujeito, que, quando enuncia, é interpelado pela ideologia materializada na língua. Ainda traçamos uma linha em torno da definição da categoria de sujeito, trazendo a tomada de posições a partir da circulação de saberes dentro da formação discursiva, numa relação com o ideológico, o imaginário, bem como a memória enquanto interdiscurso.

Por fim, no terceiro e último capítulo, trouxemos nossos gestos analíticos. Inicialmente pontuamos a respeito do arquivo documental e construído. Ainda fizemos um percurso teórico sobre a noção de condições de produção, expressando o contexto histórico-social e, dessa forma, a exterioridade da materialidade das SDs. Também abordamos a sintaxe como constitutiva de um observatório dos discursos. Além disso, tendo em vista a organização das sequências discursivas em recortes de temas afins, trouxemos a paráfrase, enquanto processos parafrásticos, a partir da qual há sempre algo que se mantém entre os discursos. A partir disso, organizamos 12 famílias parafrásticas, diante de temas recorrentes no arquivo.

As análises mostraram que ao enunciar sobre sua condição de trabalho e vida antes do Projeto, de maneira geral, o sujeito ocupa posição-sujeito lixeiro (PSL) e está identificado com a forma-sujeito da FD coletor. Há apenas uma oportunidade que, ao expressar sobre o antes, temos um sujeito que está em outra posição, a pedinte (PSPT) e inscrito na FD mendigo, já que não trabalha na catação e vive de doações que recebe de transeuntes.

Já ao discursivizar sobre sua vida após ter ingressado no Profissão Catador e, portanto, em contato com saberes trazidos pelas capacitações em diferentes aspectos, como trabalho, cidadania, reciclagem, meio ambiente, assume 10 posições diferentes: posição-sujeito ambientalista (PSAMB), posição-sujeito associado aprendiz (PSAA), posição-sujeito associado (PSA), posição-sujeito chefe de família (PSCF), posição-sujeito cidadão (PSC), posição-sujeito profissional (PSP), posição-sujeito realizado-pessoalmente (PSRP), posição-sujeito reciclador (PSR), posição-sujeito subautônomo (PSS) e posição-sujeito trabalhador (PST). Todas essas contraidentificadas com a forma-sujeito da FDC.

Sobre a tomada de posição precisamos assinalar duas questões importantes: primeiro, a respeito do sujeito que antes do Projeto estava em PSPT e inscrito na FDM, o qual, ao ser conduzido ao Profissão Catador, passa a assumir PST e a se inscrever na FDC, protagonizando uma desidentificação, ou seja, uma espécie de rompimento com a FD em que estava; o segundo ponto é quanto à questão do sujeito em PSS, que apesar de evidenciar que não se sente seguro para dar andamento ao trabalho sem a presença da equipe de monitores, entendemos que, por estar no caminho da autonomia, portanto se fortalecendo no sentido de constituição de um profissional que toma suas decisões em relação ao trabalho, está contraidentificado com a forma-sujeito da FDC. Contudo, não podemos ignorar que essa insegurança evidenciada na materialidade possa representar, de alguma forma, que em seu imaginário ainda ressoam saberes relacionados ao seu histórico de lixeiro.

Verificamos também que essa nova relação estabelecida com os materiais que trabalha, além de incidir na tomada de posição desse sujeito no discurso, reflete no imaginário que ele tem a respeito do entendimento da sociedade em relação ao seu trabalho, o que implica o sentimento de consideração e pertença ao espaço em que está. Parece-nos então que, aos poucos, está sendo enfraquecida aquela contradição histórica de que o mesmo sujeito que limpa o urbano e que acaba prestando um serviço de utilidade pública ao meio ambiente, bem como à sociedade, a partir da catação que gera a reinserção do “lixo” no ciclo produtivo, não é reconhecido pelo urbano, tampouco tem seu trabalho valorizado. O que queremos dizer é que esses sujeitos vêm deixando de ser (in)visíveis como “massa flutuante”, estão emergindo novos cidadãos.

Temos que assinalar, aqui, que, além de projetos como o Profissão Catador, a própria Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) tem se mostrando importante no sentido de contribuir para a valorização daqueles que trabalham com materiais recicláveis, tendo em vista que se trata de um documento oficial de abrangência federal, mas que atinge a destinação dos resíduos diretamente nos municípios, que, a partir de estudos locais, precisam propor os planos de gestão desses materiais levando em consideração a cadeia de reciclagem já estabelecida.

Outro ponto importante que tem evidenciado o trabalho dos catadores e, portanto, contribuído para a valorização dos mesmos, são as discussões em torno do desenvolvimento sustentável, a partir do qual tem sido difundida a ideia de suprir as necessidades dos seres humanos sem comprometer o futuro das próximas gerações, isto é, o desenvolvimento econômico e científico sem prejudicar o meio ambiente, o que implica o uso dos recursos naturais de maneira consciente para que se mantenham no futuro.

Antes de pararmos, neste “fim de trajeto”, ainda nos reservamos a oportunidade de reafirmar a importante contribuição que a Análise de Discurso pode dar no âmbito da inovação de tecnologia social, propondo a observação e a leitura de discursos em diferentes contextos e, socializando não apenas resultados de pesquisas, mas propondo a reflexão sobre a contemporaneidade. E, como nos traz Orlandi (2001, p. 9), a AD “[...] nos coloca em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem”. (ORLANDI, 2001, p. 9).

Por fim, queremos retomar o título de nosso trabalho *O poder simbólico do lixo: a (Re)-Emergência do sujeito excluído pelo urbano*, o qual esperamos, que por meio de nossas discussões, tenhamos conseguido explicar. Mesmo assim, em outras palavras, o que quisemos dizer ao propor esse título é que o mesmo material, isto é, o “lixo”, que é responsável por marginalizar esses sujeitos no sentido de remeter a algo sujo e que deve ser descartado é aquele que tem possibilitado, evidentemente a partir de uma nova designação (material reciclável), a emergência de um novo cidadão, que vivia e trabalhava no urbano, mas que não era reconhecido como parte dele.

REFERÊNCIAS

AIUB, G. F. Arquivo em Análise do Discurso: uma breve discussão sobre a trajetória teórico-metodológica do analista. *Leitura*, Maceió, n. 50, p. 61-82, jul./dez. 2012. Disponível em: <www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/download/1149/784>. Acesso em: 10 set. 2014.

ALTHUSSER, L. (1918). *Aparelhos Ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Tradução Walter José Evangelista, Maria Laura Viveiros de Castro. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ARENDT, H. *Origens do totalitarismo*. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *A condição humana*. Tradução Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARISTÓTELES. *Política*. Tradução Roberto Leal Ferreira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AUGÉ, M. *Não-Lugares*. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução Maria Lúcia Pereira. 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

BANDEIRA, M. *Estrela da Vida Inteira*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARRATO, G. O sujeito barrado do inconsciente: O sujeito do pensamento e do desejo. *Psicologia Argumento*. Curitiba, v. 30, n. 69, p. 239-244, abr./jun. 2012. Disponível em: <www2.pucpr.br/reol/index.php/pa?dd1=5970&dd99=view> . Acesso em: 25 maio 2014.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

BAUMAN, Z. *Vida para consumo*: a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BRASIL. Constituição da República Federal do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 12 set. 2014.

BRASIL. Política Nacional de Resíduos Sólidos. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/pol%C3%ADtica-de-res%C3%ADduos-s%C3%B3lidos>>. Acesso em: 12 set. 2014.

BENVENISTE, É. (1995). *Problemas de lingüística geral*. Tradução Maria da Glória Novak, Maria Luisa Néri. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995. v. I.

BOBBIO, N.; MATTIEUCCI, N.; PASQUINO, J. Dicionário de política. Tradução Carmem C. Varriale, et. al. 11. ed. Brasília, GO: UNB, 1998.

BOSI, A. de P. A organização capitalista do trabalho "informal": o caso dos catadores de recicláveis. *Revista Brasileira de Ciências Sociais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais*, São Paulo, v. 23, n. 67, p. 101-116, jun. 2008. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=10713674008>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

CHAVES, W. C. *A determinação do sujeito em Lacan: da reintrodução na psiquiatria à subversão do sujeito*. São Carlos: Edufscar, 2005.

COURTINE, J. J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Tradução Patrícia C. R. Reuillard. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009.

COSTA, F. B. da. *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. São Paulo: Globo, 2008.

DIAS, G. F. *Educação Ambiental: princípios e práticas*. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2004.

DORNELES, E. Discurso sobre a língua e a constituição da língua da escola. In: SCHONS, C. R.; CAZARIN, E. A. (Org.). *Língua, escola e mídia: en(tre)laçando teorias, conceitos e metodologias* Passo Fundo-RS: Universidade de Passo Fundo, 2011. p. 34-47.

DUTRA, A. M. et. al. Desenvolvimento econômico e sustentabilidade: Enfrentando os desafios de cooperar. In: CASTRO, M. J. et. al. (Org.). *Relações de cooperação para geração de trabalho e renda: Realidade e perspectivas na região Centro-Sul do Paraná*. Bauru, SP: Canal, 2011. Disponível em: < <http://www2.unicentro.br/editora/files/2012/11/relacoes.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2014.

ELIA, L. *O conceito de sujeito*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

FEDATTO, C. P. *Margem do sujeito no espaço público*. 2007. 94 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2013. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000410345>>. Acesso em: 12 maio 2014.

FOUCAULT, M. (1969). *A arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FUCHS, C. A paráfrase lingüística: equivalência, sinonímia ou reformulação? *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Tradução João Wanderley Geraldi. Campinas, São Paulo: Unicamp, n. 8, p. 129-134, 1985.

GORBÁN, D. Reflexiones alrededor de los procesos de cambio social en Argentina: el caso de los cartoneros". *Revista Electrónica de Estudios Latinoamericanos*, Buenos Aires, p. 3-15, jul./set, 2004. Disponível em: <<http://www.catedras.fsoc.uba.org/>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo: a análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 3. ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2010. p. 161-183.

GUIMARÃES, E. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da*

linguagem. Campinas, SP: Pontes, 1995.

HAROCHE, C. O comportamento de deferência: do cortesão personalidade democrática. Tradução: Jacy Alves de Seixas. *História: Questões & Debates*. Curitiba, n. 42, p. 115-139, 2005. Disponível em: <ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/historia/article/download/4652/3803>. Acesso em: 12 set. 2014.

_____. *A condição do sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente*. Tradução de Jacy Alves de Seixas e Vera Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

_____. Maneiras de ser e de sentir na aceleração e a ilimitação contemporânea. *Cadernos Metrópole*, São Paulo, v. 13, n. 26, p. 359-378, jul./dez. 2011. Disponível em: <www.cadernosmetropole.net/download/cm_artigos/cm26_215.pdf>. Acesso em: 12 set. 2014.

HENRY, P. Construções relativas e articulações discursivas. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, SP, n. 19, p. 43-64, 1990.

INDURSKY, F. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

_____. O sujeito e as feridas narcísicas dos lingüistas. *Gragoata*, Niterói, RJ, n. 5, p. 111-120, 1998a.

_____. Prática discursiva da leitura: uma prática reflexiva. In: _____ (Org.). *A leitura e os leitores*. Campinas, SP: Pontes, 1998b. p. 7-24.

_____. A fragmentação do sujeito em Análise do Discurso. In: INDURSKY, Freda; CAMPOS, Maria do Carmo. *Discurso, memória e identidade*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 2000. p. 70-81.

_____. Da interpelação a falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva. In: BARONAS, R. I. (Org.). *A análise de discurso: apontamentos para a uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007. p. 75-87.

_____. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S.; GIRGOLETTTO, E.; CAZARIN, A. E. (Org.). *Práticas discursivas e identitárias: Sujeito e língua*. Porto Alegre, 2008. p. 9-33.

LACAN, J. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. In: _____. *O Seminário - Livro 11*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

LEANDRO FERREIRA, M. C. A língua da análise de discurso: esse estranho objeto de desejo. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (Org.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos, SP: Claraluz, 2005. p. 213 - 218.

LEFF, E. *Saber Ambiental*. Petrópolis: Vozes, 2001.

LEONELLO, J. C. *O associativismo como alternativa de desenvolvimento na dinâmica da*

economia solidária. 2010. 242 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Universidade Estadual de São Paulo, Franca, SP, 2010. Disponível em: <<http://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/ServicoSocial/leonello.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2014.

LOURES, R.C. da R. *Sustentabilidade XXI: educar e inovar sob uma nova consciência*. São Paulo: Gente, 2009.

MAGALHAES, B. J. *Liminaridade e Exclusão: os catadores de materiais recicláveis e suas relações com a sociedade brasileira*. 2012. 131f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD92MLVK/texto_final_para_cd.pdf?sequence=1>. Acesso em: 2 nov. 2014.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução Freda Indursky. 3. ed. Campinas, SP: Pontes; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MARANDIN, J. M. Sintaxe, discurso: do ponto de vista da análise do discurso. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 117-141.

MARTINS, A. (Org.). *O cooperativismo no pensamento marxista: Marx, Rosa, Karl, Lenin, Mao*. n. 2, São Paulo: CONCRAB, 2000.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Livro II. Tradução: Reginaldo Sant'Anna. 21. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996a.

_____. *O capital: crítica da economia política*. Livro I. Tradução: Reginaldo Sant'Anna. 21. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996b.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. Tradução José Luis e Rosa Sundermann: São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://arquivo.rosana.unesp.br/docentes/patriciaramiro/MODERNIDADE%20E%20SOCIEDADE/KARL%20MARX%20Manifesto%20Comunista.pdf>>. Acesso em: 12 ab. 2014.

ORLANDI, E. P. Segmentar ou recortar. *Linguística - Questões e Controvérsias*, Uberaba, MG: Faculdades Integradas de Uberaba, n. 10, p. 9-26, 1984.

_____. Discurso, imaginário social e conhecimento. *Revista em Aberto*, Brasília, n. 61, jan./mar. 1994.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos de trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. A leitura proposta e os leitores possíveis. In: _____ (Org.). *A leitura e os leitores*. Campinas, SP: Pontes, 1998.

_____. *Cidade Atravessada: Os Sentidos Públicos no Espaço Urbano*. Campinas-SP: Pontes, 2001a.

_____. *Análise de Discurso. Princípios & Procedimentos*. 3. ed. Campinas-SP: Pontes, 2001b.

_____. (Org.) *Para uma enciclopédia da cidade*. Campinas: Pontes, 2003.

_____. *Análise de Discurso*. In: ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Org.). *Discurso e Textualidade*. Campinas, SP: Pontes, 2006. p. 11-31.

_____. *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

_____. *Discurso em Análise: Sujeito, sentido e ideologia*. 2. ed. Campinas-SP: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, São Paulo, n. 19, p. 7-24, jul./dez. 1990a.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni P. Orlandi et. al. Campinas, SP: Pontes, 1990b.

_____. (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas - SP: Editora da Unicamp, 1995.

_____. *A Análise de discurso: três épocas (1983)*. Tradução Bethânia S. Mariani et al. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997a. p. 311-315.

_____. *Análise automática do discurso (AAD-69)*. Tradução Bethânia S. Mariani et al. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997b. p. 61-161.

_____. (1982) *Ler o arquivo hoje*. Tradução Maria das Graças Lopes Morin do Amaral. In: ORLANDI, Eni Puccinelli et al. (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 55-66.

_____. *Efeitos discursivos ligados ao funcionamento das relativas em Francês*. In: ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2011.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. *A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975)*. Tradução Bethânia S. Mariani et al. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma Introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997. p. 163-179.

PETRI, Verli. *Contribuições da análise de discurso para o ensino de línguas: em busca da desconstrução da unidade imaginária*. In: SCHONS, Carme Regina; CAZARIN, Ercília Ana (Org.). *Língua, escola e mídia: en(tre)laçando teorias, conceitos e metodologias*. Passo Fundo, RS: UPF Editora, 2011. p. 25-33.

PINHEL, J. R. *O catador de materiais recicláveis*. In: _____ (Org.). *Do lixo à cidadania. Guia para a formação de cooperativas de catadores de materiais recicláveis*. São Paulo:

Peirópolis, 2013. p. 16-30. Disponível em: < <http://recicloteca.org.br/blog/index.php/2013/09/10/do-lixo-a-cidadania-guia-para-formacao-de-cooperativas-de-catadores-de-materiais-reciclaveis/> >. Acesso: 15 set. 2013.

PROJETO PROFISSÃO CATADOR. Cruz Alta, 2014.

RANCIÈRE, J. *O desentendimento: política e filosofia*. São Paulo: Editora 34, 1996.

RÁSIA, Gesualda. Semântica do acontecimento: um olhar sobre a cidade, seus nomes e suas práticas políticas. *Conexão Letras - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre*, v. 2, n. 2, 2006. Disponível em: < <http://www.artistasgauchos.com/conexao/2/cap12.pdf> >. Acesso em: 26 jun. 2014.

RÊGO, E. E. do; MOREIRA, E. Cooperativismo: uma breve discussão teórico-conceitual perpassando pelo socialismo utópico, marxista e anarquista. *Okara - Geografia em debate*, v. 7, n. 1, p. 63-80, 2013. Disponível em: < www.okara.ufpb.br/ojs/index.php/okara/article/download/16111/9186 >. Acesso em: 6 set. 2014.

SERRANI, Silvana M. *A Linguagem na Pesquisa Sociocultural*. Um estudo da repetição na discursividade. Campinas, São Paulo: Unicamp, 1993.

SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 2003.

SCHONS, C. R. *Saberes anarquistas: reiteraões, heterogeneidades e rupturas*. Passo Fundo, RS: UPF Editora, 2000.

_____. *“Adoráveis” Revolucionários: produção e circulação de práticas político-discursivas no Brasil da Primeira República*. 2006. 282 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

VENTURINI, M. C. *Rememoração/Comemoração: prática discursiva de constituição de um imaginário urbano*. 2008. 233 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2008. Disponível em: < http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2165 >. Acesso em: 2 set. 2014.

WOODCOCK, George. *Anarquismo: Uma história das idéias e movimentos libertários*. Porto Alegre: L&PM, 1975.

ZOPPI-FONTANA, M. É o nome que faz a fronteira. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (Org.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999. p. 202-215.

ANEXOS

ANEXO 1

Carta 1 (transcrita pela equipe do Projeto)

Com o projeto temos condições de termos também bastante divulgações do nosso trabalho e somos convidados a participar de vários eventos para divulgar o projeto e o nosso trabalho que é bastante discriminado, pois acham que agente que trabalha com reciclagem é lixeira, mas catadora é uma profissão digna e honesta como ou melhor do que várias outras pois somos ambientalistas ao mesmo tempo trabalhando pois cuidamos da nossa natureza que não é só dos catadores.

Catador 1 , março de 2013.

Carta 2 (escrita pelo catador)

“importante para nós aprender negociar os nossos material para quando nos ficar sozinho o projeto e a petrobras nos deixar vai ser dificio porque nos não temo estudo suficiente para nós aprender negosiar com as industria é muito importante para nos ver que a vida dos inprezarios é dificio para nos vira de catador para negociador mas eu peso paciencia com nos para petrobras e a unicruz é dificio e se novo mundo para nós catador de rua para catador de projeto desculpe pelas palavras erradas.

Catador 2, março de 2013.

Carta 3 (transcrita pela equipe do projeto)

O trabalho dentro do galpão é muito bom. O processo começa com a chegada do material, depois os catadores começa a triagem e o processo de enfardamento. Depois de feito o fardo, é pesado e colocado no lugar dos fardos quando chega o dia da venda , é carregado os fardos no caminhão e levado para o comprador.

E logo após é feita a limpeza do galpão, e esperamos a chegada de mais materiais. É um trabalho sacrificoxo, mas é importante e nos torna mais unidos.

Aprendemos a separar os materiais da maneira correta, ganhamos experiência e aprendemos a usar as maquinas do jeito certo.

Dividimos as tarefas, e cada um sabe o que fazer para o bom andamento do galpão.

Cumprimos horário, e sempre sentamos para conversar quando aparece algum problema interno, e votamos para decidir qual a melhor maneira de resolver.

Catador 3, Catador 4, Catador 5, março de 2013.

Carta 4 (transcrita pela equipe do projeto)

A venda de materiais é muito importante, pois através dela nossa renda aumentou e também podemos pesquisar e vender para quem paga mais, valorizando assim nosso trabalho. Também não precisamos vender para os atravessadores, que pagam um preço muito abaixo do valor, prejudicando nosso trabalho e desvalorizando nós.

É através da venda que aprendemos a negociar nossos materiais, sentido-nos mais motivados a realizar nosso trabalho mais organizado, porque temos a certeza que no dia da venda, vamos ter uma renda maior e mais digna, e que valeu a pena nosso esforço e dedicação.

Catador 6, março de 2013.

Carta 5 (transcrita pela equipe do projeto)

O Projeto Profissão Catador nos beneficiou muito pois podemos comprar o nosso sonhado caminhão e com ele melhorar um pouco mais nossa renda e a nossa sede onde é feita as negociações de compra e venda do nosso material, temos também duas assistentes sociais, dois monitores que nos auxiliam em tudo que agente precisa.
Catador 7, março de 2013.

Carta 6 (transcrita pela equipe do projeto)

Aos meus 54 anos de idade descobri que tenho mais um talento dentro de mim. Lidar com material reciclável.

Melhorou muito com a entrada da BR, o projeto melhorou, porém pode melhorar mais, eu estou no galpão não faz muito tempo, porém sempre participei do curso Fazendo Arte e Reciclando Vidas e foi ali que eu vi que vale apenas eu me dedicar mais e mais.

Estando no galpão direto eu vejo pelo material que nós reciclamos que tem como ajudar a melhorar o meio ambiente.

A garrafa de vidro, eu ajunto todas, e se tem como transformar em copo eu faço. Então alguém vai seguir meu exemplo e assim vamos ajudar o planeta.

A garrafa vai pro lixo. Podemos transforma-la em copo, taça, artesanato, etc...

Catador 8, março de 2013.

Carta 7 (escrita pelos catadores)

Em relação ao mês de janeiro mês de fevereiro e março.

Foi 3 mês de cem% de trabalho que a nossa equipe de trabalhadores da unicruz que são a Lídia, Luciana e Mario e Ana. Nos ajuda arrumar firmas para doar materiais para o nosso galpão e depois que se realizou a nossa platicinadora petebraz.

Nós não vencemos sair catar nas ruas porque as firmas traz para nós aqui no galpão. E se nos facilitar não vencemos arrumar o material que dão para nós.

E nome de nossa equipe de trabalho Petrobras nos agradecemos por ter acreditado em nosso trabalho

Obrigado Petrobras

Catador 9, março de 2013.

Carta 8 (transcrita pela equipe do projeto)

Eu gostei muito da viagem que fiz Para Soledade. Fomos com o caminhão do projeto Petrobras e com o monitor do projeto o Mario- acompanhei a pesagem do fardos, o valor da venda, o preço do material observei e escutei tudo que vi e ouvi, sobre o modo de fazer os fardos, o tipo de material que não deve ser misturados.

Foi uma viagem muito interessante que o projeto Petrobras me proporcionou. Pois, pude aprender mais coisas importantes a respeito do nosso trabalho de catador. Agradeço ao projeto por essa oportunidade e espero participar mais vezes.

Catador 10, março de 2013,

Carta 9 (escrita pelo catador)

Petrobras é muito importante para nós porque antes da Petrobras chegar para *nós* não era respeitado. Nós se sentia um animal mexendo no lixo. A pessoa virava o rosto para os

catadores e hoje com a Petrobras nos semo respeitado por todos, semos tratados como trabalhadores.

Mas também somos gratos ao projeto que nos ensinam a trabalha nas maquinas e somo unido por uma razão de podermo nos orgulhar de nós mesmo. Oje gostaria de poder que se nós foce mais unido nós conseguiria mais doque nós imaginamos, nós não podemos parar porque o sonho continua.

Antes do galpão vir até nós tínhamos uma vida razoável. Hoje nós temos vários benefícios, como aprendemos a melhorar nossa responsabilidade uns com os outros e com o meio ambiente. Mas melhor foi conhecer as pessoas que nos ensinão melhorar a cada dia mais, como classificar o lixo e também tomar nosas próprias atitudes, vivendo do lixo e também convivendo com diferente classe. Assim nos daremos melhores na vida. Os nosos filho ensinando a trabalhar e a respeitar as pessoas e o meio ambiente.

A nossa renda é onesta. A Petrobras é o melhor projeto que aconteceu para nós.

Esperamo que não abandone nós catadores.

Desculpe pelo erro eu sei poco escrever.

Catador 11, julho de 2013

Carta 10 (escrita pelo catador)

O meu depoimento como catadora que nos catamos, trazemos para o galpão. Cada um faz os seus fardos pesagem. Colocamos as iniciais do primeiro nome para não aver erro na viagem. Vai dois representante dos galpões para acompanhar tudo o que acontecê na viagem a nova pesagem o pagamento da Empresa para os responsável que foram junto. Antes tratemos com a empresa que vai compra os materiais coletivo os preços/ nós as quatro associação se reunimo para ver o melhor preço, pesquisamo a onde pagam mais para mandarmos os material reciclável.

O que tem dado para cada catador nós não reclamamos porque têm dado para pagar as contas e cada família se manter não temos do que nos queixar”.

Muito obrigado Unicruz e Petrobras por apoiar e nos ensinar / sem vocês nós não seria reconhecidos / hoje como somos.

Vamos nos unir as Associação para trocarmos ideias e trabalhar cada vêz mais porque sem união não vamos a lugar nenhum.

Catador 12, julho de 2013.

ANEXO 2

Entrevista 1

- Quem é o catador de materiais recicláveis?

É um cidadão como qualquer cidadão humano, como presidente, como médico, como quem quer que seja. Só ao contrário do catador ele teve não tem aquele privilégio de trabalhar mais simples. Então o que que acontece: ele com o material reciclado é sobreviver para viver né, e a função dele é essa eu acho. O catador é uma profissão que cada um tem que respeitar, porque se não existisse o catador como seria o lixo no mundo, no Brasil? Acredito eu que seria a melhor maneira de responder a tua pergunta.

- Como a sociedade enxerga vocês?

Ta melhorando, há anos atrás, eu não faz muito tempo que participo, mas há anos atrás a profissão era visto meio assim, meio assim, tentando denegria imagem do catador. Hoje em dia não, se você assume que você é catador, as pessoas te dão confiança. Eu por exemplo não tenho dificuldade nenhuma em entrar num estabelecimento e me identifico. Então a gente a gente é respeitado pela profissão que a gente tem.

Catador 13, junho de 2014.

Entrevista 2

- Quem é o catador de materiais recicláveis?

Sou eu, somos nós, as pessoas que catamos.

- Como a sociedade enxerga vocês?

Agora mudou bastante, mas antigamente a gente era tratado como lixeiro, lixeiro mesmo, mexiam com a gente xingava a gente. Faziam horrores. Com o projeto a vida mudou, mudou pra melhor, tanto que eu trabalhava de doméstica e comecei na catação com meu marido. Meu marido faz mais de 20 anos que é catador. A gente consegue tirar o sustento.

Catador 14, junho de 2014.

Entrevista 3

- Quem é o catador de materiais recicláveis?

É a reciclagem, eu fui criada com a reciclagem, criei e to criando meus filhos com a reciclagem. Só que antigamente não era reciclagem era catador de lixo e agora foi Projeto Catador. Me sinto bem como catadora, não tenho vergonha, nunca tive, vivo disso, me criei com isso aí, to criando meus filhos, dei estudo pra eles. Eu quase não tive estudo porque tive que trabalhar, mas com meus filhos foi diferente né. E tudo com ajuda de material reciclagem né. E o dinheiro veio tudo dali, e do Bolsa família também, portanto assinei minha carteira só uma vez né. Sempre trabalhei com isso aí.

- Como a sociedade enxerga vocês?

Antigamente não era valorizado, as pessoas não davam valor antigamente, Eu to com 41 ano, pensa bem 20 anos atrás. Não era valorizado, agora não, o pessoal dá valor, já pra isso já tem o projeto né, então foi dado mais importância, mais valor pro trabalho da gente e gosto de trabalhar com isso aí, gosto mesmo e meus filhos tem de tudo e tudo vem daí, a minha filha mais velha terminou o estudo dela, meu piá também terminou, a mais nova tá no terceiro ano, agora vai ver lá na Unicruz, se escreve nesse projeto... quer fazer faculdade né. Daí então tudo isso aí é importante o serviço da gente de catador. Não lembro, não tenho palavras pra descrever a importância que tem, se todo mundo valorizasse como é pra ser, será melhor ainda né, não tenho palavras!

Catador 15, junho de 2014

Entrevista 4

- Quem é o catador de materiais recicláveis?

(silêncio) A minha vida modificou porque eu não tinha trabalho, por falta de estudo, daí as assistente social me colocaram aqui. Aqui eu me sinto muito bem, muito feliz. Larguei de ficar numa praça sentada, dependendo de pedir dinheiro, pedindo pra sustentar meus netinhos. Tem um neto de 9 anos que se encontra no Lar, tem outro que ta com um aninho e dois meses que eu crio desde que saiu do hospital. Meu filho, pai de menino está preso e a minha filha mora comigo, mas não é habilitada. Então eu me sinto muito feliz aqui com elas, pelo pouco que eu ganho, mas me ajuda. Pra mim esse projeto é uma alegria, uma benção de Deus.

Catador 16, junho de 2014.

Entrevista 5

- Quem é o catador de materiais recicláveis?

Tem pessoas que tem vergonha de dizer que é catador, mas eu tenho orgulho. Em cada que eu vou, aonde eu pego meus material. Com projeto melhorou, antes a gente vendia pra os picareta né e agora nós tamo aqui trabalhando junto, aumentou o dinheiro pra nós.

- Como a sociedade enxerga vocês?

Mudou sim.

Catador 17, junho de 2014.

Entrevista 6

- Quem é o catador de materiais recicláveis?

O catador é uma pessoa que ajuda o meio ambiente, ajuda as pessoas né, ajuda pra as crianças que vão vim pro meio ambiente ficar melhor e sei lá pra ajudar todo mundo a ter consciência que se tiver ambiente mais limpo vai ter mais... porque com o catador que ta reciclando a gente vai viver mais, nossos filhos vão viver mais, mais capacidade para viver. Muda muita coisa na cidade e a gente também faz um dinheiro bom. Sei lá eu, eu sou mãe solteira.

Melhorou bastante depois que entrei no projeto, a gente tem mais renda no caso, e eu tenho mais consciência do que e o lixo, antes não tinha pensava que não era nada, do que pode fazer, que não é lixo é reciclagem. Muita gente fala lixo, mas pra mim é reciclagem. Até as vezes eu brigo coma as gurias, não é lixo é reciclagem.

- Como a sociedade enxerga vocês?

Não faz muito tempo que to, mas mudou sim.

Catador 18, junho de 2014.

Entrevista 7

- Quem é o catador de materiais recicláveis?

Pra mim é aquela pessoa que sai na rua, com carrinho ou carroça na rua. Pega o material, aí traz pra cá

- A vida melhorou depois que entrou no projeto?

O valor é maior, gente ganha mais. Me sinto bem, gosto do que eu faço, já trabalhei como doméstica, também faço artesanato com material que eu acho.

Catador 19, junho de 2014.

Entrevista 8

- Quem é o catador de materiais recicláveis?

Somos nós, eu.

- Como a sociedade enxerga vocês?

Faz 24 anos que eu trabalho, toda a vida sempre gostei de lidar na catação. Depois que entrei no projeto a vida melhorou bastante. Eu trabalhava e era muito explorado. Melhorou cento por cento.

Catador 20, junho de 2014.

Entrevista 9

- Quem é o catador de materiais recicláveis?

Somos nós, que também temos a seletiva aqui dentro.

- Como a sociedade enxerga vocês?

Tinham e tem ainda. Ainda tem gente lá no centro que quando vêm a gente mexendo no lixo xingam a gente bastante. Tenho 3 pequenos, então daí eu me sustento da reciclagem. Catador 21, junho de 2014.

Entrevista 10

- Quem é o catador de materiais recicláveis?

Sou eu, é bom, a gente consegue as coisas. Com a reciclagem eu consegui um monte de coisa dentro de casa, as minhas coisas são tudo da gaitota. Com aquilo que achei ou ganhei.

Sustento sozinha meus dois filhos, meu marido trabalha, mas bota tudo fora com outras coisas, daí eu tenho que sustentar a casa sozinha.

Catador 22, junho de 2014.

ANEXO 3



DETALHAMENTO DAS AÇÕES:

OBJETIVO 1

Organizar os catadores de Tupanciretã, Julio de Castilhos e Salto do Jacuí e avigorar a organização coletiva das associações já existentes em Cruz Alta.

AÇÕES

1.1 Realizar diagnóstico dos catadores nos novos municípios.

Será elaborado um instrumento (formulário) que será aplicado aos catadores dos municípios novos envolvidos no projeto. O propósito do diagnóstico é obter informações sobre a realidade da gestão dos resíduos nos municípios bem como da situação familiar e de trabalho dos catadores. A mobilização para aplicação dos formulários ocorrerá articuladamente e com apoio dos Departamentos e Secretarias de Assistência Social dos municípios.

O diagnóstico em cada um dos municípios novos será realizado nos quatro primeiros meses de execução do projeto. O diagnóstico servirá para estimar o número real de catadores existentes nos municípios. O número de formulários preenchidos em cada um dos municípios será o indicador de resultado desta ação que será evidenciada através do relatório de apresentação dos resultados do diagnóstico elaborado a partir das abordagens.

1.2. Estimular o trabalho associativo.

Nas associações já existentes será dado continuidade ao estímulo ao trabalho associativo através das capacitações previstas, do acompanhamento diário das atividades através de orientações quanto ao método de trabalho coletivo, envolvimento dos trabalhadores nas negociações e demonstração dos números relativos a produção e renda dos associados.

A realização desta ação será evidenciada através de relatórios de: participação elaborado a partir das fichas de associados, venda e partilha mensal das associações e venda em volume de material e financeiro. Também poderão ser evidenciados através das fotos e atas de reuniões realizadas com objetivo de tratar de assuntos relacionados ao trabalho associativo. A meta desta ação, especialmente para as novas associações é o aumento em 60% do volume comercializado.

1.3. Criar e implantar método de gestão e operação para as associações e para a rede.

Um profissional da área de administração coordenará o trabalho diário dos monitores de associações, dos catadores contratados (coordenadores de base) em cada uma das associações e realizará um trabalho articulado aos Assistentes Sociais. Este profissional será assessorado por um docente do Curso de Administração da UNICRUZ. Será criado um método de gestão e operação para cada uma das associações e também para a comercialização dos materiais por meio da rede.

O profissional será responsável também pela elaboração do plano de negócios e estabelecimento do método de trabalho que abrangerá os aspectos da produção e financeiro, para as associações, considerando que cada grupo tem os seus interesses e suas características próprias, incluindo forma de produção, horário de trabalho, atribuições de cada integrante na associação e partilha de resultados. O planejamento das associações contemplará o estabelecimento de estratégias, metas e indicadores para controle nas associações, bem como a prestação de contas e demonstração dos resultados em cada uma das associações.

A meta desta ação, especialmente para as associações é o aumento de 50% da renda dos trabalhadores até o término do projeto.

INDICADORES	EVIDÊNCIAS	
PERÍODO		
1. Numero de catadores abordados em cada um dos três municípios.	Relatório de apresentação do diagnóstico elaborado a partir das abordagens	Mensalmente
2. Número de catadores trabalhando organizados em associações.	Relatório de participação elaborado a partir das fichas cadastrais de associados	Mensalmente
3. Numero de evasão dos catadores das associações.	Relatório de participação elaborado a partir das fichas de associados	Mensalmente
4. % aumento da renda	Relatório de venda e partilha mensal das associações	Mensalmente
5. % aumento do volume comercializado.	Relatório de venda em volume de material e financeiro	Mensalmente

OBJETIVO 2

Fortalecer a infraestrutura das associações existentes e das novas associações

AÇÕES

2.1. Adquirir equipamentos.

Para os três municípios onde será iniciado o trabalho de organização dos catadores serão adquiridos equipamentos adequados e fundamentais para a realização das atividades de coleta, triagem e comercialização de materiais reciclados, tais como prensa, balança e picotadeira, conforme consta no orçamento do projeto.

Prensa Hidráulica e Balança de precisão para os municípios de Julio de Castilhos e Tupanciretã, caixa de ferramentas, mesa de separação, fragmentadora de papel industrial e big bags para os municípios de Cruz Alta, Tupanciretã, Salto do Jacuí e Julio de Castilhos; picotadora de médio porte para os municípios de Tupanciretã, Salto do Jacuí e Julio de Castilhos. Para as associações do município de Cruz Alta devido as mesmas já contarem com relativa infraestrutura serão adquiridos alguns equipamentos que ofereçam condições de aprimorar ainda mais os níveis de produção, tais como: mesas de triagem e picotadeira para grandes volumes de papéis, conforme consta no orçamento.

2.2. Adquirir veículos.

Serão adquiridos dois caminhões de médio porte para a realização da prestação de serviço pelas associações de catadores do município de Cruz Alta. Existe uma parceria importante com a Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente deste município que sinalizou a possibilidade da contratação das associações se houverem as condições para que isso ocorra.

2.3. Construir e reformar galpões .

Para que os grupos apresentem condições efetivas para a realização do trabalho através do recurso financeiro serão construídos dois galpões em terrenos cedidos pelas prefeituras dos municípios de Tupanciretã e Júlio de Castilhos e reformado galpão cedido pelo município de Salto do Jacuí. Nestes locais ocorrerá a triagem, pesagem e beneficiamento dos materiais recicláveis para a comercialização com a indústria. As prefeituras destes municípios assinaram um documento se comprometendo com a doação dos terrenos, Conforme consta em anexo.

INDICADORES	EVIDENCIAS	PERÍODO
Número de associações contratadas para prestação de serviço de coleta serviço.	Lista e fotos de reuniões para negociações e documento de formalização de prestação de serviços	Semestralmente
7. Número de eventos e festividades com a participação dos catadores no recolhimento dos materiais recicláveis.	Lista e fotos de reuniões para negociações e documento de formalização de prestação de serviços	Semestralmente
8. Grau de satisfação do poder público e da comunidade quanto a	Depoimentos da comunidade e de agentes	Bimestralmente

prestação de serviço.

públicos

OBJETIVO 3

Promover a capacitação dos catadores.

AÇÕES:

3.1. Capacitar os catadores em gestão.

A capacitação será desenvolvida através de um módulo de 10 horas envolvendo a participação especialmente dos catadores das novas associações. Os catadores das associações antigas serão estimulados a participar das capacitações, no entanto a participação será obrigatória para aqueles que se inseriram às associações após a realização das capacitações ofertadas por ocasião do primeiro projeto, ou seja, que não participaram das mesmas. Este módulo será ministrado especialmente por professores da Universidade de Cruz Alta das áreas de Administração e Ciências Contábeis e pelos técnicos que trabalham no projeto. Haverá a participação dos catadores antigos no planejamento e desenvolvimento dos módulos através de orientações e relatos de experiências. Os catadores participantes serão certificados pela participação. Os locais de realização das capacitações serão definidos levando em consideração a facilidade de acesso e participação dos catadores.

Este módulo será desenvolvido uma vez em cada um dos municípios envolvidos no projeto. Pretende-se contar-se- a com a participação de 80% dos catadores cadastrados nas associações novas e 80% dos novos catadores cadastrados das associações antigas de Cruz Alta.

No módulo de gestão serão abordados:

- planejamento,
- custos,
- organização do ambiente de trabalho,
- comercialização e viabilidade econômica.

3.2. Capacitar os catadores em produção.

A capacitação será desenvolvida através de um módulo de 10 horas envolvendo a participação especialmente dos catadores das novas associações. Os catadores das associações antigas serão estimulados a participar das capacitações, no entanto a participação será obrigatória para aqueles que se inseriram às associações após a realização das capacitações ofertadas por ocasião do primeiro projeto, ou seja, que não participaram das mesmas. Este módulo será ministrado especialmente por professores da Universidade de Cruz Alta das áreas de Administração e Engenharia da Produção e pelos técnicos que trabalham no projeto. Haverá a participação dos catadores antigos no planejamento e desenvolvimento dos módulos através de orientações e relatos de experiências. Os catadores participantes serão certificados pela participação. Os locais de realização das

capacitações serão definidos levando em consideração a facilidade de acesso e participação dos catadores.

Este módulo será desenvolvido uma vez em cada um dos municípios envolvidos no projeto. Pretende-se contar-se a com a participação de 80% dos catadores cadastrados nas associações novas e 80% dos novos catadores cadastrados das associações antigas de Cruz Alta.

No módulo de produção serão abordados:

- os modos de produção,
- organização da produção,
- indicadores e avaliação da produtividade.
- aspectos relacionados a segurança no trabalho.

3.3. Capacitar os catadores em cidadania.

A capacitação será desenvolvida através de um módulo de 10 horas envolvendo a participação especialmente dos catadores das novas associações. Os catadores das associações antigas serão estimulados a participar das capacitações, no entanto a participação será obrigatória para aqueles que se inseriram às associações após a realização das capacitações ofertadas por ocasião do primeiro projeto, ou seja, que não participaram das mesmas. Este módulo será ministrado especialmente pelos Assistentes Sociais da Universidade de Cruz Alta. Haverá a participação dos catadores antigos no planejamento e desenvolvimento dos módulos através de orientações e relatos de experiências. Os catadores participantes serão certificados pela participação. Os locais de realização das capacitações serão definidos levando em consideração a facilidade de acesso e participação dos catadores.

Este módulo será desenvolvido uma vez em cada um dos municípios envolvidos no projeto. Pretende-se contar-se a com a participação de 80% dos catadores cadastrados nas associações novas e 80% dos novos catadores cadastrados das associações antigas de Cruz Alta.

No módulo destinado a cidadania será abordada temas relacionados a:

- valorização do trabalhador,
- políticas públicas e sustentabilidade em todas as suas dimensões com ênfase na ambiental.

3.4. Capacitar os catadores para a prestação de serviços de coleta seletiva.

A capacitação será desenvolvida através de um módulo de 10 horas envolvendo a participação especialmente dos catadores das associações do município de Cruz Alta. Este módulo será ministrado por profissionais do projeto da Universidade de Cruz Alta. No planejamento e desenvolvimento dos módulos haverá a participação dos catadores. Os catadores serão certificados pela participação. Os locais de realização das capacitações serão definidos levando em consideração a facilidade de acesso e participação dos catadores.

Este módulo será desenvolvido vez em cada um dos municípios envolvidos no projeto. Pretende-se contar-se a com a participação de 70% dos catadores cadastrados nas associações antigas de Cruz Alta.

Neste módulo serão abordados temas relacionados ao:

- manuseio e logística adequada para a execução do serviço pelos catadores associado,
- responsabilidades no trânsito.

INDICADORES	EVIDÊNCIAS	PERÍODO
9. Número de participantes em cada módulo de capacitação.	Fotos e listas de presenças das capacitações	Mensalmente
10. Número de associações atuando com base em seu plano de negócio e constituídas por catadores qualificados para exercer as suas atividades de trabalho e os seus direitos sociais.	Depoimento dos profissionais (área da administração) do projeto. Relatórios.	Mensalmente

OBJETIVO 4

Intensificar a sensibilização da população quanto a importância da reciclagem para a sustentabilidade.

AÇÕES

4.1. Realizar campanhas educativas em escolas, empresas e nas residências.

A campanha educativa nas escolas será planejada e realizada conjuntamente com a Secretaria Municipal de Educação e Coordenadoria de Educação. Além de realizar atividades específicas nas escolas haverá participação da equipe em eventos e atividades realizados pelos referidos órgãos.

Nas empresas serão realizadas palestras de sensibilização acerca da importância sócio ambiental da separação adequada dos materiais e será proposta a parceria para doação dos materiais recicláveis para as associações, no caso das empresas que ainda não são parceiras.

Com relação as empresas parceiras, quando da verificação de problemas relacionados a não regularidade das doações dos materiais ou mistura de materiais será realizado alguma atividade de orientação (oficina, palestra ou distribuição de material impresso).

Para as residências será realizado um roteiro e cronograma de abordagem para as residências dos bairros da cidade com entrega de materiais educativos e orientações pelos próprios catadores.

Salienta-se que na campanha haverá o envolvimento dos próprios catadores e da equipe com sugestões. Serão criadas peças publicitárias e diversas ações, conforme consta no plano de comunicação tendo como base a experiência do primeiro projeto patrocinado pelo Petrobras – Desenvolvimento e Cidadania.

A meta é que a campanha contribua para aumentar em 60% o volume dos materiais coletados e 60% da quantidade dos materiais recebidos nas associações até o término do projeto

A meta desta ação é realizar uma atividade de sensibilização por mês em escolas e empresas no município de Cruz Alta e atingir 30 residências a cada dois meses.

Nos demais municípios a meta é realizar ou participar de uma atividade de sensibilização a cada 3 meses.

INDICADORES	EVIDENCIAS	PERÍODO
11. Número de atividades realizadas nas escolas e empresas	Relatório a partir dos termos de parceria, relatório de volume de doações, relatório e fotos das atividades de sensibilização.	Bimestralmente
12. Número de geradores parceiros		
13. Número de domicílios abordados.		
14. % de aumento do volume do material coletado.	Depoimento dos catadores. Registro documental.	Trimestralmente
15. Número de visitas recebidas para conhecer o projeto.	Relato da equipe técnica e números de acessos as redes sociais do projeto. Registro documental. Fotos.	Trimestralmente
16. % de aumento da quantidade dos materiais recebidos nas associações	Relatório de produção	Bimestralmente

OBJETIVO 5

Garantir a melhoria das condições de trabalho e de vida dos catadores.

AÇÕES:

5.1. Monitorar os aspectos relacionados a segurança no trabalho.

Os catadores receberão EPIs adquiridos com recursos do projeto. Durante o período de execução do projeto será realizado no mínimo uma capacitação sobre a utilização destes equipamentos em cada uma das associações que será ministrada por profissional competente. Buscar-se-á estabelecer parceria com o Corpo de bombeiros dos municípios para que estes realizem alguma atividade de orientação.

O monitoramento ocorrerá especialmente através do incentivo constantemente pela equipe do projeto (monitores das associações e os catadores contratados (coordenadores de base)) que criarão um processo de notificações e ações de incentivo para aqueles trabalhadores que não estiverem utilizando os equipamentos.

A ação será evidenciada através de depoimentos dos profissionais Assistentes Sociais, monitores e ou coordenadores de base e fotos das atividades específicas de orientação acerca da segurança de trabalho.

5.2. Facilitar a inserção dos catadores na rede sócio assistencial municipal.

Este processo será conduzido pelos profissionais do Serviço Social que trabalharão articuladamente com a rede sócio- assistencial dos municípios, buscando orientar e encaminhar as famílias dos catadores para atendimento das demandas sociais que as mesmas apresentam tais como: cadastramento do bolsa família, atendimento na rede de saúde, acompanhamento de situações do judiciários ligadas a crianças e adolescentes vítimas de violência ou que cometeram ato infracional entre outras.

Estes profissionais serão responsáveis também pela formação política e de cidadania dos catadores associados. Estarão atentos e fomentando o cumprimento da legislação e políticas ligadas aos resíduos, bem como a identificação de demandas e organização de capacitações voltadas as estas.

INDICADORES	EVIDENCIAS	PERÍODO
17. Número de ocorrências de acidentes de trabalho.	Depoimentos dos profissionais Assistentes Sociais e Monitores. Registro documental.	Bimestralmente
18. Número e incidência de notificações quanto a não utilização de equipamentos de proteção individual.	Relato dos monitores de associações. Registro documental. Fotos.	Mensalmente
18. Número de encaminhamentos de catadores aos programas sociais	Relatório da equipe técnica. Relação de encaminhamentos. Registro documental. Fotos. Depoimentos dos catadores.	Trimestralmente

19. Número de famílias inseridos em programas sociais

20. Número de conflitos familiares e no ambiente de trabalho registrados. Relato

OBJETIVO 6

Constituir uma rede de comercialização regional.

AÇÕES:

6.1. Formalizar cooperativa de comercialização de materiais recicláveis.

Serão realizadas atividades com os catadores participantes do projeto para expor a importância e os benefícios da cooperativa. Logo, serão tomadas todas as providências quanto a documentação para formalização da associação. Para esta etapa serão criados estatutos e regimentos com o envolvimento dos catadores.

6.2. Comercializar os resíduos coletivamente pelo melhor preço com carga fechada.

A comercialização dos materiais ocorrerá através da CENCOR que funcionará na sede do projeto e será administrada pelo profissional da área da administração contando sempre com a participação e envolvimento de catadores no processo. Através da CENCOR:

- serão contatadas as empresas de aquisição de materiais recicláveis
- ocorrerá a organização das vendas com controles de partilha junto com catadores
- haverá o controle dos custos, a organização e registros de todas as transações ocorridas.
- será realizada a comparação dos valores vendidos pela central e também no mercado local
- serão organizadas e controladas as viagens para venda de material. Um ou dois catadores sempre acompanharão o motorista nas viagens.

A realização desta ação será evidenciada especialmente através dos relatórios de acompanhamento da renda e venda elaborados pelo administrador e equipe.

A meta desta ação, especialmente para as novas associações é o aumento em 60% do volume comercializado e de 50% da renda dos trabalhadores até o término do projeto.

INDICADORES

EVIDÊNCIAS

PERÍODO

21. Número de vendas realizadas pela rede.

Relatório da equipe de acompanhamento da renda.

Mensalmente

22. Faturamento da rede.

23. % de aumento da renda dos catadores.



Secretaria Nacional de
Economia Solidária

Ministério do
Trabalho e Emprego

